

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA (PPGLIN)

FILIPPE SANTOS GUERRA

**AS CORES E AS DORES DA COMUNIDADE LGBTQIA+:
UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA HIPERTEXTUALIZAÇÃO DA MILITÂNCIA
SEXUAL E DE GÊNERO EM *POSTS* DE *FACEBOOK***

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2022

FILIPPE SANTOS GUERRA

**AS CORES E AS DORES DA COMUNIDADE LGBTQIA+:
UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA HIPERTEXTUALIZAÇÃO DA MILITÂNCIA
SEXUAL E DE GÊNERO EM *POSTS* DE *FACEBOOK***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, Significado e Discurso

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Helena de Melo Pereira

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2022

G934c	Guerra, Filipe Santos. As cores e as dores da comunidade LGBTQIA+: uma análise dialógica da hipertextualização da militância sexual e de gênero em <i>posts</i> de <i>facebook</i>. / Filipe Santos Guerra; orientadora: Márcia Helena de Melo Pereira. – Vitória da Conquista, 2022. 153f. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022. Inclui referência F. 143 – 153. 1. Dialogismo – Enunciado em <i>posts</i> de <i>facebook</i>. 2. Hipertextualização. 3. Discurso LGBTQIA+(fóbico). 4. Gênero. I. Pereira, Márcia Helena de Melo (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III CDD: 410
-------	--

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção — CRB 5/1890*
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The Colors and Pains of the LGBTQIA+ Community: a dialogical analysis of the hypertextualization of sexual and gender militance in facebook posts

Palavras-chave em inglês: Dialogism. LGBTQIA+(-phobic) discourse. Facebook post genre. Hypertextualization.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Helena de Melo Pereira (Presidente – Orientadora); Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (Membro Titular Interno); Prof. Dr. Fábio Marques de Souza (Membro Titular Externo)

Data da defesa: 23 de março de 2022.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin)

Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-7538-9693>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2587673334649573>

FILIPPE SANTOS GUERRA

**AS CORES E AS DORES DA COMUNIDADE LGBTQIA+:
UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA HIPERTEXTUALIZAÇÃO DA MILITÂNCIA
SEXUAL E DE GÊNERO EM *POSTS* DE *FACEBOOK***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da defesa: 23 de março de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Márcia Helena de Melo Pereira
(Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva
(Membro Titular Interno)
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Fábio Marques de Souza
(Membro Titular Externo)
Instituição: UEPB

Ass.: 

A Painho, Mainha e Nandinha, por nunca me deixarem esquecer que a vida é boa, mas é muito melhor quando se tem amor, afinal, “de amor andamos todos precisados! Em dose tal que nos alegre, nos reumanize, nos corrija, nos dê paciência e esperança, força, capacidade de entender, perdoar, ir para a frente! Amor que seja navio, casa, coisa cintilante, que nos vacine contra o feio, o errado, o triste, o mau, o absurdo e o mais que estamos vivendo ou presenciando.” (Carlos Drummond de Andrade)

AGRADECIMENTOS

Bakhtin diz que “ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro”. Assim, considerando as muitas costuras do tecido dialógico desta dissertação, registro, aqui, os meus mais genuínos e carinhosos agradecimentos a todos que, de alguma forma, coadjuvaram esta produção acadêmica:

À *Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB*, agradeço por ser, desde 2015, a minha segunda casa. Nessa instituição (que resiste como pública, gratuita e de muita qualidade), pude cursar Letras Vernáculas, ou, em palavras mais simples, realizar um sonho. Ao longo dos meus quatro anos de graduação, a UESB me proporcionou o melhor do tripé ensino/pesquisa/extensão, me ofertando uma educação coerente com o seu lema: “*adplenam vitam*” (para uma vida plena).

À *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES*, em primeiro lugar, agradeço formalmente, como nos é solicitado: “o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001”. Em segundo lugar, ressalto a importância das bolsas de fomento para o incentivo e a manutenção da qualidade da pesquisa brasileira. Com esse financiamento, pude me dedicar integralmente a minha pesquisa, o que fez total diferença no resultado deste laborioso processo de produção.

À *Professora Doutora Márcia Helena de Melo Pereira*, minha orientadora, agradeço por acompanhar, de muito perto, desde 2016, o meu trilhar acadêmico. O seu olhar — sempre cuidadoso, respeitoso e acolhedor — me guiou em todos os degraus que subi desde a Iniciação Científica até aqui. Cada reunião, cada leitura, cada evento, cada artigo, cada reescrita, cada exigência: tudo serviu para que eu lograsse sucesso. À professora que todos um dia querem ser, sou grato pela postura de não se curvar aos caprichos da vida e pela força gigantesca que inspira e fascina, ao provar, todos os dias, que “a vida não é para amadores”. Obrigado por ser tanto e por fazer tanto. Estou certo de que nada será esquecido e de que tudo será recompensado.

À banca de qualificação e defesa deste trabalho, composta pelos *Professores Doutores Fábio Marques de Souza e Adilson Ventura da Silva*, agradeço a leitura tão zelosa, responsável e gentil da minha dissertação nesses dois momentos. As contribuições de vocês, feitas com tanto cuidado e respeito ao meu texto, foram excepcionais e amadureceram substancialmente a minha pesquisa, gerando provocações que foram devidamente registradas

para trabalhos futuros. A *Adilson*, além de todo o auxílio acadêmico, agradeço o extrainstitucional: os memes, os churrascos, as conversas, e, sobretudo, as poesias acompanhadas de um florescente “bom dia”. Em suas palavras, “gosto de ler algo que me bagunce por inteiro, algo sublime algo voraz algo veloz, produz rachaduras (a)temporais”, e é sempre assim que me sinto quando leio um poema seu: (des)norteado e (desas)sossegado. É a magia do caos. A *Fábio*, sou grato não somente pelo tempo gasto para contribuir com o meu trabalho, mesmo em meio ao *home office* e suas consequentes horas-extras sem fim, mas também por todas as conversas que tivemos, sempre recheadas de entusiasmo e encorajamento. Conhecer o seu trabalho e ter a oportunidade de acompanhá-lo tem sido uma experiência enriquecedora.

Ao *Programa de Pós-Graduação em Linguística — PPGLin*, representado, aqui, por suas atuais e diligentes coordenadoras (as *Professoras Doutoradas Maria da Conceição Fonseca-Silva e Vera Pacheco*) e por seu quadro solícito de funcionárias (*Vanêide Ribeiro e Luciana Ferraz*), agradeço a oportunidade de cursar um Mestrado Acadêmico conceituado e com um corpo docente extremamente qualificado.

Ao *Círculo do Texto*, como carinhosamente apelidamos o nosso grupo de pesquisa, agradeço a rede de apoio formada e os incentivos mútuos. Dos grupos de divulgação de eventos até a presença de cada um em apresentações de trabalho, lançamentos de livros, palestras, minicursos e afins: como é bom contar com vocês. Obrigado por fazerem pesquisa com tanto esmero e por me lembrarem que a vida acadêmica não precisa ser, de forma alguma, solitária.

À *Ana Claudia*, minha amiga/irmã, família que escolhi, agradeço por absolutamente tudo. Desde 2016, Ana se tornou a minha pessoa: é com ela que eu rio, choro (e haja lágrimas), desabafo e me sinto seguro para ser 101% quem sou. Com Ana, aprendi a ser um professor, um pesquisador, um amigo e uma pessoa melhor. Ela sempre consegue tirar o máximo de mim e me incentiva a ir sempre além. Ao longo do Mestrado, Ana foi minha parceira de todas as horas: lemos juntos, discutimos juntos, refletimos juntos, escrevemos juntos (o Lattes agradece essa interação abençoada por Bakhtin) e nos aperfeiçoamos juntos. Ana é inacreditável e eu tenho muito orgulho de conhecer uma pessoa tão generosa quanto ela. Obrigado por estar aqui e por me salvar de todas as formas, Aninha. Eu te amo!

À *Amandinha M.*, minha vizinha e confidente, agradeço o leve e bonito da vida. Conheci Amandinha na Iniciação Científica e, desde então, não nos desgradamos nunca mais. Ela é uma força da natureza que me impacta, todos os dias, seja com um *post* motivacional diário ou com a sua beleza estonteante. Quando precisei desanuviar, Amandinha sempre

apareceu: foram vários jantares chiques, tábuas de frios, filmes clichês (com direito a cobertor e brigadeiro), caminhadas ao ar livre (sempre com um açaí pós-treino), noites de fofocas, abraços quentinhos e apertados. O mais importante, no entanto, foi o que ela ratificou com tudo isso: há vida lá fora. Eu te amo, Mandy!

À *Anna Clara, Anne e Sandy*, agradeço por toda a admiração e empolgação a cada conquista minha. Obrigado pelos ouvidos atentos, pelos comentários nos *chats* de apresentação, pelos cafés, pelos jogos de tabuleiro, pelos óleos essenciais, pelas risadas, pelos (desa)baços, pelo espaço para ser vulnerável e me sentir acolhido. Vocês me fizeram entender e me fazem lembrar que sou importante, e isso não tem preço. Amo vocês!

A *Painho, Mainha e Nandinha*, agradeço, primeiramente, por terem feito — incondicional e irrestritamente — de tudo para que eu chegasse até aqui: jornadas sobrecarregadas de trabalho, abdicação de infância e adolescência em prol do meu bem-estar, investimentos em uma educação consistente e continuada. Os sacrifícios foram muitos. Em segundo lugar, agradeço por terem entendido e respeitado todas as minhas ausências e carências no decorrer desses dois anos. Os espaços concedidos a mim por vocês foram fundamentais para que eu conseguisse trabalhar no modelo *home office*. E, em terceiro lugar, sou grato por serem a melhor família do mundo! Não somos perfeitos, mas estamos uns pelos outros, sob qualquer circunstância. Amo vocês mais do que tudo! Sempre e para sempre!

A *Gabinho*, agradeço por todo amor e carinho dispensado a mim ao longo desse processo. Um dia, Gabinho pegou em minha mão e me mostrou que o armário em que eu estava tinha poeira e que não fazia bem para a minha rinite continuar lá dentro. Desde então, saí daquele cantinho escuro e mergulhei num arco-íris de felicidade. Gabinho me ajudou a fazer com que todas as minhas cores brilhassem, vibrantes e resplandecentes, e que nada voltasse a ser preto e branco. Gabinho me apresentou o amor e, com ele, eu descobri o mundo. Obrigado por tudo de bom, meu anjo Gabriel! Eu amo você!

À *Dani, Ric e Lu*, agradeço por serem uma segunda família para mim. O afeto de vocês me preenche e eu sou grato por nunca duvidarem do meu potencial. Amo vocês!

Aos amigos do Mestrado, em especial à *Amandinha Fonsêca, Patrick, João Pedro e Gaby*, agradeço pelas longas conversas, pelo compartilhamento de eventos da área, pelas confissões, pela ajuda com questões burocráticas — e, por vezes, desconhecidas —, pelas vibrações positivas e pelos diálogos interdisciplinares. Torço muito e sempre pelo nosso sucesso. Já estamos vencendo, lindos!

À *Força Superior*, entendida como o universo, o amor, as energias positivas e as boas vibrações, agradeço por ter me acompanhado até aqui. Categoricamente: eu não ando sozinho.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

Mikhail Bakhtin

*Solto alguns leões
justifico minha segurança instável
e discuto orações (in)subordinadas
subindo pelos ares em ondas sonoras imortais
Celebro outros altares
navego outros mares
construo outros lares
e feliz fico permanentemente à deriva*

Adilson Ventura

*I see your true colors
Shining through
I see your true colors
And that's why I love you
So don't be afraid to let them show
Your true colors
True colors are beautiful
Like a rainbow*

Cyndi Lauper

RESUMO

Bakhtin e seu Círculo, no século XX, evidenciaram a responsabilidade da ideologia, da subjetivação e da história na formação do *eu* e do *outro*, arrazoando os campos de possibilidades que os compreendem. Esses teóricos tomaram a língua(gem) como fator hegemônico para o alcance da autonomia por parte do sujeito, quando alegaram que ela atuava como reguladora das relações sociais. No século XXI, as novas mídias digitais, somadas à popularização da internet, têm promovido acréscimos nos usos da língua(gem), os quais geram uma heterogeneidade na forma pela qual se (inter)age em contextos sociais específicos. Exemplo disso é a virtualização das redes sociais, que se tornam, no ciberespaço, grupos de compartilhamento de informações por intermédio de recursos multimodais, ampliando as possibilidades de comunicação humana, dado que rompem barreiras temporais/espaciais/linguísticas, que sempre influenciaram o diálogo. Essa virtualização das redes suscita discussões sobre temas sortidos, o que oportuniza debates sociopolítico-ideológicos que esclarecem pautas consideradas tabus sociais, como a agenda LGBTQIA+. Hodiernamente, nota-se progressos no debate sobre questões ligadas à diversidade sexual/de gênero, especialmente com o “ativismo on-line”, mas há, também, abundantemente, opiniões sobre a causa calcadas em valores ultraconservadores, o que alimenta o ódio destilado a essa população, que ainda é vítima de discriminações de todos os tipos. Isso posto, verifica-se, neste trabalho, o discurso LGBTQIA+ na interface digital *Facebook*, *site* de rede social mais utilizado no mundo. Assim, o objetivo deste trabalho foi investigar o dialogismo e as estratégias de hipertextualização de enunciados e, conseqüentemente, de discursos utilizadas em *posts* de *Facebook* para materializar a escrita de militância LGBTQIA+ e (des)cumprir objetivos interacionais. Para isso, baseou-se, nuclearmente, nas teorias de Bakhtin (2015, 2016), Volóchinov (2018) e Xavier (2000, 2002, 2009, 2013, 2015) e observou-se quatro *posts* e seus comentários. Foi constatado que, dentre as estratégias de hipertextualização de discursos LGBTQIA+ mais utilizadas em *posts* de *Facebook* para atingir objetivos interacionais, estão: 1) o uso da língua escrita para expressar ponto de vista a favor da militância LGBTQIA+; 2) o destaque de enunciados a partir da sua disposição visual; 3) uso de citações; 4) emprego de capturas de tela na construção do *post*; 5) trabalho com elementos que conferem ao usuário do *Facebook* a possibilidade de buscar a publicação original; e 6) utilização de cores de fundo relacionadas ao movimento LGBTQIA+. Além disso, os dados revelaram que as relações dialógicas que os sujeitos firmam com um *post* de *Facebook* de temática LGBTQIA+ materializam suas posições socio-históricas e político-ideológicas,

estando eles influenciados pelas idiossincrasias dos (des)encontros que um *post* é capaz de promover. Nesse espaço, ouvinte faz-se falante e espera um retorno de seu enunciado. Além de dialogar com os outros integrantes da cena enunciativa, o sujeito também interage com a temática em sua dimensão social, acompanhada das muitas vozes sociais que circulam no ambiente digital no qual estão situadas as publicações de *Facebook*. Concluiu-se, também, que investigações futuras podem deslindar outros pontos sobre essa interface tão popular e tão útil à sociedade: muito já foi dito, mas ainda há muito a ser feito.

PALAVRAS-CHAVE

Dialogismo; Discurso LGBTQIA+(fóbico); Gênero *Post* de *Facebook*; Hipertextualização.

ABSTRACT

Bakhtin and his Circle, in the last century, evidenced the responsibility of ideology, subjectivation and history in the formation of the self and the other, reasoning the fields of possibilities that comprise them. These theorists took language as a hegemonic factor for the achievement of autonomy on the part of the subject, when they claimed that it acted as a regulator of social relations. In the 21st century, the new digital media, added to the popularization of the internet, have promoted increases in the uses of language, which generate a heterogeneity in the way in which one (inter)acts in specific social contexts. An example of this is the virtualization of social networks, which become, in cyberspace, groups for sharing information through multimodal resources, expanding the possibilities of human communication, as they break through temporal/spatial/linguistic barriers, which have always influenced dialogue. This virtualization of networks raises discussions on assorted topics, which provides opportunities for socio-political-ideological debates that clarify agendas considered social taboos, such as the LGBTQIA+ agenda. Nowadays, there is progress in the debate on issues related to sexual and gender diversity, especially with “online activism”, but there are also abundant opinions on the cause based on ultra-conservative values, which feeds the distilled hatred to this population, which is still the victim of discrimination of all kinds. That said, it is verified, in this work, the LGBTQIA+ discourse in the digital interface Facebook, most used social networking site in the world. Thus, the objective of this work was to investigate dialogism and the strategies of hypertextualization of statements and, consequently, of discourses used in Facebook posts to materialize the writing of LGBTQIA+ militancy and (non)fulfillment of interactional objectives. For this, it was based on the theories of Bakhtin (2015, 2016), Voloshinov (2018) and Xavier (2000, 2002, 2009, 2013, 2015) and observed four posts and their comments. It was found that, among the hypertextualization strategies of LGBTQIA+ discourses most used in Facebook posts to achieve interactional goals, are: 1) the use of written language to express a point of view in favor of LGBTQIA+ militancy; 2) highlighting statements based on their visual layout; 3) use of citations; 4) use of screenshots in the construction of the post; 5) work with elements that give the Facebook user the possibility to search for the original publication; and 6) use of background colors related to the LGBTQIA+ movement. In addition, the data revealed that the dialogic relationships that the subjects establish with a Facebook post on the LGBTQIA+ theme materialize their socio-historical and political-ideological positions, being influenced by the idiosyncrasies of the (mis)matches that a post can promote. In this space, the listener

becomes a speaker and expects a return from his utterance. In addition to dialoguing with the other members of the enunciative scene, the subject also interacts with the theme in its social dimension, accompanied by the many social voices that circulate in the digital environment in which Facebook publications are located. It was also concluded that future investigations can uncover other points about this interface so popular and so useful to society: much has already been said, but there is still much to be done.

KEYWORDS

Dialogism; LGBTQIA+(-phobic) discourse; Facebook post genre; Hypertextualization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Postagem sobre a proibição de doação de sangue por <i>gays</i>	51
Figura 2 — Postagem sobre a votação do STF a respeito da criminalização da LGBTQIA+fobia	54
Figura 3 — Criação de uma publicação no <i>Facebook</i>	57
Figura 4 — Matéria sobre o Mês do Orgulho LGBTQIA+	60
Figura 5 — Reações da rede social <i>Facebook</i>	62
Figura 6 — Caixa de comentários da rede social <i>Facebook</i>	63
Figura 7 — Pesquisa feita por meio do perfil do pesquisador na rede social <i>Facebook</i>	70
Figura 8 — <i>Posts</i> salvos pelo pesquisador na coleção LGBTQIA+	72
Figura 9 — Fórmula de uma média aritmética simples	73
Figura 10 — <i>Post</i> (1) sobre a visibilidade/legitimidade bissexual.....	79
Figura 11 — Bandeira do Orgulho Bissexual	92
Figura 12 — Comentários no <i>post</i> 1 sobre a visibilidade/legitimidade bissexual (parte 1)....	94
Figura 13 — Comentários no <i>post</i> 1 sobre a visibilidade/legitimidade bissexual (parte 2)....	98
Figura 14 — Comentário de um usuário sobre o vício de ler comentários.....	100
Figura 15 — <i>Post</i> (2) sobre a assunção de um LGBTQIA+ para a sua mãe.....	101
Figura 16 — Publicação original da cena do filme <i>Minha mãe é uma peça 3</i>	106
Figura 17 — Comentários presentes no <i>post</i> 2 sobre a assunção de um LGBTQIA+ para a sua mãe (parte 1).....	107
Figura 18 — Comentários presentes no <i>post</i> 2 sobre a assunção de um LGBTQIA+ para a sua mãe (parte 2).....	110
Figura 19 — <i>Post</i> (3) que discute orientação sexual e atitudes LGBTQIA+fóbicas em relacionamentos entre pessoas cisgênero e transgênero	112
Figura 20 — Comentários presentes no <i>post</i> 3 que discute orientação sexual com base em relacionamentos entre pessoas cisgênero e transgênero	116
Figura 21 — <i>Post</i> (4) que discute o que é a transgeneridade	120
Figura 22 — <i>Post</i> da série <i>Mês do Orgulho LGBT</i> , da página <i>Cartazes & Tirinhas LGBT</i> , que retrata as particularidades envolvidas na assexualidade.....	125
Figura 23 — Bandeira do Orgulho Trans.....	127
Figura 24 — Comentários presentes no <i>post</i> que discute a transgeneridade	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Páginas escolhidas para a coleta do <i>corpus</i>	71
Quadro 2 — Média de interação/engajamentos dos <i>posts</i> escolhidos para análise	74
Quadro 3 — Estratégias hipertextuais encontradas nos <i>posts</i> 1, 2, 3 e 4.....	134
Quadro 4 — Diálogos encontrados nas caixas de comentário dos <i>posts</i> 1, 2, 3 e 4	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de <i>Gays</i> , Lésbicas e Travestis
AD	Análise do Discurso
ADD	Análise Dialógica do Discurso
ALESP	Assembleia Legislativa de São Paulo
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
GGB	Grupo <i>Gay</i> da Bahia
GIF	Graphics Interchange Format
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBT	Lésbicas, <i>Gays</i> , Bissexuais e Transexuais/Transgêneros
LGBTI+	Lésbicas, <i>Gays</i> , Bissexuais e Transexuais/Transgêneros/Travestis, <i>Queer</i> , Intersexuais e afins
LGBTQIA+	Lésbicas, <i>Gays</i> , Bissexuais e Transexuais/Transgêneros/Travestis, <i>Queer</i> , Intersexuais, Assexuais e afins
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PL	Projeto de Lei
PPGLIN	Programa de Pós-Graduação em Linguística
STF	Supremo Tribunal Federal
TDICs	Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação
TICs	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
2 A ENUNCIÇÃO NOS DIAS HODIERNOS: AS NUANCES DA MATERIALIZAÇÃO DISCURSIVA NO AMBIENTE DIGITAL	24
2.1 Para um estudo não genérico dos gêneros do discurso: o círculo bakhtiniano e a teoria enunciativo-discursiva	24
2.2 Facetas da produção discursiva no século XXI: mudam-se os textos, mudam-se os gêneros, mudam-se os letramentos	36
2.2.1 <i>(Hiper)texto, (hiper)textualidade e (hiper)textualização — itinerários</i>	36
2.2.2 <i>Gêneros digitais e letramento digital: a modernidade bate à porta</i>	44
2.3 Facebook: a curiosa rede social mais cara e mais utilizada do planeta	48
2.3.1 <i>O post de Facebook à luz da teoria dos gêneros e dos textos</i>	49
2.3.2 <i>O Movimento LGBTQIA+ no Brasil: nascimento, consolidação e pautas</i>	64
3 POR DENTRO DO ARCO-ÍRIS: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DE POSTS LGBTQIA+ PUBLICADOS NO FACEBOOK.....	69
4 A HIPERTEXTUALIZAÇÃO DE ENUNCIADOS LGBTQIA+(FÓBICOS) EM AMBIENTE DIGITAL: POSTS DE FACEBOOK SOB UM ENFOQUE DIALÓGICO	78
5 CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS	137
REFERÊNCIAS.....	143

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem, enquanto prática discursiva, é, atualmente, muito popular como objeto de estudo de pesquisas engendradas em espaços institucionais. Esses estudos, por mais diferentes que sejam, quando estão calcados no interacionismo, se baseiam no fato de que a linguagem é uma forma de (refr)ação da realidade. Assim, eles reportam-se para a indispensabilidade de se levar em consideração, no decurso de seus processos investigativos, os conceitos de *língua*, de *sujeito*, de *história*, de *sentido* etc. Entre as perspectivas teóricas utilizadas para subsidiar esses estudos, está a formulada pelo que se convencionou chamar de “Círculo de Bakhtin”, grupo multidisciplinar de pensadores russos que era composto por intelectuais preocupados com as formas de estudar linguagem, literatura e arte.

Para a teoria de linguagem bakhtiniana, a qual ficou conhecida como *enunciativo-discursiva*, o enunciado configura-se na interação social, haja vista que, sem essa interação, não existe diálogo. O Círculo de Bakhtin parte do pressuposto de que as interações comunicacionais se vinculam ao seu momento de produção e também à estrutura socio-político-ideológica dos sujeitos envolvidos nas cenas enunciativas, para que ocorra uma atribuição de sentidos ao enunciado. Além disso, esses estudiosos consideram que, em cada contexto e em cada época, determinados grupos sociais dispõem de um repertório de formas de discurso específicas. Assim sendo, tratar do enunciado é tratar, também, da interação verbal, do contexto em que ela se realiza e de suas relações dialógicas, e é justamente isso que lhe concede o *status* de objeto de estudos da linguagem.

Isso posto, o referido grupo de teóricos russos entende que o discurso se explicita através de enunciados, os quais são organizados em gêneros discursivos. Nesse sentido, atualmente, algo tem mudado a maneira como compreendemos e fazemos uso da língua, dos enunciados e, conseqüentemente, dos gêneros discursivos: a tecnologia digital, que tem instituído à sociedade uma configuração textual sobre a qual os discursos estão se *hipertextualizando*. O *hipertexto* se tornou uma condição de possibilidade para a popularização de um modo textual multimodal, efeito da soma de vários outros modos de textualização (verbal + visual + sonoro) que convergem no ciberespaço.

Em outras palavras, a tecnologia digital tem viabilizado novas práticas textuais, antes realizadas somente com o auxílio do papel. Agora, a interação não ocorre apenas com textos escritos, mas também com o meio visual, auditivo e espacial. Essa linguagem digital recente, que vem sendo desbravada vagarosamente, abarca a competência de construir sentido em textos multimodais, que amalgamam múltiplas semioses em um único espaço. Todavia, ela

reclama do sujeito certa intimidade com o uso de aparatos tecnológicos e com ambientes virtuais, nos quais há muitos e sortidos *gêneros discursivos*. Estes mantêm íntima ligação com gêneros já existentes em outros ambientes, mas estão reajustados para o discurso digital, manifestando características singulares e próprias da mediação presente no ciberespaço.

Haja vista a contemporaneidade e a relevância do assunto, percebemos a necessidade de lançar um olhar mais dirigido e compenetrado para esses gêneros. Assim, considerando a amplitude do “mundo virtual” e a limitação temporal de uma pesquisa de mestrado acadêmico, elegemos a plataforma digital *Facebook* como espaço de investigação para a averiguação do gênero discursivo digital *post* de *Facebook*, já que esse *website* é um dos mais complexos veículos de interação sociocomunicativa acessados por meio das mídias digitais, além de ser a rede social¹ mais popular e mais cara do mundo, contabilizando 2,85 bilhões de usuários ativos² em todo o globo e custando, atualmente, aproximadamente US\$ 1 trilhão³.

Sustentamos que o cenário comunicacional delineado pelas mídias digitais tem a interatividade como conceito base. Assim, tratar das noções elementares de linguagem para analisar uma forma de comunicação dos dias atuais, como o *post* de *Facebook*, é uma proposta de aventar a discussão de que a tecnologia modifica as formas de interação, mas os sentidos continuam se construindo no diálogo entre os sujeitos, tendo em vista suas condições socio-históricas.

Dentro do *Facebook*, decidimos lançar um olhar sobre *posts* que versam a respeito da militância LGBTQIA+⁴, visto que o Brasil está enraizado/enviesado por diversas crenças religiosas e culturais, as quais espelham em seus adeptos estereótipos referentes aos seus segmentos, reforçando o preconceito contra determinadas situações sociais. Assim sendo,

¹ Vale ressaltar que o *Facebook* é um *site* e, como tal, segundo Recuero (2009, p. 109), pode ser definido como um suporte para a virtualização de redes sociais. Diferente disso, a *rede social* em si consiste na interação entre as pessoas, o que pode ocorrer dentro e/ou fora do ambiente digital. Isso posto, salientamos que, apesar de concordarmos com Recuero (2009), faremos uso, algumas vezes, do termo *rede social* para nos referirmos ao *site Facebook*, haja vista que essa é a terminologia conhecida e utilizada pelos seus próprios usuários. Além da expressão supracitada, também recorreremos a algumas outras ao longo desta dissertação, tais como: *website*, *site* de relacionamentos, mídia digital etc. Salientamos que o nosso objetivo ao fazer uso dessas expressões não é considerar o *Facebook* (conteudisticamente falando) de diferentes modos ao longo do texto, mas sim de tornar a leitura menos maçante.

² Disponível em: <https://etus.com.br/blog/as-maiores-redes-sociais-em-2021/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

³ Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/apos-sentenca-judicial-favoravel-facebook-alcanca-valor-de-mercado-de-us-1-trilhao.shtml#:~:text=Ap%C3%B3s%20senten%C3%A7a%20judicial%20favor%C3%A1vel%2C%20Facebook,06%2F2021%20%2D%20Mercado%20%2D%20Folha](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/apos-sentenca-judicial-favoravel-facebook-alcanca-valor-de-mercado-de-us-1-trilhao.shtml#:~:text=Ap%C3%B3s%20senten%C3%A7a%20judicial%20favor%C3%A1vel%2C%20Facebook,06%2F2021%20%2D%20Mercado%20%2D%20Folha.). Acesso em: 22 jul. 2021.

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexual e todas as múltiplas possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existam.

muitas são as discussões encontradas em *posts* do referido *website* sobre a temática em questão, o que nos proporciona um extenso *corpus* para análise.

Quando tratamos de formas de comunicação digitais contemporâneas, a exemplo do *post* de *Facebook*, objeto deste estudo, podemos ratificar que a utilização de múltiplos signos correlacionados e a procura de outras formas de expressão desses signos estão no sustentáculo do processo comunicacional, viabilizando a interação entre os sujeitos e entre os textos engendrados, um a partir do outro. Esse fato ajuda-nos a entender a iminência de pesquisas que abordem gêneros discursivos digitais como o que escolhemos pormenorizar nesta dissertação, principalmente em um período em que a sociedade e os grupos que a integram empenham-se em reestruturar suas tradições culturais e conversacionais de modo a adequar-se aos instrumentos enunciativos vigentes. A partir dessa conjuntura, somos levados a acreditar que as teorias de enunciado, gênero e discurso apresentadas por Mikhail Bakhtin e seu grupo há mais de um século mantêm-se contemporâneas e não só podem como devem ser utilizadas para o estudo de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

Com base no que foi exposto até aqui, apresentamos, agora, os questionamentos que nortearão esta pesquisa, a saber,

- 1) Quais estratégias de hipertextualização de enunciados/discursos são utilizadas em posts de *Facebook* para materializar a escrita de militância LGBTQIA+?
- 2) Como se dá o dialogismo ao longo dessa enunciação?

Nossa hipótese relacionada ao primeiro questionamento pode ser assim orientada:

- (i) Os gêneros discursivos apresentam uma plasticidade para se harmonizar às práticas sociais, funcionais e dialógicas do sistema ao qual estão filiados. Isso posto, cada gênero discursivo é, de certo modo, acomodático a mecanismos multimodais do meio digital, e o *post* de *Facebook*, por oferecer vários desses recursos aos seus usuários, faz-se, assim, um meio de comunicação/interação virtual que engendra, manipula e compila as mais variadas **estratégias de hipertextualização** de discursos. Nesse sentido, os *posts* de *Facebook* LGBTQIA+ apostam em táticas que 1) chamam a atenção do leitor (imagens, cores, diferentes tamanhos e tipos de fontes etc.); 2) tornam o enunciado rico em conteúdo (*links* para textos, vídeos, páginas e afins que se aprofundam na temática discutida); e 3) facilitam a sua compreensão (textos curtos, utilização de legendas, mensagens subliminares, metáforas, *emojis*, *hashtags* etc.).

Já a hipótese relacionada à segunda pergunta de pesquisa é:

- (ii) O **dialogismo** se revela em *posts* de *Facebook* que discutem a militância LGBTQIA+ a partir, principalmente, de comentários de pessoas que fazem parte dessa comunidade ou que a apoiam, e por meio de enunciados produzidos por sujeitos LGBTQIA+fóbicos. Nas caixas de comentário, podemos encontrar argumentos concordantes ou discordantes das postagens, que se embasam em posicionamentos político-ideológicos de indivíduos que acompanham as páginas que tratam do tema ou que simplesmente se depararam com as publicações. Esses comentários se agregam aos *posts* de modo que se tornam parte daqueles textos e acrescem às discussões calorosas réplicas e tréplicas, as quais trazem (des)conhecimentos científicos, religiosos, históricos etc. e costumam aprofundar os assuntos e (des)humanizar o público que se engaja com eles.

Tencionando responder a essas perguntas, temos como objetivo geral **investigar o dialogismo e as estratégias de hipertextualização de enunciados/discursos utilizadas em posts de Facebook para materializar a escrita de militância LGBTQIA+(fóbica) e (des)cumprir vontades/intenções discursivas**. Para alcançá-lo, propomos dois objetivos específicos:

- (i) descrever os signos e os recursos hipertextuais que integram as formas interativas do *post* de *Facebook*;
- (ii) analisar a interação — isto é, o encontro/diálogo de várias vozes — entre os sujeitos envolvidos no discurso LGBTQIA+(fóbico) enunciado no gênero *post* de *Facebook*.

Diante do que foi elencado até o presente momento e levando em conta que a Linguística sempre precisa atualizar suas pesquisas nessa área do hipertexto *on-line*, se considerarmos que o ser humano é naturalmente interpretante, um certo conhecimento acerca das características peculiares do hipertexto se faz necessário para que seja possível

descortinar, de maneira satisfatória, seu *know-how* e suas concretas prerrogativas à sociedade atual⁵.

Além disso, cabe salientar a necessidade de discussão da pauta LGBTQIA+ em nossa sociedade, visto que o prejulgamento e a violência sofridos por essa população são exemplos axiomáticos do reflexo de modelos estereotipados impostos ao seio social, e o *Facebook*, como rede social de alto alcance, é um ótimo lugar para discutir o embate dessas questões. Apesar de avanços na aceitação das múltiplas sexualidades e identidades de gênero, o debate da causa continua sendo urgente, tendo em vista que esse grupo é alvo de violações de direitos humanos em todo o mundo. Ainda que crimes de ódio contra a população LGBTQIA+ sejam punidos como conduta inafiançável e imprescritível⁶, a cada 19 (dezenove) horas um integrante dessa comunidade morre, como aponta o Grupo *Gay* da Bahia (GGB)⁷. Isso prova que o preconceito sofrido pelos LGBTQIA+ se mantém descomedido em nosso país, e, nesse âmbito, a visibilidade dos estudos que englobam essa temática ainda é insuficiente.

Tendo em vista o que foi exposto e levando em consideração que toda e qualquer pesquisa acerca dos gêneros discursivos reclama atenção às variações e modificações que histórica e socialmente se sucedem no decurso de uso da língua e da linguagem, tencionamos, com essa dissertação, colaborar no processo de avanço, inovação e renovação dos estudos da Linguística, mais especificamente da Linguística Textual e da Análise Dialógica do Discurso. A partir da observação, descrição e análise da dinamicidade do hipertexto, considerando a quebra dos limites temporais, geográficos e/ou linguísticos de comunicação causada por ele, acreditamos ser possível desenvolver substancialmente o uso da língua(gem) — no que diz respeito ao alcance de objetivos interacionais — por intermédio da internet, da tecnologia digital e dos gêneros discursivos digitais.

De modo mais restrito, consideramos que o *post* de *Facebook* se constitui uma curiosa e multifacetada maneira de um sujeito concretizar seus propósitos comunicativos. Dito isso, se esse novo molde de comunicação e interação, que reside na rede social mais utilizada no

⁵ Vale ressaltar que dois dos principais documentos reguladores da educação básica no Brasil — os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) —, por tomarem a linguagem como uma prática social, salientam a necessidade do trabalho direcionado a textos dos mais variados gêneros e campos de atividade humana que se propagam na sociedade. A BNCC, por exemplo, aborda os gêneros discursivos digitais em suas diretrizes e justifica que os estudantes precisam expandir seus letramentos, a fim de darem conta das demandas sociais do mundo contemporâneo também por meio desses gêneros.

⁶ A LGBTQIA+fobia, desde o dia 13 de junho de 2019, é punida pela *Lei de Racismo* (7716/89), que prevê crimes de discriminação ou preconceito por raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, orientação sexual e identidade de gênero.

⁷ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/17/dia-internacional-contra-a-lgbtphobia-mortes-foram-subnotificadas-no-ultimo-ano>. Acesso em 18 de julho de 2021.

mundo, puder ser mais bem aproveitado em sociedade, há uma grande chance de ele impactar positivamente os processos de leitura, interpretação, compreensão e textualização. Além disso, com esse estudo, podemos mostrar as muitas possibilidades que um *post* viabiliza a um sujeito para que este acesse uma nova forma de resistência e ativismo, o que viabiliza uma discussão profusa sobre a pauta LGBTQIA+ por meio de *posts* de *Facebook*, a ponto de contribuir para a popularização e normalização do tema e de seus desdobramentos, quebrando esse tabu social e tornando a sociedade menos arregimentada, hostil, intolerante e excludente.

Diante do exposto, para empreendermos o que nos propomos a realizar, a sistematização desta dissertação de mestrado acadêmico foi feita em 5 (cinco) seções. A primeira delas, que diz respeito a esta introdução, descreve a conjuntura do trabalho, apresentando um breve histórico do problema de pesquisa a ser aprofundado nas páginas posteriores. Além disso, o objeto de investigação desta produção científica — o gênero discursivo digital *post* de *Facebook* — é evidenciado, assim como as perguntas de pesquisa, as hipóteses e os objetivos (geral e específico) que a orientaram. Nesta seção, há, ainda, o delineamento dos outros tópicos que constituem o trabalho.

Na seção 2, abordamos os conteúdos teóricos reclamados ao longo de toda a pesquisa, sendo os principais resumidos às assertivas do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011, 2015, 2016; VOLÓCHINOV, 2018) sobre dialogismo, signo, doutrina da refração, heterodiscurso dialogizado, enunciado, gêneros do discurso e interação; aos pressupostos de Costa Val (2004, 2016) acerca dos conceitos de texto, textualidade, textualização; à tese de Xavier (2000, 2002, 2009, 2013, 2015) sobre o hipertexto on-line; às noções de letramento digital propostas por Rojo (2012a, 2012b); à definição do *Facebook* enquanto uma interface digital que virtualiza redes sociais, salientada por Correia e Moreira (2014); à caracterização do *post* de *Facebook* como um gênero discursivo, com base em Bakhtin (2011, 2016); e à história do Movimento LGBTQIA+ no Brasil, sintetizada por Trevisan (2018).

Posteriormente, na seção 3, apresentamos os aspectos metodológicos que envolvem a presente dissertação. Para tanto, explicamos, minudenciadamente e de forma gradativa, todos os passos seguidos por nós para selecionarmos e organizarmos o nosso *corpus*, o qual é formado por 4 (quatro) *posts* de *Facebook*, escolhidos — baseados em critérios sócio-históricos e estatísticos — em meio a um banco de dados composto por 40 (quarenta) *posts*.

A seção 4 deste trabalho, por sua vez, é dedicada à análise e discussão dos quatro *posts* de *Facebook* que compõem o nosso *corpus*. Nela, são examinadas e pormenorizadas questões hipertextuais e dialógicas que envolvem a materialização do discurso LGBTQIA+(fóbico) nesse gênero discursivo digital.

Por último, na seção 5, expomos as (in)conclusões às quais chegamos ao final da dissertação. Aqui, retomamos nossas perguntas de pesquisa, hipóteses e objetivos e os relacionamos aos resultados obtidos na análise, buscando mostrar, propriamente, o produto desta produção científica e os possíveis caminhos para continuá-la.

Feitas essas breves considerações iniciais, partamos para o nosso aporte teórico.

2 A ENUNCIÇÃO NOS DIAS HODIERNOS: AS NUANCES DA MATERIALIZAÇÃO DISCURSIVA NO AMBIENTE DIGITAL

A discussão acerca das definições de gêneros discursivos e de suas funcionalidades no que diz respeito à materialização dos discursos não é nova. Muito se tem teorizado sobre o tópico, principalmente por parte de estudiosos da Linguística de Texto⁸. Porém, ainda assim, o assunto reclama uma maior pormenorização de cada um de seus aspectos, visto que o gênero, como fator determinante na materialização de discursos, orienta-se a partir do campo da atividade humana no qual se encontra. Além disso, nos últimos anos, com os progressos tecnológicos e a expansão do acesso à internet, os métodos de comunicação e de interação entre os sujeitos passaram por alterações substanciais.

Tendo isso em vista, é preciso dissertar sobre a produção discursiva contemporânea, bem como destacar seus pontos de contato com os gêneros discursivos digitais. Portanto, para viabilizar um mais satisfatório entendimento sobre esse entorno, delinearemos um quadro relativo aos gêneros do discurso, desde as contribuições de Bakhtin e seu famoso Círculo, até os dias atuais, com o surgimento dessas novas configurações genéricas. Posteriormente, dissertaremos a respeito dos (novos) textos, gêneros e letramentos motivados pelo universo digital. Discorreremos, também, sobre as redes sociais virtuais, sobretudo acerca do nosso ambiente de pesquisa — a rede social *Facebook*, relatando brevemente o seu surgimento e abordando suas características que mais nos interessam e nos fazem enxergar o gênero *post* de *Facebook* como um ambiente de investigação para a Linguística de Texto.

2.1 Para um estudo não genérico dos gêneros do discurso: o círculo bakhtiniano e a teoria enunciativo-discursiva

Como teóricos, Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev — membros do Círculo de Bakhtin⁹ — muito contribuíram para as análises da linguagem humana. Para os pensadores russos, a língua(gem) é constituída socialmente, ou seja, os

⁸ Acreditamos que esse entusiasmo nos debates quanto às teorias de gêneros do discurso pode estar ligado à menção ao tema feita pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1997 e 1998, e, posteriormente, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em suas versões dos anos de 2015, 2017 e 2018, bem como à sua relevância nas atividades de leitura e produção textual.

⁹ De acordo com Faraco (2009), o Círculo de Bakhtin pode ser definido como um grupo de intelectuais que, entre os anos de 1919 e 1929, frequentemente se encontrava nas cidades de Nevel, Vitebsk e São Petersburgo. O Círculo, segundo o autor, era formado por indivíduos com interesses intelectuais, atuações profissionais e formações distintas, o que lhe conferiu o caráter de multidisciplinar.

indivíduos a adquirem por meio da interação verbal com outros sujeitos, em um *processo dialógico*. Assim, esses estudiosos ultrapassam a visão da língua como sistema, analisada isoladamente, como faz o estruturalismo linguístico de Saussure¹⁰ (2021).

Partindo de uma inquietação acerca da conceituação de língua vigente em seu tempo, Volóchinov (2018) cria a sua própria teoria (da mesma forma como Saussure fez em sua época) e apresenta um ponto de vista interativo para os estudos da língua/linguagem, propondo que a língua é um fato social fundado na necessidade de comunicação. Para ele “[...] *a língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 220, grifos do autor). A língua, a partir dessa interpretação, não é vista como um instrumento, somente, mas como atividade social, formada e significada na/pela relação entre locutor e interlocutor na interação verbal.

Nesse sentido, conforme as proposições do Círculo de Bakhtin, a língua é uma forma linguística que reflete e refrata a realidade, e, também, as interações dos falantes. Isso significa que os signos conferem aos sujeitos a capacidade de indicar uma realidade que lhes é manifesta, mas isso se dá, todas as vezes, de modo refratado. Vale ressaltar que refratar, para os pensadores em questão, significa interpretar, haja vista que, por meio dos signos, os indivíduos, além de descreverem o mundo, arquitetam e idealizam variadas e distintas refrações (interpretações) desse mundo, interpelados pelo progresso da história e pelo caráter diverso, complexo e profuso do *know-how* sensível e tangível dos grupos humanos.

Assim sendo, a língua constitui sentidos a partir da situação de interação comunicativa. Para essa teoria, a palavra é um fenômeno ideológico e social, cuja realidade é assimilada por conta da sua função de signo. Segundo Volóchinov (2018, p. 93), o signo

[...] não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo.

¹⁰ Vale ressaltar que Saussure (2021) escolheu debruçar seus estudos e teorias a respeito da língua como sistema, mas de forma alguma negligenciou a existência da heterogeneidade da língua, representada pelo conceito da *fala*. Em sua obra, para criar seu método estrutural, o linguista se dedicou especificamente ao sistema, haja vista que o Curso de Linguística Geral ministrado por ele possuía como foco historicizar e descrever as línguas europeias, o que impediu que a questão da fala fosse tratada detalhadamente em suas aulas. Logo depois, a doença que assolou o teórico e seu consequente falecimento no ano de 1913 impossibilitaram o enfoque de tal conteúdo em um curso posterior.

Dado o exposto, um signo é entendido, portanto, não como a conjugação de significante e significado, apenas, como propõe Saussure (2021), haja vista que o signo, a partir dessa teoria, gera sentidos próprios a depender das condições de produção dos enunciados.

A refração, portanto, é um ponto fundamental do signo para os pensadores do Círculo de Bakhtin. Para eles, esse conceito se constitui como a forma como a pluralidade e as discrepâncias das vivências e bagagens históricas dos grupos humanos se inscrevem nos signos¹¹. Nas palavras de Volóchinov (2018, p. 112, grifo do autor),

a existência não apenas é refletida no signo, mas também é *refratada* nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico? — O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites da uma coletividade signica [...].

Uma vez que a situação comunicativa afeta o sentido do signo, ele torna-se um organismo vivo e dialógico, portando consigo discordâncias, contraposições e choques de princípios sociais. Volóchinov (2018) entende que esses princípios (não apenas os sociais, mas também os históricos) são emblemas ideológicos marcados no enunciado. Isso posto, é possível considerar que o signo passa por modificações de acordo com o decurso do tempo ou conforme o ambiente em que ele é evidenciado, visto que o seu sentido é historicamente constituído.

Segundo Bakhtin (2011), a comunicação humana se concretiza na enunciação, cuja manifestação ocorre por meio dos gêneros discursivos; isto é, o enunciado é sempre direcionado ao *outro*, e, assim, o *dialogismo* é tido como o princípio da existência humana. Destarte, Volóchinov (2018) defende que não é possível pensar o homem fora das *relações dialógicas*. Além disso, a comunicação verbal tem vínculo com a situação concreta; portanto, o discurso¹² só acontece no contexto socio-histórico real, o qual atribui valor e significado às

¹¹ Para Volóchinov (2018), os signos não podem ser unívocos; só podem ser plurívocos, sendo a plurivocidade, para o Círculo, “[...] a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas. E isso não porque eles sejam intrinsecamente ambíguos, mas fundamentalmente porque significam deslizando entre múltiplos quadros semântico-axiológicos (e não com base numa semântica única e universal).” (FARACO, 2009, p. 51).

¹² Considerando a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), adotada nesta dissertação, tomamos discurso, conforme Volóchinov (2019), como a concretude da língua, quando esta é utilizada por agentes sociais que estabelecem e representam suas posições valorativas na enunciação. Vale ressaltar que, de acordo com Brait (em entrevista concedida à Letra Magna, em 2014), nenhum dos integrantes do Círculo de Bakhtin tencionou construir uma Análise do Discurso (AD) tal qual os movimentos que criaram a AD francesa e a AD anglo-saxã. Segundo a teórica, a expressão *Análise*

palavras, que, além de carregarem um conteúdo, expressam opiniões e contradições da sociedade.

Portanto, a fim de que o discurso tenha sentido, as relações dialógicas são substanciais, pois, sem elas, o elo entre vida e linguagem se perde. Além disso, para Bakhtin (2018), as relações dialógicas são relações de sentido firmadas entre enunciados, considerando não apenas o evento da interação face a face, mas o todo da interação verbal. Nas palavras do filósofo,

[...] a orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. (BAKHTIN, 2015, p. 51).

Na visão do autor, todo e qualquer enunciado é produto do encontro de variadas vozes, ainda que alguns gerem um efeito de *polifonia* (as diferentes vozes de que dele fazem parte se explicitam, sem que haja primazia de uma sobre a outra), ao passo que outros geram um efeito de *monofonia* (as vozes são ocultas e assumem a aparência de uma única, definitiva e uniformemente, desconsiderando-se a existência de outro *eu* consciente).

É importante destacar que a noção de polifonia, por vezes, é tomada equivocadamente como uma multidão de vozes sociais, mas, na verdade, o termo, advindo do vocabulário da música, como salienta Faraco (2009), foi utilizado por Bakhtin (2018) para adjetivar o projeto estético empreendido por Dostoiévski em suas obras-primas. Assim sendo, o vocábulo em questão possui um sentido bastante específico: ele designa a forma de narrar totalmente nova, segundo o filósofo russo, que Dostoiévski criou, e não deve ser confundido com *heterodiscurso*¹³, termo adotado por Bakhtin (2015) para referir-se à realidade heterogênea da linguagem no que diz respeito à multiplicidade de línguas sociais.

O heterodiscurso, ou a diversidade de discursos, traduz a estratificação interna da língua e engloba a pluralidade de todas as vozes socioculturais em sua dimensão histórico-

Dialógica do Discurso nasce no Brasil e é trabalhada e assumida como tal pelos estudos bakhtinianos brasileiros.

¹³ De acordo com Paulo Bezerra (tradutor de obras do Círculo de Bakhtin para a Língua Portuguesa), no Brasil, por muito tempo o termo “heteroglossia” foi utilizado como tradução da palavra russa “*raznoréchie*”, que significa, literalmente, “diversidade de discursos” ou “heterodiscurso”, sua opção de tradução. Segundo ele, outro termo que sempre figurou em textos bakhtinianos traduzidos para o português tentando expressar o supracitado conceito foi “plurilinguismo”, que é até mais palatável para o leitor brasileiro, mas que é semanticamente diferente da proposta teórica de Bakhtin. Assim sendo, “heterodiscurso” é sua escolha, por ele acreditar que o vocábulo traduz o sentido original do pensamento bakhtiniano e soa mais familiar ao leitor do Brasil.

antropológica. Dentro do escopo do Círculo, o heterodiscurso abarca as linguagens dos gêneros, os dialetos sociais, os jargões profissionais etc.

Para Bakhtin (2015), o heterodiscurso, como tal, torna-se devidamente relevante quando o consideramos em conjunto com a dialogização¹⁴ das vozes sociais, ou seja, a partir do encontro sociocultural dessas referidas vozes e da dinâmica que é instaurada diante de tal convergência. Nas palavras dele,

o heterodiscurso introduzido no romance (quaisquer que sejam as formas de sua introdução) é *discurso do outro na linguagem do outro*, que serve à expressão refratada das intenções do autor. A palavra de semelhante discurso é uma *palavra bivocal especial*. Ela serve ao mesmo tempo a dois falantes e traduz simultaneamente duas diferentes intenções: a intenção direta da personagem falante e a intenção refratada do autor. Nessa palavra há duas vozes, dois sentidos e duas expressões. Ademais, essas duas vozes são correlacionadas dialogicamente, como que conhecem uma à outra (como duas réplicas de um diálogo, conhecem uma à outra e são construídas nesse conhecimento recíproco), como se conversassem uma com a outra. A palavra bivocal é sempre interiormente dialogada. (BAKHTIN, 2015, p. 113, grifos do autor).

Essas vozes, citadas pelo autor, podem colaborar umas com as outras, podem se opor (seja em partes ou totalmente), podem se imitar, podem polemizar (de modo explícito ou de modo latente), dentre outras possibilidades. Trocando em miúdos, o universo genuíno de um enunciado são as fronteiras (o heterodiscurso dialogizado) em que as vozes sociais se atravessam e se amalgamam ininterruptamente e de modo multiforme. É a partir disso, inclusive, que novas vozes sociais se formam.

Esse pensamento já era defendido por Volóchinov (2018), que afirma, em sua obra mais conhecida, que todo e qualquer enunciado é uma resposta e, portanto, sempre compreende a manifestação, seja ela mais ou menos clara/explicita, de uma anuência ou de uma desaprovação: é uma ligação do impartível fio da comunicação sociocultural. Na visão do autor, a base da interação discursiva consiste na compreensão *stricto sensu*, ou seja, no processo de constituição de sentidos, e toda compreensão responde, ou, em outras palavras, traduz o compreendido em um novo contexto (em um contexto de uma possível resposta). Assim sendo, todo dizer é, na visão do linguista russo, constituinte de uma discussão

¹⁴ Paulo Bezerra, em glossário do livro “Teoria do Romance I: a estilística”, de Bakhtin, explica aos seus leitores que, na língua russa, o verbo *dialogar* (que seria preferível ao verbo *dialogizar*) não existe. Tendo isso em vista e considerando que, nas obras de Bakhtin, o verbo significa não apenas consolidar um diálogo, mas também transformá-lo em dialógico, a expressão mais adequada, nesse caso, é *dialogização*.

axiológica em larga escala, ou, nos termos de Bakhtin (2018), todo dizer é internamente dialogizado.

Cabe ressaltar que, na visão de Volóchinov (2018), a noção de *dialógico* é concebida de formas variadas: primeiro, como princípio interno da palavra, porquanto o objeto está mergulhado de valores e definições, permitindo que o falante se defronte com distintos caminhos e vozes em torno dele; depois, entende-se que, antes e/ou depois de um enunciado, existem (ou existirão) outros enunciados, pois o locutor mesmo é um respondente, em contato com textos que existiam antes dele. O sujeito faz uso da linguagem como resposta a outro falante, dando margem à resposta de outro sujeito, configurando, desse modo, um *diálogo*. Para Bakhtin (2011, p. 275-331),

por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva. [...] A relação entre as réplicas de tal diálogo é o tipo mais externamente notório e simples de relações dialógicas. Contudo, as relações dialógicas não coincidem, de maneira nenhuma, com as relações entre as réplicas do diálogo real; são bem mais amplas, diversificadas e complexas.

O sentido de *diálogo* em Volóchinov (2018) representa uma premissa geral da linguagem, de coparticipação correlata e comunitária, mas sem passividade e não somente como a comunicação ou a simples troca de opiniões cara-a-cara entre parceiros. Nesse sentido, faz-se necessário destacar que o grande mérito das contribuições do Círculo de Bakhtin para os estudos da linguagem foi incorporar o sujeito e seu contexto socio-histórico às discussões, por intermédio do dialogismo interativo. Afinal, na visão desses teóricos, é dentro do sumo do heterodiscurso dialogizado que o sujeito nasce e se forma, pois a realidade linguística se mostra para ele, antes de tudo, como um universo de vozes sociais em variadas e abundantes relações dialógicas (sejam essas relações de anuência ou rejeição, de coerência ou de dissidência etc.).

Como lembra Faraco (2009), dada a heterogeneidade da realidade linguístico-social, nenhum sujeito é capaz de assimilar uma única voz social, somente, mas sempre numerosas vozes. Desse modo, o sujeito não pode ser tomado como um ser verbalmente singular, mas sim como um movimentado e intenso “balaio de vozes sociais” (FARACO, 2009, p. 84) e seus vários (entre)choques. Para o Círculo de Bakhtin, o mundo interior representa um tipo de micromundo heterodiscursivo composto pela ativa e contínua internalização do heterodiscurso social.

Isso posto, consoante Bakhtin e seu grupo, o sujeito é completamente social (o princípio do fomento e da lógica da consciência é externo a ela) e completamente singular (as formas como uma consciência reage aos seus estados objetivos são efetivamente singulares). Na visão deles, o sujeito conta com a chance de singularizar seu discurso a partir da interação viva com as vozes sociais, orientando-se na atmosfera heterodiscursiva.

Partindo desse princípio, é possível considerar que a língua, como atividade social, se efetiva na ação comunicativa e, em conformidade com as imposições, carências, premências e urgências, seus signos são plásticos, característica essa que faz com que ela ostente um caráter volante e plurissignificativo. Volóchinov (2018) assevera que a língua só se torna viva a partir da interação verbal, nas relações sociais, por intermédio das enunciações. Nas palavras do autor,

em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele de *quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente *o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205, grifos do autor).

O linguista russo sustenta, portanto, que a palavra é uma forma de ligação estendida entre locutor e interlocutor. É nesse sentido que ele conceitua a língua: a partir de sua materialidade concreta, em seu uso real com natureza dialógica, em um processo interacional.

Tencionando explicar melhor como essa teoria dialógica do discurso entende a língua(gem) e seu(s) uso(s), faz-se necessário que destrinchemos os conceitos de *enunciado* e de *gêneros do discurso*, uma vez que eles funcionam como “conceitos-âncora”, que impossibilitam abordar a linguagem como algo que está à parte das atividades sociais humanas.

Nos estudos bakhtinianos, a concepção de gênero do discurso (da qual trataremos posteriormente) aparece visceralmente ligada à noção de *enunciado*, o qual, por sua vez, imputa expressiva relevância no curso das formulações do teórico russo. Ao discorrer sobre o enunciado e instituir uma diferenciação entre ele, tomado como *unidade da comunicação socioverbal*, e a oração e a palavra, tomadas como *unidades da língua*, Bakhtin (2011), com o objetivo de colaborar com a demarcação de fronteiras de cada uma dessas noções, inicia uma interlocução com as reflexões linguísticas hegemônicas de sua época, as quais priorizavam o

estudo imanente (sistêmico) da linguagem verbal, negligenciando ou reduzindo a realidade linguística no que diz respeito à interação social e às práticas de linguagem. Para tanto, o estudioso russo cataloga as peculiaridades da oração e da palavra, as quais sempre se contrapõem ao enunciado, e salienta que a incompreensão a respeito da abrangência dessa dessemelhança vinha fazendo com que muitos linguistas cometessem equívocos em suas análises.

No ato de sustentar o enunciado como a unidade real da comunicação, Bakhtin (2016, p. 33) adverte que “[...] não se intercambiam orações como se intercambiam palavras (em rigoroso sentido linguístico) e grupos de palavras; intercambiam-se enunciados que são construídos com o auxílio das unidades da língua: palavras, combinações de palavras, orações [...]”. Mais adiante, o autor mantém o seu posicionamento e o ratifica, complementando-o com a afirmação de que “[...] aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas).” (BAKHTIN, 2011, p. 283). Desse modo, como fica evidente, *gênero do discurso* e *enunciado* são dois conceitos que estão diametralmente correlacionados nos postulados bakhtinianos.

Desse modo, o Círculo de Bakhtin considera que o enunciado (matéria linguística e “contexto” enunciativo) configura-se na interação social, e é isso que lhe concede o *status* de objeto de estudos da linguagem. Assim sendo, tratar do enunciado é tratar da interação verbal, do contexto em que ela se realiza e de suas relações dialógicas. Nas palavras de Bakhtin (2015, p. 49),

o enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, com sua continuidade, como uma réplica e não como se com ele se relacionasse à parte.

Nessa perspectiva, conforme Volóchinov (2018), o enunciado é, precisa e propriamente, uma unidade da comunicação em vínculo dialógico com outros enunciados, operando como réplicas dialógicas, e as fronteiras entre enunciados não residem em sua proporção, profundidade, aspecto ou valor, mas na alternância entre os falantes. Na visão do autor, um enunciado está completo quando está franqueado a uma resposta de outro enunciado, e é exatamente por esse motivo que ele não existe fora das relações dialógicas.

Conforme Bakhtin (2011), o emprego da língua é versátil e encontra-se emaranhado a um todo por três pontos de contato, a saber, i) conteúdo temático; ii) construção composicional; e iii) estilo de linguagem. Vale ressaltar que tudo isso está em conformidade com os campos¹⁵ da atividade humana, de forma que os enunciados se organizam como “*tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifos do autor). Faz-se necessário, então, esclarecermos, em linhas gerais, as características desses elementos, uma vez que eles são tomados pelo próprio Bakhtin (2011) como os três pilares dos gêneros do discurso.

Para o autor, qualquer enunciado, antes de tudo, se caracteriza por um dado *conteúdo temático*, isto é, a eleição de um gênero do discurso específico é determinada, inicialmente, pela particularidade de certo campo social, pela ideia do autor do discurso, pela sua apreciação valorativa e entonação expressiva no que se refere ao objeto e ao sentido dele. O conteúdo temático, desse modo, é o condutor da comunicação discursiva e, assim, abarca tanto aspectos linguísticos/textuais quanto aspectos enunciativos/discursivos. Nas palavras dele,

cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetual. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-compositivas. (BAKHTIN, 2011, p. 289).

A *construção composicional*, por sua vez, é um arquétipo de sistematização das partes dos gêneros. Consoante o supracitado autor, a intenção discursiva do falante forma-se e evolui-se em dada forma de gênero. Em suma, a construção composicional do gênero, como a própria expressão já revela, desempenha o papel de compor, equilibrar e organizar a essência do gênero, a qual colabora para caracterizá-lo e diferenciá-lo de outros gêneros.

Já o *estilo*, na concepção bakhtiniana, refere-se à escolha dos recursos gramaticais, lexicais e fraseológicos da língua. O estudioso argumenta que o estilo é coletivo, uma vez que

¹⁵ No conjunto das obras do Círculo de Bakhtin traduzidas para o português, encontramos oscilações entre os termos “campo” e “esfera”, os quais se referem, nos textos em questão, ao mesmo conceito. Pelo fato de as traduções mais recentes, feitas diretamente do russo, adotarem o termo “campo” em detrimento do termo “esfera”, procederemos do mesmo modo. Para além disso, Grillo (2006), uma das tradutoras mais reconhecidas das obras de Bakhtin no Brasil, afirma que a substituição do termo “esfera” por “campo” evidencia como os conceitos das obras do Círculo de Bakhtin e de Pierre Bourdieu se encontram em suas afirmações, análises e posicionamentos. A quem interessar, indicamos a leitura do artigo “Esfera e Campo”, de autoria de Sheila Grillo, publicado no livro “Bakhtin: outros conceitos-chave”, organizado pela linguista brasileira Beth Brait e publicado em 2006.

é parte de um gênero socio-historicamente construído, e, simultaneamente, individual, já que é engendrado por indivíduos. Assim sendo, o estilo coletivo é marcado pela associação entre elementos discursivos, textuais e linguísticos utilizados regularmente em certo contexto enunciativo, ao passo que o estilo individual, no que lhe concerne, é resultado das particularidades do sujeito da enunciação e de suas escolhas individualizadas na dinâmica discursiva.

Como assevera Bakhtin (2011), qualquer gênero possui um estilo próprio de enunciação, o que não exclui a existência do estilo individual do enunciador. Entretanto, como a linguagem é dialógica, o estilo não é totalmente individual, uma vez que, para serem identificados, diferenciados e categorizados, os gêneros precisam reaver determinadas formas acordadas nos campos de atividade humana em que orbitam, e necessitam, ainda, se sujeitar a algumas exigências (im)postas pelo contexto discursivo e socio-histórico de que estão rodeadas as pessoas que interagem naquela atividade enunciativa específica.

Em outras palavras, para fazer uma análise de determinado gênero, é preciso se atentar, também, para aspectos políticos, culturais, sociais e históricos. Conforme Bakhtin (2011), em cada fase de seu desenvolvimento, os gêneros do discurso marcam a língua escrita; sendo assim, notamos que os gêneros do discurso são utilizados para interagir em sociedade. Nessa perspectiva, é importante considerar que um gênero discursivo ocorre em determinado momento socio-histórico e está contido em um campo da atividade humana. Além disso, os gêneros se distinguem conforme os diferentes campos da atividade humana, que produzem discurso(s), e assumem formas diferentes, a depender das funções da linguagem em uso.

Consideradas as colaborações teóricas de Bakhtin aqui citadas, o gênero passa a ser analisado, então, com base em um prisma discursivo que sustenta o processo interativo que espontaneamente circunda as atividades enunciativas, mediadas pela concomitância de posições sociais, pela intenção dos enunciadores e pelo escopo próprio de cada campo da atividade humana, como um objeto enunciativo ou discursivo.

A depender de cada uma das referidas mediações, e conforme as mudanças pelas quais as sociedades passam, os gêneros discursivos (des)aparecem, deslocam-se para dentro de outros, transfiguram-se, intercalam-se, em um processo de evolução ininterrupto, tanto dentro do campo da atividade humana em que foram engendrados como também daquela que os filiou. Assim sendo, por conta do infinito repertório de possibilidades enunciativas dispostas aos sujeitos, é preciso pensar em uma heterogeneidade de gêneros.

Em tempos longínquos, quando se traçavam estudos desses fenômenos heterogêneos, exploravam-se, primeiramente, os gêneros chamados retóricos e, em segundo lugar, os definidos como gêneros do cotidiano, surgindo daí a necessidade de categorizá-los, como Bakhtin (2016) fez, em primários (simples) e secundários (complexos). Estes últimos aparecem nas conjunturas de relações sociais relativamente maduras e sistematizadas (sociopolíticas, artísticas, científicas etc.), enquanto aqueles se estruturam em circunstâncias de comunicação discursiva instantânea. Trocando em miúdos, podemos pensar que os gêneros primários englobam, por exemplo, o diálogo cotidiano, os bilhetes, os *chats* de redes sociais como o *Messenger*¹⁶; já os gêneros secundários abarcam os romances, as dissertações de Mestrado, as teses de Doutorado, as palestras, as conferências, entre outros gêneros frutos de situações sociais mais complexas. Partindo desse ponto de vista, segundo Bakhtin (2016), os primeiros têm a possibilidade de integrar os segundos, mas vale acrescentar que os gêneros secundários também são capazes de integrar outros gêneros secundários.

De acordo com as premissas de Bakhtin (2011), o contraste ideológico entre os gêneros primários e secundários é notável e torna fundamental o estudo da natureza constitutiva e peculiar deles, o qual deve ser norteado pela noção de enunciado. Isso viabiliza uma compreensão mais ampla e concreta das unidades da língua, da história da linguagem e, também, da sociedade na atividade humana, assentando-a nas áreas da (Meta)Linguística e da Filologia. É perceptível, portanto, que entender a linguagem dessa forma é reconhecer, como afirma Bakhtin (2016, p. 16) que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional”.

Dito isso, nota-se que, no conjunto da produção de Bakhtin e seu Círculo, o princípio dialógico (o fato de o discurso, naturalmente, ser atravessado por discursos/vozes precedentes e se direcionar às vozes/discursos subsecutivas) ultrapassa uma mera concepção para os teóricos russos; trata-se, na verdade, de um princípio característico dos escritos e das abordagens dos múltiplos e variados conceitos que formam o arcabouço teórico desse grupo.

¹⁶ O *Messenger* é o serviço gratuito e instantâneo de mensagens e bate-papo da rede social *Facebook*, além de também ser um aplicativo que fornece comunicação por voz e vídeo. Atualmente, o instrumento é uma solução bastante ampla no que diz respeito à comunicação. Por conta das frequentes atualizações, o *Messenger* ostenta o segundo lugar no *ranking* dos aplicativos de mensagem mais populares do planeta. Contando com 1,3 bilhões de usuários ativos mensalmente, de acordo com dados de outubro de 2020, que podem ser conferidos no site *Statista* (<https://www.statista.com/statistics/258749/most-popular-global-mobile-messenger-apps/>), só é superado pelo *WhatsApp*, que se mantém invicto com 2 bilhões de usuários.

Dado o exposto, sublinhamos que é através da natureza dialógica do discurso, portanto, que se faz possível e viável declarar que a percepção de inconclusão se efetiva e, por esse ângulo, noções como a de gêneros do discurso se mantêm transponíveis e factíveis diante da concentração e da pluralidade de linguagens e de textos (em suas mais variadas formas, espécies e tecnologias) que se manifestam na sociedade hodierna.

Essa afirmação é ratificada pelo fato de que, apesar de a propriedade multimodal¹⁷ dos textos atuais ser algo despropositado à época da produção teórica sobre a qual esta seção está tratando até o presente momento, o olhar vanguardista de Bakhtin e seu Círculo já salientava a diversidade dos gêneros discursivos:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado grupo. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Outro argumento sustentado por Bakhtin (2011), a saber, o de que os gêneros do discurso “[...] nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática” (BAKHTIN, 2011, p. 282), também se mostra muito atual, já que essa proposição pode ser destinada aos novos gêneros, os quais são (re)criados e dominados pelos sujeitos antes mesmo de serem estudados por teóricos das áreas de Texto, Gênero e Discurso, e de serem (re)conhecidas suas características e estipuladas suas definições.

A partir da discussão dessas características internas à noção de gêneros discursivos, é possível observar que ela descentraliza o fenômeno comunicativo, apartando-o de um horizonte tópico único e estável, ao passo que lhe confere materialidade e consistência.

Considerando tudo o que foi pontuado até o momento, podemos, agora, voltar o nosso olhar para gêneros discursivos emergentes. Para isso, no próximo tópico, discorreremos sobre

¹⁷ Conforme Sperandio (2012, p. 3), a *Teoria da Multimodalidade*, postulada por Kress e Van Leeuwen (2001) segue uma abordagem sociointeracionista. Esses autores se embasam em uma ideia de prática e se aportam na concepção de utilização de múltiplos recursos semióticos para a produção de um signo em contextos sociais reais. Discordando do que era preconizado pela semiologia tradicional, a qual compreendia os signos por meio de uma dupla articulação entre o significante (as formas) e o significado (os sentidos), Kress e Van Leeuwen (2001) entendem que essa articulação não é suficiente para que sua constituição seja entendida de forma plena. Esse conceito está diametralmente ligado à semiótica, sobretudo à semiótica social, uma vez que, segundo Van Leeuwen (2011), os textos multimodais são dotados de diferentes níveis semióticos. Nas mídias sociais digitais, a multimodalidade é basilar para a elaboração e recepção de enunciados e discursos, uma vez que esses recursos são ofertados aos seus usuários e a constituição de sentidos se dá por meio deles.

como os discursos têm sido materializados na atualidade, abordando questões relativas à hipertextualização e, conseqüentemente, ao letramento digital.

2.2 Facetas da produção discursiva no século XXI: mudam-se os textos, mudam-se os gêneros, mudam-se os letramentos

De acordo com Levy (2007), existe uma imensidão de alegações provando que a sociedade hodierna e, por conseguinte, nossas vidas, estão sendo moldadas em ritmos nunca fantasiados. Na visão de D. Ferraz (2018), ao menos para a civilização moderna, sobretudo nas metrópoles, as renovações sociais no que dizem respeito à ciência, economia, educação e política estão acontecendo a passos espantosos, sendo que boa parte delas é motivada pelas (novas) tecnologias digitais, as quais viabilizam relações cada vez mais *glocais*¹⁸.

Para Abreu (2018), quando se discute as práticas comunicativas partindo de uma perspectiva teórica fundamentada na Linguística Textual, isso significa considerar o texto nos variados usos reais da língua, seja na modalidade oral ou na modalidade escrita, os quais, nos dias contemporâneos, abarcam o ambiente digital e sua multimodalidade. Isso posto, pensa-se a língua e o texto em uso, realização que implica sujeitos situados socio-histórica e culturalmente.

Partindo do que foi dito nos parágrafos acima, é válido ressaltar que a produção textual mediada pela *web*¹⁹ 2.0 utiliza recursos digitais que, segundo Capistrano Júnior e Elias (2018) notabilizam o aspecto multimodal do texto, haja vista que os usuários da internet podem escolher mesclar diferentes modos semióticos (imagem, palavra, som etc.) na idealização e estruturação de sentidos pretendidos. Assim sendo, para discorrer acerca da produção discursiva contemporânea, faz-se necessário que comentemos, em linhas gerais, as características dos textos tradicionais e o que muda quando lidamos com hipertextos on-line.

2.2.1 (Hiper)texto, (hiper)textualidade e (hiper)textualização — itinerários

De acordo com Costa Val (2016), para que o fenômeno da produção de textos orais e escritos seja apreendido de forma satisfatória, faz-se necessário, *a priori*, compreender as peculiaridades do objeto *texto*, unidade linguística comunicativa medular. Assim sendo, é

¹⁸ Neologismo que representa o intercâmbio entre valores globais, locais e culturais, sublinhando um mundo cada vez mais conectado e digital.

¹⁹ *Web* é o nome que denomina a internet desde 1991, quando esta se popularizou devido à elaboração de uma *interface gráfica* que viabilizou o acesso e abrangeu seu alcance ao público em geral.

possível definir texto, segundo ela, como evento linguístico (oral ou escrito), guarnecido de unidade sociocomunicativa, semântica e formal, independentemente de seu tamanho.

Consoante Costa Val (2016), há três propriedades essenciais que constituem um texto, a saber, 1) um encadeamento de fatores pragmáticos, que cooperam para a composição dos sentidos de um texto, além de viabilizarem o seu reconhecimento como um empregador “normal” da língua; 2) o fato de ele compor uma unidade semântica, um todo significativo e coerente; e 3) o fato de ele ser definido e identificado por meio de sua unidade formal, uma vez que seus constituintes linguísticos precisam apresentar-se de maneira claramente integrada, possibilitando, assim, que ele seja depreendido como um todo coeso. Dito isso, a *textualidade/textualização*²⁰ é a reunião de características que levam uma produção linguística a ser, efetivamente, um texto.

No que tange à coerência, crucial elemento que viabiliza o entendimento de um texto por parte de seu leitor, esta é, de acordo com a autora, produto da configuração que assumem os conceitos e relações que se encontram abaixo da superfície textual. Esse é, portanto, o principal fator da textualização, já que é responsável pelo sentido do texto e envolve aspectos semânticos, lógicos, e cognitivos, uma vez que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores. Desse modo, a coerência²¹ do texto é produto de sua lógica interna, derivada dos significados que sua rede de relações e conceitos movimenta, mas também da correspondência entre o mundo textual e o conhecimento de mundo do receptor do discurso.

Já no que se refere à coesão de um texto, esta é, segundo Costa Val (2016), a manifestação linguística da coerência, resultado da forma como as noções e relações subjacentes são apresentadas na superfície textual. Esse é o elemento encarregado da unidade formal do texto, sendo construído por intermédio de ferramentas gramaticais e lexicais.

²⁰ Aqui, vale ressaltar a diferença nomenclatural e conceitual entre os termos *textualidade* e *textualização*. Para Costa Val (2004), quando falamos em *textualidade*, grande parte das pessoas pode entender que estamos tomando o texto como um produto linguístico que traz em si mesmo e, portanto, sozinho, o seu sentido e a integralidade de suas propriedades. Pensar desse modo seria o mesmo que crer no fato de que todos os indivíduos que escutam ou leem certo texto, ainda que nas mais adversas circunstâncias, o compreendem de modo exatamente igual. É sabido que isso não é verdade, dado que cada texto pode ser *textualizado* de múltiplos modos por diferentes ouvintes/leitores. Esse é o motivo que leva os pesquisadores atuais a adotarem a terminologia *textualização*.

²¹ Muitos autores empenharam-se em propor regras ou estabelecer fatores que influenciam a coerência e, conseqüentemente, o processo de compreensão textual, tais como Koch e Travaglia (1997, 2003), que precisaram onze elementos responsáveis pela coerência, quais sejam: 1) conhecimento linguístico; 2) conhecimento de mundo; 3) conhecimento partilhado; 4) inferências; 5) fatores pragmáticos; 6) situacionalidade; 7) intencionalidade e aceitabilidade; 8) informatividade; 9) focalização; 10) intertextualidade; e 11) relevância.

Assim, podemos concluir que a coerência e a coesão estão unidas pela característica de proporcionar a inter-relação semântica entre os componentes do discurso, a qual é conhecida como “conectividade textual”. Enquanto a coerência se ocupa do nexos entre os conceitos, ideias e informações, a coesão se ocupa da expressão desse nexos no plano linguístico.

Apesar desses conhecimentos terem se consolidado ao longo do tempo e, ainda hoje, se (com)provarem efetivos e produtivos no âmbito das análises linguísticas de texto, com o passar dos anos e o advento das novas tecnologias, elementos (multi)semióticos e o próprio ambiente virtual fizeram com que os textos tivessem sua estrutura formal, composicional e estilística enriquecida por um encontro de linguagens verbais e não verbais. Isso impactou a forma como nós os produzimos e recebemos, uma vez que houve o surgimento de novas construções semânticas e ambientes enunciativos.

De acordo com Xavier (2000), o poder criador do ser humano tem engendrado frequentemente novas tecnologias intelectuais que fazem surgir heterogêneas práticas sociais, políticas e culturais, cuja institucionalização ocorre, no devir da história, por meio da linguagem, a qual é responsável, também, por sistematizar e propagar tais tecnologias no mundo. Do mesmo modo que as formas de interação social canônicas — oral e escrita — modificaram-se e firmaram a sua coexistência pacífica no decorrer do tempo, o planeta vive uma fase de enriquecimento nas formas de comunicação humana.

Isso posto, na trilha de leitura do mundo por meio da palavra, segundo o referido autor, emerge uma tecnologia de linguagem cujo domínio de assimilação de sentido é constituído não somente por palavras, mas também por outros elementos, que, em conjunto com elas, todos projetados sobre uma mesma superfície perceptual, compõem um todo significativo e facultam, de maneira multifacetada, sentidos aos usuários das plataformas digitais. Essa característica se mostra intrigante porque possibilita a concentração de diversos aportes sógnicos em uma única superfície de leitura.

O denominado *hipertexto*²² — que, segundo Xavier (2009), é um sistema flexível, híbrido e dinâmico de linguagem, que conversa com outras áreas semióticas de interação e a(con)diciona várias e distintas formas de textualidade à sua superfície — revolucionou as formas de acessar informações e entrecruzá-las. Ele pertence à internet e, destarte, a todos: podemos compartilhá-lo, editá-lo, recortá-lo. Está sempre ali, mas não podemos tateá-lo

²² É importante destacar que, para Xavier (2000), as expressões *hipertexto* e *texto eletrônico* são sinônimas. Temos ciência de que o hipertexto não surge com a informática, porém acreditamos que é por meio dela que este aparenta desenvolver o máximo de sua potencialidade.

fisicamente — é um mundo que cabe na palma das nossas mãos, dado que os dispositivos móveis (*smartphones*, *tablets* e afins) já se integraram ao nosso cotidiano.

Para Xavier (2013), o hipertexto viabiliza e efetiva a conexão entre todas as diferentes semioses, que são chamadas pelo autor de “modos de enunciação” — verbal (oral e/ou escrito), visual (estático e/ou dinâmico), sonoro (natural e/ou artificial) —, tudo isso em um mesmo lugar de alcance e assimilação. Dessa forma, a mistura de modos enunciativos já existentes geraria um outro modo de enunciação, que o linguista brasileiro denomina de “modo de enunciação digital”, o qual se subdivide em categorias que se misturam de modo evidente na tela de dispositivos tecnológicos, sem, no entanto, perderem as suas particularidades sógnicas.

Por meio do hipertexto, ler o mundo tornou-se virtualmente exequível, uma vez que sua abstrata essência o faz onipresente, por viabilizar o seu acesso em qualquer lugar do planeta, a qualquer momento e por mais de um sujeito, tudo isso ao mesmo tempo. Ele viabiliza que o sujeito se torne um leitor capaz de adentrar nas mais relevantes discussões em voga no mundo contemporâneo, fazendo com que seu usuário consiga ter uma noção, ainda que pouco profunda, das grandes questões que perpassam a humanidade na contemporaneidade.

Isso posto, faz-se relevante pontuar uma questão muito discutida em pesquisas sobre hipertexto: a multilinearidade textual. Consoante Xavier (2002), uma característica que se encontra em textos impressos, como um livro, por exemplo, é a linearidade por meio da qual o autor dispõe as informações; em tese, a partir dessa linearidade na qual o texto foi construído, o leitor tende a folhear as páginas, seguindo uma ordem canônica, até concluir a leitura da obra. Essa linearidade, para o autor, é distorcida²³ com o surgimento do *hipertexto*. Segundo ele, não há um fim ou centro para o hipertexto como há, teoricamente, para textos impressos; pelo contrário, é o leitor quem constrói o texto. Nas palavras de Xavier (2009, p. 212), trata-se de uma leitura *self-service*, uma vez que o internauta seleciona o que lhe interessa.

Marcuschi (2005) também ratifica a incalculável contingência de leitura a partir dos hipertextos, uma vez que a sua sistematização não contém um centro, ou seja, não há neles um vetor que seja determinante, muito menos um explícito delineamento é apresentado ao leitor. Nas palavras do autor, “[o hipertexto] é um feixe de possibilidades, uma espécie de leque de ligações possíveis, mas não-aleatórias. Serve-lhe de metáfora a noção de estrela, que não

²³ Essa é uma questão complexa sobre a qual comentaremos ao longo da discussão acerca dos cinco traços — definidos por Xavier (2015) — que são indispensáveis para a constituição e definição do hipertexto on-line.

forma um centro, mas vários vértices que se ligam a outros vértices” (MARCUSCHI, 2005, p. 193).

Vale ressaltar que Xavier (2009, p. 208) traz à tona a discussão a respeito da tecnocracia, caracterizando-a como “[...] uma nova ordem mundial que se vislumbra inevitável anunciando a hegemonia da globalização nas relações econômicas, do neoliberalismo como ideologia política e da informática digital no domínio tecnológico”. Nessa conjuntura, o hipertexto é o formato que recebe maior destaque, justamente por sua dinamicidade, fator exigido em um mundo globalizado. Em suma, esse texto elástico, que expande conforme as escolhas do leitor, apresenta um modo digital de enunciar e construir sentido, segundo Xavier (2002). Nas palavras dele, em texto de 2015,

Em síntese, o hipertexto é o ‘texto da internet’ no qual se encontram palavras, imagens, vídeos e sonoridades todos passíveis de percepção simultânea, co-ocorrendo sem concorrer, uma vez que todos os modos enunciativos colaboram para a produção de sentido. Por meio do hipertexto, o sujeito vive a experiência de produzir e consumir significações pelo modo de enunciação digital. (XAVIER, 2015, p. 79).

O teórico pontua que essa é uma definição de hipertexto on-line, conectado à rede, e, assim sendo, *stricto sensu*. Com isso, Xavier (2015) salienta que o conceito também pode ser considerado *lato sensu*, quando não conectado, operando off-line. Para se fazer mais claro, o autor afirma que o termo *hipertexto* abarca desde a Bíblia até o *CD-ROMs*, os *pen drives* etc. e que a escolha pela definição de hipertexto on-line possui consequência direta nas propriedades e particularidades que o formam. Dito isso, ele elenca cinco traços que são indispensáveis ao hipertexto que se conecta à grande rede de computadores, quais sejam,

- a) **Imaterialidade/virtualidade:** conforme Xavier (2015), utilizando um *mouse* — e, acrescentamos, o dedo, em aparelhos *touchscreen* —, é possível ver e até mesmo tocar os elementos que formam o todo hipertextual; no entanto, senti-lo fisicamente (ainda) é impossível. Conectar-se visualmente com um hipertexto e criar *links*²⁴ com outro(s) hipertexto(s) são algumas das muitas possibilidades de (inter)ação na página *web* por quem a visita. Mas isso tudo só se dá de modo virtual. Os dedos são incapazes de folheá-lo; o máximo que conseguem fazer é simular esse movimento em aparelhos otimizados para isso. Quando um hipertexto é impresso, desapodera-se da essência virtual que o faz único;

²⁴ No ambiente da informática, *link* é um elemento de hipermídia constituído por um trecho de texto em destaque ou por um elemento gráfico que, ao ser acionado, ocasiona a exibição de um novo hiperdocumento.

- b) **Ubiquidade:** de acordo com Xavier (2015), a ubiquidade diz respeito ao fato de um mesmo objeto possuir a capacidade de estar simultaneamente presente em todo e qualquer lugar, contrariando o princípio da impenetrabilidade da matéria, postulado pelo físico Isaac Newton, o qual afirma que um corpo não pode ocupar, ao mesmo tempo, dois lugares distintos no espaço. O hipertexto — abusando de sua característica imaterial/virtual —, uma vez indexado à internet, torna-se acessível no computador de vários usuários, em diferentes lugares do planeta, tudo isso ao mesmo tempo. Essa “onipresença” viabiliza a multiplicação de uma mesma página *web*, expandindo consideravelmente o acesso aos mais variados conteúdos, se comparado à tiragem impressa de um certo texto;
- c) **Convergência de linguagens:** para Xavier (2015), o hipertexto engloba todos os modos de enunciação (verbal, visual e sonoro) e aplica, igualmente, na tela digital, cada um deles, os quais possuem influência expressiva na composição do(s) sentido(s) de informações hipertextualizadas. Os modos de enunciação realizam-se juntos, de forma simultânea, sem suscitar antagonismo entre si. Essa convergência de modos de enunciar é a responsável pelo nascimento de um modo de enunciação novo, diferente, digital, que se apossa do melhor dos mundos sógnicos para se estabelecer como tal;
- d) **Não linearidade:** de acordo com Xavier (2015), na visão de Clément (1995), a descontinuidade²⁵ é um dos modos pelos quais o sujeito (hiper)leitor julga que sua (hiper)leitura é capaz de alcançar a tão almejada coerência. Especificamente no caso do hipertexto, seu produtor pode materializar seu discurso já tencionando que o hiperleitor aborde-o de forma não linear. Dito isso, a deslinearidade esboçada e antecipada pelo produtor do hipertexto é uma particularidade que o diferencia de textos impressos;
- e) **Intertextualidade infinita:** Xavier (2015) assevera, também, que outra característica do texto impresso incrementada e intensificada no hipertexto é a instituição de inter-relações entre os textos. Na opinião do autor, a intertextualidade mostra que coisa alguma surge do nada e que os discursos

²⁵ De acordo com Xavier (2015), Clément, em 1995, já salientava a desorientação de determinados estudiosos no que diz respeito à noção de *deslinearidade* ou de *não linearidade* com *descontinuidade*. Segundo o autor francês, a deslinearidade é uma escolha do leitor, haja vista que, quando ele se vê perante um objeto informacional, pode optar por abordá-lo linearmente ou deslineadamente. Vale ressaltar que a deslinearidade não significa uma falta de trato sequencial da materialidade semântica ao longo da recepção dos discursos em um (hiper)texto, e sim uma escolha de condução de leitura de uma materialidade linguística.

materializados nos textos estão produzindo uma grande memória discursiva²⁶. Recorrer ao discurso do outro reveste as ideias sistematizadas em (hiper)textos de racionalidade e autenticidade, sustentando e pluralizando, de modo infinito, a cadeia de dizeres corporificados e incrementáveis que dialogam entre si. Considerando o hipertexto como um texto que se expande vertiginosamente e é indexado em servidores que mantêm e possibilitam o acesso a toda e qualquer página que hospedam, o autor afirma que o fenômeno da intertextualidade alcança o seu esplendor no ambiente digital, haja vista que todos os textos, em regra, se encontram na internet. Portanto, é possível dizer que há, na *web*, uma “intertextualidade infinita” dando o tom da evidente ligação entre os documentos hipertextuais nela publicados.

Em resumo, a *imaterialidade/virtualidade*, a *ubiquidade*, a *convergência de linguagens*, a *não linearidade* e a *intertextualidade infinita* definem o hipertexto *stricto sensu* tal como o consideramos nesta dissertação. No entanto, a respeito da não linearidade textual, faz-se importante sublinhar que alguns autores defendem que o modo de leitura não linear pode ser adotado em qualquer texto (seja ele impresso ou não); afinal, o leitor tem plena liberdade para escolher por onde quer começar e por onde quer terminar uma leitura de um texto. A partir da linha teórica que decidimos adotar nesta dissertação, acreditamos que o que diferencia um hipertexto de um texto impresso, em relação à (não) linearidade textual, é a sua construção. Portanto, assumimos, aportados em Santaella (2014) e no próprio Xavier (2015), que a produção de um hipertexto já é planejada e efetivada — a partir dos recursos ofertados pelas tecnologias digitais — para ser realizada de modo multilinear, diferentemente de textos físicos.

Feito esse adendo, podemos concluir que o texto digital, por sua vez, impacta diretamente os gêneros discursivos que o materializam. Em relação a isso, Xavier (2000) argumenta que o hipertexto tende a causar três operações modificadoras nos gêneros do discurso, quais sejam,

²⁶ Em seu texto de 2015, Xavier apresenta a noção de “memória discursiva”, baseado em Foucault (1996), propagador desse conceito. Em sua famosa obra *A Ordem do Discurso*, o francês assevera haver uma “[...] espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que ‘se dizem’ no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retornam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 1996, p. 22).

- a) **A reconfiguração das formatações tradicionais da escrita:** para Xavier (2000), o texto eletrônico, além de fazer uso da editoração canônica do texto escrito e atender à sequência das palavras, dos indicadores diacríticos e da pontuação em sua aplicação tradicional, também altera esses recursos e recicla-os, redesenhando-os de várias formas e reconstituindo-os distintivamente. Vale ressaltar que todas essas transformações realizadas sobre alguns dos elementos da textualização são releituras que passaram a ser básicas, tendo em vista as novas práticas interacionais que surgiram com a implantação da interação à distância mediada por aparelhos digitais. A criatividade, combinada à substancialidade, faz com que os usuários “brinquem” com *topogramas* já conhecidos socioculturalmente para resolver problemas de (tele)comunicação, sendo eles muito importantes dentro do gênero do discurso, do contexto sociointeracional e da finalidade para os quais têm sido empregados.
- b) **A superposição de sistemas semióticos:** segundo Xavier (2000), na perspectiva física, a modalidade escrita da língua distingue-se da modalidade oral por ser aquela de caráter fundamentalmente visual, enquanto esta é, substancialmente, auditiva. O texto eletrônico, por sua vez, possuindo natureza híbrida, ou seja, apresentando a possibilidade de amalgamar componentes da oralidade e da escrita, viabiliza que diferentes formas semióticas lhe sejam inseridas, a exemplo de imagens animadas (*GIFs*²⁷) e efeitos sonoros outros (não somente os da voz humana). Esse suporte à concentração de outras estruturas sógnicas anexadas a um mesmo artefato eletrônico faz do hipertexto uma alternativa comunicacional diversificada, criativa, eficiente e extremamente atraente, mesmo que à distância, haja vista que os usuários dessas tecnologias digitais ganham acesso a muitas formas de linguagem para criarem e manterem laços sociais. Os gêneros discursivos que comportam esses hipertextos estabelecem uma arquitetura linguística diferente, a qual rearranja os elementos verbais, auditivos e visuais, deixando que eles preencham um espaço significativo dentro da construção desse reajuste semiótico. As diversas linguagens, organizadas todas em um mesmo espaço de leitura (a tela de um aparelho digital), ganham um efeito de significação rico e plural. Assim sendo, a experiência linguístico-cognitiva do enunciatário, segundo Xavier (1999), mergulhada neste universo de sortidas exteriorizações

²⁷ *GIF* (*Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos, em livre tradução) é um formato de imagem bastante utilizado na *web* que pode compactar várias cenas e, com isso, exibir movimentos. Seu funcionamento ocorre da seguinte forma: ele armazena as linhas dos desenhos contidos nele fora de ordem, de modo a viabilizar que uma imagem parcialmente descarregada seja reconhecida antes mesmo de ser totalmente baixada. Com isso o usuário tem a liberdade de cancelar o carregamento ao se dar conta de que não é aquilo que queria. O *GIF*, hoje, é uma linguagem universal, e esse é um dos seus principais diferenciais. Além disso, os *GIFs* não têm áudio, mas as imagens acabam falando por si.

semióticas que os gêneros terciários²⁸ viabilizam, acaba sendo muito mais completa e possivelmente mais profusa em relação à dos gêneros secundários, visto que o universo sensorial movimentado pelo enunciador, no hipertexto, com a intenção de compor o seu discurso, transcende o nível do sistema alfabético da escrita e alcança o sistema visual e também o auditivo, todos simultaneamente.

- c) **A complexificação das funções sociocomunicativas dos gêneros anteriores:** conforme Xavier (2000), considerando os elementos da escrita e de outras linguagens não verbais retrabalhados e reciclados de formas diferentes, o gênero digital mescla diversas funções sociocomunicativas dos mais variados gêneros do discurso associados à fala e à escrita. Em outras palavras, determinadas ações de linguagem já estabilizadas e predelineadas em certos gêneros secundários e/ou primários, que apresentam para os interlocutores alguns horizontes de possibilidades, são reenquadradas em um espaço de enunciação novo, o qual concede ao seu produtor a utilização de certas formatações linguístico-rituais e ordenamentos estilísticos específicos a cada gênero, assentando-o na divisa com outros gêneros, com os quais mantém algumas semelhanças.

Isso posto, podemos afirmar que, ao passo que admitimos a aparição de novos textos — os hipertextos multimodais —, obrigatoriamente reconhecemos a composição de novos gêneros do discurso — nesse caso, os “gêneros discursivos digitais” (ARAÚJO, J., 2016) ou, como outros autores denominaram, “gêneros emergentes” (MARCUSCHI, 2005), consolidando o prognóstico bakhtiniano citado na subseção anterior. Dito isso, sigamos para o subtópico abaixo, que trata desses gêneros discursivos realizados em ambiente digital.

2.2.2 Gêneros digitais e letramento digital: a modernidade bate à porta

Grosso modo, os *gêneros digitais*²⁹ são gêneros produzidos/veiculados nas mídias digitais, isto é, eles existem por causa dos dispositivos eletrônicos e para serem mobilizados

²⁸ Vale ressaltar que, levando as assertivas bakhtinianas em consideração, Xavier (2000) defende a ideia de que as novas tecnologias de comunicação, sobretudo a hipermídia e o hipertexto, viabilizaram a aparição de gêneros discursivos híbridos, que combinam gêneros primários e secundários entre si em um mesmo suporte físico, cujo resultado é um gênero do discurso de “terceira ordem”, o qual, considerando a divisão feita por Bakhtin (2011), poderia ser chamado de *gênero terciário*. Nós, no entanto, discordamos dessa afirmação, pois acreditamos que o conceito de *gênero secundário* já abarca os hipertextos, haja vista que o próprio Bakhtin (2011) afirma que os gêneros secundários podem amalgamar tanto gêneros primários quanto outros gêneros secundários.

²⁹ É necessário pontuar que quando discorreremos sobre gêneros digitais, o adjetivo “digital” não funciona, aqui, para marcar o campo do gênero, mas sim o ambiente no qual ele se realiza. Segundo J. Araújo (2016), a expressão *esfera digital* não se sustenta como conceito, principalmente se o aporte

via aparatos tecnológicos, mas vão muito além disso. Pensamos nos gêneros emergentes no meio digital como agrupamentos comunicacionais por meio dos quais os usuários dessas tecnologias interagem entre si e propiciam a movimentação de conteúdos diversos, seja de maneira escrita ou ágrafa, tencionando a criação e a preservação de laços sociais.

No tocante ao conceito de gênero digital, não existe, ao menos até agora, uma unanimidade por parte dos estudiosos do assunto sobre a sua definição; diante disso, decidimos assumir a noção proposta por D. Pereira (2013), por julgá-la mais congruente e harmônica. Em síntese, de acordo com a autora,

Trata-se de uma classe de gêneros determinada pela forma como são realizados no ambiente digital, isto é, pelas especificidades que o modo de ser digital implica para a configuração dos enunciados, no que diz respeito à composição, à temática e ao estilo. Não basta, assim, que ele transite no ciberespaço com suporte digital, mas, sim, que em seu “corpo” haja traços caracterizantes desse pertencimento, como: produção e recepção do texto *online* e presença de *links*, entre outros. (PEREIRA, D., 2013, p. 160, grifos da autora).

Na concepção de D. Pereira (2013), portanto, os gêneros digitais são definidos por uma alteração no seu modo de composição textual, uma vez que, mesmo se aproximando de outros gêneros, eles apresentam particularidades marcadas pelas situações comunicativas (e, considerando o que discutimos anteriormente sobre a interligação entre os três pilares dos gêneros do discurso, a modificação também ocorre no conteúdo temático e no estilo).

O ambiente digital confere ao gênero não apenas a possibilidade de figurar como uma interação entre sujeitos afastados por espaço físico — fato que provoca várias mudanças na comunicação —, mas, também, uma certa identidade discursiva, a qual é produzida desde o começo de seu apoderamento pelos sujeitos-falantes. Assim, as regularidades e as multiplicidades formam as identidades dos atores sociais e da situação enunciativa.

É sabido que esses novos gêneros discursivos têm como uma de suas principais características o hibridismo e/ou agrupamento de linguagens, mídias e modalidades e que, por suas específicas propriedades, são passíveis de serem identificados, caracterizados e diferenciados apenas se os campos de comunicação, as circunstâncias de produção e de recepção, o tipo de interação etc. forem levados em consideração.

epistemológico do pesquisador de gênero for bakhtiniano. Para ele, a *Web* não se constitui uma esfera digital, mas sim um ambiente multimodo de alto grau de aquisição, concentração e assimilação, o qual transmuta para si vários campos de atividade humana e os mais diversos gêneros discursivos. Assim, na visão dele, a *Web* não pode ser tomada como uma instância de discurso.

Trocando em miúdos, é na utilização real, por meio do acompanhamento de uma série de atributos, apenas, que conseguimos deliberar se um certo enunciado pode ser tomado como um gênero digital. Além disso, é necessário reforçar que somente o uso da tecnologia não é o bastante para que um novo gênero nasça, uma vez que essa gênese depende de um novo *ethos* (nova forma de fazer, de interagir etc.), como salientam Lankshear e Knobel (2007), além de Rojo (2012a, 2012b). Mesmo assim, é inegável que, com a acessibilidade e a dinamicidade da internet, novos gêneros discursivos foram criados e outros se reelaboraram³⁰, assumindo as mais variadas e distintas formas, ratificando que estão a serviço das necessidades concretas de seu tempo e mudando significativamente a relação entre leitor e autor.

Dado o exposto até aqui, vemos que a introdução das tecnologias digitais da informação e da comunicação nos campos do gênero e do texto tem impactado a forma como os sujeitos elaboram e recepcionam discursos, e algo que surge com a enunciação contemporânea é a necessidade de o indivíduo ser digitalmente letrado.

Para comentar essa questão, é importante ressaltarmos a noção de letramento que adotamos nesta dissertação, a qual foi postulada por Rojo (2009). Nas palavras dela, letramentos são

[...] usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p. 98).

A partir das assertivas da autora, é possível pensarmos no letramento não como o conhecimento e o apoderamento do alfabeto, somente, mas como o processo de apreensão das práticas sociais de leitura e de escrita e das competências nelas compreendidas. Considerando esse conceito, podemos, segundo Rojo (2004), falar de diferentes tipos e níveis de letramento da população em geral. Além disso, podemos, também, sustentar, como assevera Melo (2014), que o fenômeno dos letramentos se materializa obrigatoriamente por intermédio dos gêneros do discurso. Isso ratifica a intrínseca dependência existente entre os letramentos

³⁰ A palavra *reelaboração* — que figura nas novas traduções das obras de Bakhtin substituindo o termo *transmutação* (que, para alguns autores, alude às Ciências Biológicas e à Física Nuclear) — é oriunda do Latim *elaborare* e destaca, em sua etimologia, a ideia de produção por intermédio do trabalho. Nas palavras de R. Costa (2010, p. 64, grifos do autor), “reelaborar, dessa forma, deixa mais claros os *esforços realizados por pessoas* para renovar ativamente alguma coisa. No caso em questão, os gêneros discursivos estão sujeitos às constantes readequações e ao aparecimento de novas necessidades de comunicação em razão de novas práticas sociais, imperativos econômicos ou avanços tecnológicos”.

(entendidos, inicialmente, como práticas sociais de escrita e de leitura) e os gêneros do discurso (tal qual foram conceituados pelo Círculo de Bakhtin e discutidos por nós na subseção anterior desta dissertação), transcendendo as fronteiras dos textos/enunciados orais e escritos canônicos, e abarcando, também, os textos/enunciados multissemióticos³¹.

Conforme Melo (2014), a relação entre os letramentos e os três pilares dos gêneros do discurso — o conteúdo temático, o estilo da linguagem e construção composicional — é uma questão evidente: basta expandir a definição dos tipos relativamente estáveis de enunciados. Assim, nas unidades composicionais, é preciso levar em conta as *multimodalidades* (imagens, sejam elas estáticas ou em movimento; som; escrita etc.); no estilo da linguagem, é necessário dar importância não só às unidades linguísticas, “[...] recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 261), mas também às *unidades semióticas*, isto é, às semioses ou formas de significar (cores, gestos etc.).

Finalmente, há que se considerar, também, que as cenas enunciativas que circundam as práticas de (multi)letramentos³² precisam ponderar a presença ubíqua das *tecnologias* e das *mídias* que alteram as maneiras de interação e de elaboração e recepção de temas e sentidos. De acordo com Santaella (2013), a ubiquidade foi viabilizada graças à emergência de um espaço diferente do físico: o ciberespaço. Nesse ambiente, o sujeito ganha a dádiva de estar em mais de um lugar simultaneamente. Ainda que a semioticista admita os perigos dos efeitos socioculturais e psíquicos que esse fenômeno pode vir a causar, este é, na visão dela, um recém-adquirido estado humano que, no passado, lhe parecia utópico.

Dado o exposto, essas frequentes mudanças, as quais se encontram interligadas a processos sociais, históricos, interacionais e culturais dos usuários de uma língua, reclamam mais eventos de letramento, especialmente de letramento digital, dado que se trata de práticas de linguagem que ocorrem na internet. Entretanto, como afirma Abreu (2018), é necessário se atentar a três pontos importantes, quais sejam, 1) o letramento digital não inviabiliza ou dispensa o letramento impresso; 2) letrar digitalmente não significa somente fazer com que o

³¹ Na visão de Rojo (2001, 2013), *semiose* significa “sistema de signos”, ao passo que *modalidade* diz respeito às variadas formas de apresentação de uma semiose (suas materialidades). À vista disso, quando há a presença de mais de um sistema de signos abrangendo mais de uma modalidade, há, então, *multissemiose/multimodalidade*.

³² Postulado pelo Grupo de Nova Londres (1996) e salientado por Rojo (2013, p. 14, grifos da autora), o conceito refere-se a “[...] dois tipos de ‘múltiplos’ que as práticas de letramento contemporâneas envolvem: por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro lado, a *pluralidade* e a *diversidade cultural* trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação”.

indivíduo possua um domínio instrumental de tecnologias de informação e comunicação; e 3) o fato de o sujeito ser um (novo) nativo digital não significa que ele é digitalmente letrado.

Dito isso, é preciso que respondamos ao seguinte questionamento: o que é, de fato, letramento digital? Os autores Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 17) conceituam letramento digital como “[...] habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital”. Segundo Abreu (2018), essa questão está ligada ao desenvolvimento do que tem sido chamado de *competência digital*. Esta seria, grosso modo, a associação de conhecimento técnico, de habilidades e de predileções do enunciador, elementos integrantes do processo enunciativo. Por meio deles, são produzidos textos compatíveis às discrepantes situações comunicativas e contextos de uso que abarcam o conhecimento e o entendimento de tecnologias e a interação em ambientes discursivos digitais.

Tendo em vista o que discutimos sobre letramento digital, afirmamos que ele deve ser direcionado à função social da interação de cada texto e tomado como evento semiótico dialógico, o qual deve ser acomodado e adaptado ao gênero discursivo digital no qual ele se apresenta, ao contexto de uso e aos seus interlocutores, como pontua Abreu (2018).

Em suma, portanto, vimos, ao longo desta subseção, que a evolução das tecnologias de comunicação, potencializadas pelo surgimento da internet, viabilizou uma substancial modificação no modo como nos comunicamos e interagimos em um contexto social. A partir disso, nossos olhares devem se voltar, atualmente, para algo importante: as redes sociais virtuais, haja vista que, segundo Castells (2007), por meio delas, a interação simultânea foi possibilitada, com indivíduos singulares quebrando limites temporais, geográficos e linguísticos, barreiras que eram, antes, expressivas no resultado do processo comunicacional.

Dito isso, focalizaremos, agora, o nosso ambiente de pesquisa, qual seja, a rede social *Facebook*, salientando as características que interessam a esta pesquisa. Além disso, mostraremos, também, questões discursivas, textuais e genéricas dessa mídia digital.

2.3 Facebook: a curiosa rede social mais cara e mais utilizada do planeta

Consoante Correia e Moreira (2014, p. 168), o *Facebook* pode ser definido como

[...] um website, que interliga páginas de perfil dos seus utilizadores. Tipicamente, é nestas páginas que os utilizadores publicam as mais diversas informações sobre eles próprios, e são também os utilizadores que ligam os seus perfis aos perfis de outros utilizadores.

Basicamente, a experiência do *Facebook* possibilita que os usuários se envolvam em três tipos de atividades: 1) fazer publicações de cunho pessoal, político, acadêmico ou de qualquer outro campo da atividade humana, numa página individual, com o seu perfil, ou em páginas coletivas, como *comunidades* ou *grupos*; 2) conectar-se a outros usuários e criar listas de amigos; e 3) interagir com outros usuários (BUFFARDI E CAMPBELL, 2008; TUFEKCI, 2008).

O *Facebook* tem transformado a maneira como bilhões de usuários se (inter)relacionam e (com)partilham dados. As redes sociais, como um todo, e o *Facebook*, particularmente, têm se tornado temáticas propulsoras de muitas pesquisas³³, as quais produzem uma extensa literatura. Essas pesquisas, em vertiginoso crescimento, têm acompanhado o desenvolvimento midiático do *Facebook*. Ao passo que sociólogos mensuram a influência dessa rede em termos de funcionamento das sociedades humanas e das leis fundamentais que regem as relações sociais, as instituições etc., eles assumem, também, o seu valor como instrumento de análise comportamental, de teste de hipóteses e de recrutamento de participantes num ambiente natural.

Para além disso, o *Facebook* tem impactado, ainda, a forma como produzimos e recepcionamos textos, com seus novos moldes de interação e, conseqüentemente, com os novos gêneros do discurso que surgiram/surgem a partir dessa rede social. Assim sendo, discorreremos, no subtópico a seguir, a respeito desse *website* como acoplador de enunciados relativamente estáveis.

2.3.1 O post de Facebook à luz da teoria dos gêneros e dos textos

As assertivas do Círculo de Bakhtin, como vimos anteriormente, evidenciam a transição de uma noção estruturalista de signo linguístico — que analisa a língua como um sistema sincrônico abstrato, entendendo o signo enquanto um “sinal” inerte — a uma noção de signo (socio)interacionista, que o toma como dialético, vivo e dinâmico. No entanto, conforme Lankshear e Knobel (2007), a emergência dos *novos letramentos contemporâneos*, com suporte em práticas letradas particulares alicerçadas na utilização de distintas tecnologias

³³ Como exemplo, podemos citar os trabalhos de Ruskowski (2018), sobre transformações do ativismo em plataformas de mídias sociais; Angonese (2018), sobre pornocultura e feminismo, retratando as *SuicideGirls* ao vivo no *Facebook*; e Filha (2018), sobre pedagogias do encontro no *Tinder* e *Facebook*.

digitais, atraiu para a cena das teorias dos gêneros do discurso novos desafios. Segundo Lemke (2010), não apenas os textos/enunciados em ambientes digitais sistematizam-se de maneiras novas, mas, também, hipertextos e hipermídias, fundindo multissemioticamente uma complexa diversidade de linguagens (imagens estáticas e/ou dinâmicas, áudio, modalidades escrita e/ou oral da língua) e, ainda, as recentes práticas letradas. Essas práticas se realizam sobre os textos digitais em forma de leitura e produção e seguem um novo *ethos*.

Diante do exposto, surge uma inquietação, a qual é salientada por Rojo e Melo (2017):

Será que ainda há lugar para as concepções bakhtinianas na contemporaneidade constituída de linguagens e culturas múltiplas e de textos/enunciados híbridos, multissemióticos e hipermidiáticos? Ou, em tempos de multiletramentos, é possível pensar os enunciados em ambientes digitais a partir de conceitos, noções e teorias instauradas em meados do século passado, pelo Círculo de Bakhtin? (ROJO; MELO, 2017, p. 1273).

A respeito desse questionamento, ressaltamos que, mesmo a teoria enunciativo-discursiva bakhtiniana tendo sido elaborada em meados do século XX — período que antecede todo o *boom* tecnológico vivenciado pelo planeta desde a década de 1960 até os dias atuais —, conforme Grillo (2009), as premissas do Círculo apresentam uma produtividade no que se refere aos estudos de gêneros discursivos da hodiernidade. Nas palavras da autora, “embora este não tenha sido o objeto de estudo privilegiado do Círculo de Bakhtin, entrevemos, em alguns momentos de sua obra, a noção de enunciado ou texto como unidade constituída de signos diversos [...]” (GRILLO, 2009, p. 216).

Tendo em vista as ponderações acima e as discussões acerca da situação dos letramentos contemporâneos, dos textos multimodais e dos gêneros discursivos digitais, feitas anteriormente nesta dissertação, pretendemos mostrar, nesta subseção, como o *post* de *Facebook*, nosso objeto de pesquisa, pode ser visto como um gênero do discurso³⁴ sob a perspectiva bakhtiniana. Para isso, retomaremos a discussão dos teóricos do Círculo de Bakhtin e de outros autores que coadunam com a linha de pensamento dos russos acerca dos três pilares de um gênero discursivo.

³⁴ Salientamos a nossa ciência de que o conceito de *hipergênero* existe e se mostra muito produtivo quando tratamos dos desafios que os gêneros discursivos emergentes apresentam às teorias de texto, gênero e discurso; mas, nesta dissertação, como o nosso objeto de estudo é o gênero *post* de *Facebook* (e não os *hipergêneros feed de notícias, página, comunidade, grupo* e afins), não nos aprofundaremos nesse tema e nem utilizaremos essa noção em nossa análise de dados. Ainda assim, a quem interessar, deixamos registradas aqui duas sugestões de leitura: o artigo “Mídia / suporte e *hipergênero*: os gêneros textuais e suas relações”, de Bonini (2011) e a tese de doutoramento “*Hipergênero: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado*”, de Lima (2013).

No que se refere ao *conteúdo temático* — o qual, segundo Dolz e Schneuwly (2011), é conjunto daquilo que é dizível por meio do gênero —, ressaltamos que, no *Facebook*, por meio de um *post*, são abordados diversos temas, de acordo com o interesse individual do sujeito, construído em suas práticas sociais. Esses temas, conforme afirma Bakhtin (2011), são os elementos do discurso e, desse modo, orientam a interação discursiva. Vale ressaltar que *temas*, nesse caso, é um conceito bakhtiniano que se refere às atitudes valorativas que os sujeitos têm no que diz respeito ao elemento semântico-objetual dos gêneros discursivos.

Um exemplo disso é a figura a seguir, na qual podemos verificar uma postagem feita pelos administradores/moderadores da *Quebrando o Tabu* — página do *Facebook* criada com o objetivo de tornar o mundo um lugar “mais bem informado e menos careta”, segundo sua própria descrição no *site* — e o comentário de uma usuária. Vejamos.

Figura 1 — Postagem sobre a proibição de doação de sangue por gays



Fonte: Página do *Quebrando o Tabu* no *Facebook*³⁵

Na figura 1, temos um *post* que questiona o fato de homossexuais do sexo masculino serem legalmente impedidos de doarem sangue³⁶. A foto, que é uma captura de tela de outra

³⁵

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.575920612464330/3343835472339483/?type=3&theater>. Acesso em: 18 abr. 2020.

³⁶ Na data em que a página *Quebrando o Tabu* fez a publicação, a doação de sangue por parte de homossexuais do sexo masculino ainda não era legalizada, mas, no dia 8 de maio de 2020, o Supremo Tribunal Federal derrubou essa restrição. A votação realizada pelo STF considerou discriminatórias as regras da Agência Nacional de Vigilância Sanitária e do Ministério de Saúde, que vetavam o ato, tornando-as inconstitucionais.

rede social (o *Twitter*³⁷), mostra um ativista LGBTQIA+, Pedro HMC³⁸, comentando esse fato (desaprovando-o) e, na legenda da imagem, a página *Quebrando o Tabu* levanta o argumento de que tanto homossexuais quanto heterossexuais são passíveis de serem acometidos por ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), o que invalida a alegação do Ministério da Saúde sobre a referida proibição, a qual seguia valendo, mesmo na pandemia da Covid-19³⁹.

Esse *post* ratifica o postulado de Bakhtin (2011), que afirma que o conteúdo temático de um gênero discursivo alude à vontade eminente do falante, o qual escolhe um determinado gênero do discurso para enunciar. Essa escolha, para o teórico, perpassa o campo da comunicação discursiva, por considerações temáticas, pela situação comunicativa, além da composição de pessoas envolvidas na interação, entre outros fatores. Com isso, o conteúdo temático abrangeria aspectos idiossincráticos do sujeito, como suas vontades, suas singularidades e conhecimentos semânticos engendrados coletivamente nas práticas sociais.

Na publicação, vemos que o gênero escolhido foi o *post* de *Facebook*, que apresenta um vasto alcance de capital social⁴⁰, o que é comprovado pelos números presentes na figura 1: são 33 mil reações, divididas, principalmente, entre “triste”, “curtir” e “grr”; 5 mil comentários; e 5,5 mil compartilhamentos. Levando isso em consideração, a referida rede social, por meio do gênero *post* de *Facebook*, dá ao sujeito a possibilidade de expor, a nível mundial, seus desejos, indignações, frustrações, opiniões etc., propulsionando sua liberdade de expressão e a realização de sua função como agente social. Além disso, o *Facebook* é considerado, hoje, por muitos usuários, como uma rede social propícia aos famosos *textões*⁴¹ e serve muito bem à militância, haja vista que a internet tem democratizado o ativismo acerca

³⁷ O *Twitter*, rede social que possui mais de 330 milhões de usuários ativos, foi criado por quatro estadunidenses — Jack Dorsey, Noah Glass, Biz Stone e Evan Williams —, no ano de 2006. Os enunciados publicados nessa plataforma (os *tweets*) possuem muitas particularidades, a exemplo do limite de 280 caracteres para cada postagem.

³⁸ Pedro HMC é criador do *Põe na Roda*, um dos maiores canais *gays* do *YouTube*, com mais de um milhão de inscritos; autor da obra *Um Livro Para Ser Entendido* e um dos militantes mais conhecidos da causa LGBTQIA+ na internet.

³⁹ A Covid-19 é uma doença acarretada por uma família de vírus muito contagiosa que causa infecções respiratórias potencialmente mortais.

⁴⁰ A teoria do Capital Social advém das Ciências Sociais (BOURDIEU, 1980; PUTNAM, 1996), que o consideram produto do pertencer a um grupo (rede) de atores. Esse conceito é apropriado por Recuero (2009), que o toma enquanto um dos muitos valores que cingem as relações sociais (on-line e/ou off-line). S. Costa (2012), baseada em Recuero (2009), afirma que a expressão significa, grosso modo, o engajamento de um *post* em uma rede social, que pode ser mensurado a partir do volume de curtidas, compartilhamentos e comentários que uma publicação consegue angariar, o que marca um valor abstrato que confere *status* positivo para o(s) autor(es) do *post*.

⁴¹ Segundo Flores e Cervo (2017), *textões* são, como o próprio vocábulo denuncia, longos textos publicados em redes sociais a respeito das mais variadas temáticas e problemáticas, os quais podem, geralmente, defender uma opinião, agradecer uma etapa conquistada, criticar alguma conduta ou ser utilizados como um diário on-line.

dos mais variados temas, já que, na rede, qualquer indivíduo “não conhecido” pode tornar públicas suas posições político-ideológicas. Esse fato, de certo modo, segundo Guerra e Pereira (2021), possibilita um debate que pode propiciar a instauração de um consenso sobre as problemáticas que cingem a humanidade; mas, por outro lado, também pode indiciar valores ultraconservadores hegemônicos no contexto socio-histórico desse indivíduo e contribuir para uma forte arregimentação da sociedade.

É importante ressaltar, ainda, que, conforme Ribeiro (2010), em se tratando do conteúdo temático, a dimensão individual não se impõe aos parâmetros reguladores do gênero escolhido pelo sujeito, assim como a constituição do gênero não condiciona plenamente as escolhas individuais, pois, segundo Volóchinov (2018) as forças sociais (circunscritas ideologicamente) acham-se em tensão imanente nas dissonantes vozes que revelam-se nos liames ideológicos que são instaurados na interação, a qual demanda a elaboração/concepção conjunta de sentidos.

Isso posto, é importante lembrar que enunciados são ideológicos em dois sentidos, haja vista que todo enunciado se dá no campo de uma das ideologias⁴² e expressa uma posição avaliativa, o que significa que não há enunciado neutro. Assim sendo, tudo é ideológico.

Tendo isso em vista, na postagem em questão, há uma temática sendo contemplada e criticada dentro do ambiente das redes sociais on-line: a postura do Ministério da Saúde de impedir a doação de sangue por parte dos homossexuais do sexo masculino. Essa crítica é feita tanto pelo autor do *tweet*⁴³ (um homem *gay*) quanto pela pessoa que utilizou esse *tweet* para compor sua publicação no *Facebook*, reforçando a desaprovação ao fato apresentado, e, ainda, por uma usuária da rede social, que se entristece com esse posicionamento e revela sua frustração nos comentários da publicação.

Isso ratifica os pressupostos bakhtinianos de que a linguagem é ideológica, visto que há sempre que se considerar o lugar socio-histórico em que o enunciador se encontra, e dialógica, uma vez que a interação é o lugar da linguagem, onde se calham as permutas de experiências e conhecimentos, sendo a língua um instrumento para a formação e ascensão do indivíduo como sujeito pertencente a uma comunidade. Além disso, fica provado, também,

⁴² Ideologia, aqui, é entendida por nós, com base no Círculo de Bakhtin, como o universo dos produtos da atividade intelectual humana.

⁴³ De acordo com Dioguardi (2014), a partir da compreensão do *Twitter* como um ambiente virtual que acomoda um gênero específico, elaborado em até duzentos e oitenta caracteres e que apresenta tal estrutura retórica básica por conta do gênero discursivo que lhe deu origem, a saber, o SMS, o *tweet* pode ser tomado como um gênero do discurso do ambiente digital que se originou de outro gênero: o diálogo cotidiano.

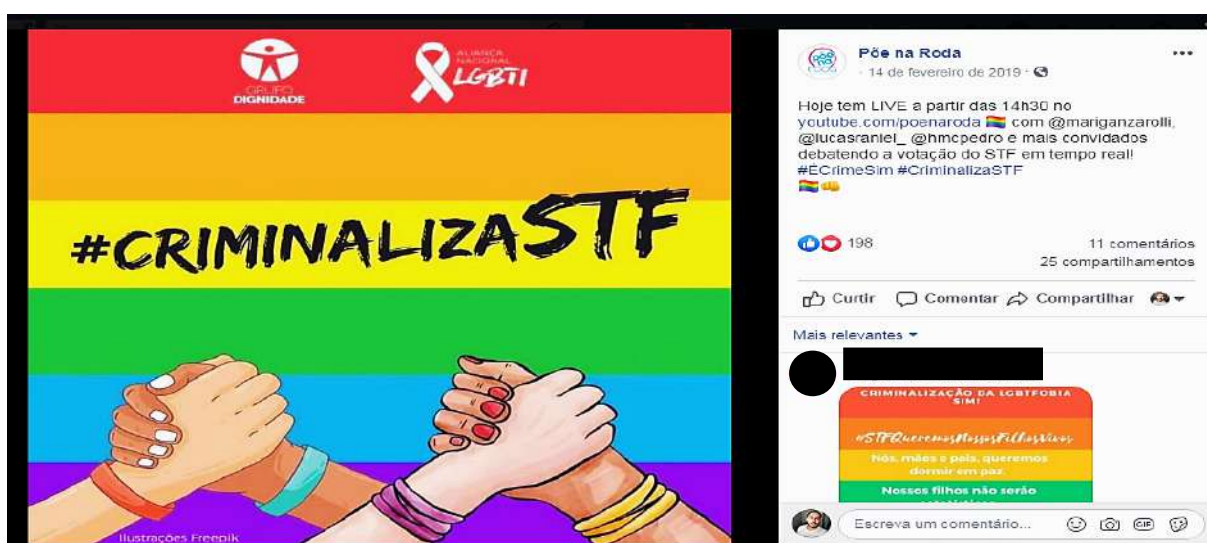
que o conteúdo temático vai além da mera noção de assunto, ao abarcar valores sociais e os discursos construídos socio-historicamente que vêm à tona no evento enunciativo.

Para além disso, vale dizer que o *post* observado nos mostra, também, uma das características essenciais do hipertexto para Xavier (2015), qual seja, a *intertextualidade infinita*. Analisando a publicação, vemos que se trata de uma *screenshot* (captura de tela) da rede social *Twitter*, a qual revela que o autor do *tweet* também se valeu do recurso ao discurso do outro, uma vez que o comentário do usuário foi feito a partir de uma notícia veiculada pelo portal de notícias brasileiro *GI*, em forma de *tweet*. Em outras palavras, em um único *post*, é possível enxergarmos o cruzamento de vários hipertextos digitais e, também, de várias vozes.

Voltando à discussão sobre o *post* de *Facebook* e os pressupostos bakhtinianos, outro aspecto que o caracteriza como gênero discursivo é o *estilo*. Segundo Bakhtin (2011), o estilo diz respeito à escolha de artifícios lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua. O estilo individual resulta da singularidade do enunciador, manifestada por meio de suas escolhas particularizadas na dinâmica discursiva. Já o estilo do gênero refere-se à confluência dos usos linguísticos, discursivos e textuais em um dado contexto enunciativo.

Isso pode ser conferido na imagem abaixo, que contém uma postagem feita pelos administradores/moderadores do *Põe na Roda* (portal de informação, cultura e entretenimento LGBTQIA+), em sua página oficial no *Facebook*. Vejamos.

Figura 2 — Postagem sobre a votação do STF a respeito da criminalização da LGBTQIA+fobia



Fonte: Página do *Põe na Roda* no *Facebook*⁴⁴

44

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/poenaaroda/photos/a.626518810761090/2146192835460339/?type=3&theater>. Acesso em: 19 abr. 2020.

Na figura 2, vemos o estilo do gênero *post* de *Facebook*, o qual tem como principal característica a multimodalidade. Uma ocorrência textual muito comum nessa rede social, por exemplo, é o hibridismo entre texto escrito e imagem, que, juntos, produzem um determinado sentido, e isso ocorre aqui: na figura, podemos ver uma *hashtag*⁴⁵ (#criminalizaSTF) contida em uma imagem formada por um arco-íris (o qual representa, nesse caso, a bandeira LGBTQIA+), pessoas de mãos dadas e logotipos de grupos LGBTQIA+ e simpatizantes. Na legenda, fala-se sobre uma votação do STF (Supremo Tribunal Federal) e há, além de uma outra *hashtag* (#ÉCrimeSim), a utilização de *emojis*⁴⁶ e de um *link* que redireciona o leitor a uma página do *YouTube* (plataforma digital de compartilhamento de vídeos).

Todos esses elementos juntos fazem o indivíduo compreender o assunto da postagem: a criminalização da LGBTQIA+fobia. Essa mescla de recursos, utilizada para atribuir sentido à publicação, é justamente o que marca o estilo desse gênero: aqui, o que vale não é somente o que é dito explicitamente pelo texto, mas também as estratégias textual-discursivas arquitetadas pelo autor da publicação, com o intuito de manifestar o seu dizer. Trocando em miúdos, são distintas construções linguísticas e semióticas de texto funcionando como um todo significativo e materializando o dizer do sujeito.

Além disso, outra característica marcante em relação ao estilo de um gênero discursivo, segundo Prado (2019), é a relação de valor do enunciador com o conteúdo do objeto do discurso. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 291-292),

quando escolhemos as palavras, partimos do conjunto projetado do enunciado, e esse conjunto que projetamos e criamos é sempre expressivo e é ele que irradia sua expressão [...] a cada palavra que escolhemos [...]. E escolhemos a palavra pelo significado que em si mesmo não é expressivo mas pode ou não corresponder aos nossos objetivos expressivos em face de outras palavras, isto é, em face do conjunto do nosso enunciado.

⁴⁵ *Tags* são as palavras-chave (as mais relevantes) ou os principais termos ligados a um tópico, informação ou discussão. As *hashtags* são formadas pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo *cerquilha* (#) e funcionam como *hyperlinks* dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca.

⁴⁶ De acordo com Evans (2017), *emojis* — do japonês “e” (絵 "imagem") + “moji” (文字 "letra") — são pictogramas que representam sentimentos, ideias, entidades, estados ou eventos. Factualmente, os primeiros *emojis* apareceram no final da década de 1990, no Japão, para utilização em *smartphones*. Em 2009, o California-based Unicode Consortium, incumbido da produção dos padrões internacionais de comunicação digital, validou 722 *emojis*. Eles foram disponibilizados aos criadores de *softwares* e, desde 2010, o fenômeno mundial começou. Segundo Avelar (2018), no ano de publicação de sua dissertação de mestrado, havia cerca de 1.200 *emojis* que eram considerados pelo UNICODE e disponibilizados para uso no mundo.

Portanto, o que determina o estilo do gênero é o sistema da língua, o objeto do discurso e do próprio enunciador, bem como a sua relação valorativa com esse objeto (em outras palavras, o ponto de vista, os juízos de valor e os sentimentos do sujeito da enunciação), acrescidos ao objeto do seu discurso e aos mecanismos linguísticos, textuais, discursivos, semióticos e multimodais.

No *post* em questão, podemos ver, por meio das escolhas lexicais e imagéticas feitas pelo enunciador, seu posicionamento valorativo frente à temática abordada: no que diz respeito às *hashtags*, ambas se mostram a favor da criminalização da homofobia e da transfobia. Isso pode ser observado pelo tom contundente da primeira delas (*#criminalizaSTF*), marcado pela escolha do verbo flexionado na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, e pela construção confirmativa da segunda (*#ÉCrimeSim*), marcada pelo advérbio de afirmação “sim”. Há, também, a seleção dos *emojis*, que, nesse caso, são uma bandeira LGBTQIA+ e uma mão fechada, que, na internet, representa o símbolo de luta. Assim sendo, esses *emojis*, juntos, simbolizam a luta de pessoas LGBTQIA+ pelos seus direitos. Há, ainda, a representatividade expressa pelas pessoas de mãos dadas na imagem escolhida para a publicação, o que alude a uma ação de apoio.

Tudo isso está ligado ao estilo individual, o qual é resultado da singularidade do sujeito da enunciação e das suas preferências individualizadas na dinâmica discursiva. Nesse sentido, qualquer enunciado é capaz de refletir a individualidade do falante.

Considerando a discussão anterior, podemos afirmar que o *post* de *Facebook* apresenta plenamente o que Bakhtin e seu Círculo entendem como estilo de um gênero, questão que é resumida por Brait (2016, p. 98) da seguinte forma:

A concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, [...] implica sujeitos que instauram discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos. Assim, a singularidade estará necessariamente em diálogo com o coletivo em que textos, verbais, visuais ou verbo-visuais, deixam ver, em seu conjunto, os demais participantes da interação em que se inserem e que, por força da dialogicidade, incide sobre o passado e sobre o futuro.

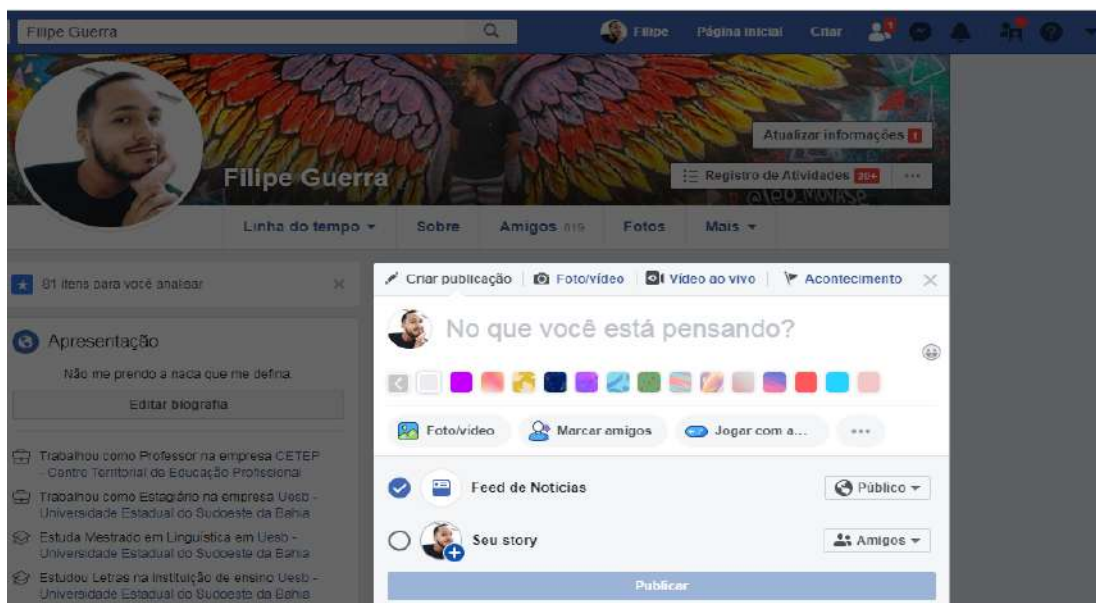
A questão do estilo, como vimos, ultrapassa a simples noção de autenticidade, de singularidade do indivíduo, estando inteiramente ligada aos usos socio-históricos dos mecanismos de textualização.

É interessante observarmos, ainda, mais duas das cinco características essenciais do hipertexto postuladas por Xavier (2015): a *convergência de linguagens* e a *não linearidade*

(multilinearidade). No que se refere à convergência de linguagens, a multimodalidade dessa publicação salta aos olhos de qualquer analista; nela, encontramos imagem, *emojis*, palavras e símbolos; tudo isso funcionando para que o objetivo do texto seja cumprido (chamar a atenção do hiperleitor para a votação acerca da criminalização da homofobia). Já no que diz respeito à multilinearidade, vemos, nesse *post*, o mar de possibilidades no qual o hiperleitor pode mergulhar para apreender o conteúdo da publicação: a leitura do texto pode começar pelo símbolo do arco-íris, pela sigla LGBTQIA+, pelas *hashtags*, pelo *link* do vídeo, pelos comentários, dentre outras maneiras, as quais provam como o hipertexto on-line é muito mais flexível e dinâmico que qualquer outro texto canônico.

Quanto ao pilar da *construção composicional*, percebemos que o usuário da língua se acomoda aos parâmetros estruturais do *Facebook*, que orientam, até certo ponto, a comunicação discursiva. Entre as principais características dessa rede social, no que diz respeito à sua estrutura, está o meio de circulação, que é a internet.

Figura 3 — Criação de uma publicação no *Facebook*



Fonte: Perfil do pesquisador no site *Facebook*⁴⁷

Essa orientação, citada anteriormente, realiza-se por meio dos muitos recursos que o *Facebook* oferece ao seu usuário quando ele resolve fazer um *post* na rede social. Na tela inicial de elaboração da postagem, o sujeito já se depara com algumas funcionalidades, quais sejam, a) uma caixa de texto para digitar o que deseja; b) uma cartela de *emojis*; c) temas

⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/guerrafs>. Acesso em: 27 abr. 2020.

(fundos coloridos e ilustrados) para deixar o texto destacado no *feed de notícias*⁴⁸ de outros usuários quando a postagem for feita; d) um mecanismo para inserção de fotos e/ou vídeos; e) a possibilidade de marcar amigos; f) uma forma de jogar com amigos; g) reticências que, quando clicadas, abrem outras quatro funcionalidades, a saber, sentimento/atividade, *check-in*, *GIF* e sala de vídeo.

Há, também, a possibilidade de escolha entre fazer a publicação no *feed* de notícias ou no *story* (opção na qual o conteúdo é disponibilizado por apenas 24 horas, desaparecendo automaticamente depois disso) e delimitar quem verá essa publicação (as opções são: “público”, “amigos”, “amigos, exceto...”, “amigos específicos”, “somente eu” e “personalizado”).

As outras abas de funcionalidades contam, ainda, com os recursos de “vídeo ao vivo” (as famosas *lives*, muito utilizadas pelo atual presidente da república — Jair Bolsonaro — e por vários artistas que produziram conteúdo em meio à pandemia da Covid-19) e de publicação de “acontecimentos” (aqui estão contidas categorias como trabalho, formação escolar/acadêmica e relacionamentos amorosos).

Para além disso, o usuário pode compartilhar publicações de amigos, páginas, grupos e comunidades públicas do *website*, tendo a escolha de tecer ou não um comentário sobre o conteúdo a ser compartilhado, além de suas “lembranças” (publicações feitas pelo usuário há anos e que são notificadas para ele no dia exato em que fazem “aniversário”).

Também nesse gênero específico, há configurações que são imediatamente reconhecidas pelos usuários e até mesmo por outras pessoas que não o utilizam, mas que já tiveram algum contato com a página desta rede. A estrutura retórica básica de um *post* de *Facebook*, por exemplo, é bastante característica: um texto, uma imagem, um *GIF* ou um vídeo, acompanhado de uma legenda, de reações (curtir, amei, uau, triste e *grr*), de comentários e de respostas aos comentários, além das opções de envio e compartilhamento. Esses recursos interacionais, à disposição de outros usuários (as opções de curtir, comentar, compartilhar, salvar etc.), inclusive, são aspectos importantes da estrutura do (*post* de) *Facebook*.

É importante lembrar da importância desses recursos porque é por meio deles que o usuário do *Facebook* recebe o retorno que espera. Assim, eles precisam ser estrategicamente utilizados, principalmente porque, como um típico hipertexto digital, o *post* de *Facebook*

⁴⁸ O *feed de notícias* é uma espécie de lista de histórias da sua página inicial que é frequentemente atualizada. Essas atualizações incluem *status*, fotos, vídeos, *links*, atividade do aplicativo e curtidas de pessoas, grupos e páginas que seguidas pelo usuário na rede social.

apresenta uma característica muito interessante: ele é *ubíquo*. Isso significa que uma postagem pode ser vista por qualquer pessoa e em qualquer lugar do planeta, tudo isso ao mesmo tempo.

Voltando à discussão anterior, vale ressaltar que Bakhtin (2011) relaciona o conceito de gênero do discurso aos três pilares supracitados; entretanto, esses pilares precisam ser tomados de forma maleável, imbricada e cinética a sua teoria. Faz-se necessário, assim, que a leitura acerca da relação existente entre os elementos pormenorizados aqui se realize sob o escopo das assertivas dos teóricos do Círculo de Bakhtin e, por conseguinte, esteja inscrita na vertente dialógica dos estudos da língua(gem). O filósofo russo defende a ideia de unidade entre os elementos constituintes do gênero discursivo ao afirmar que

o estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e — o que é de especial importância — de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção de conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva — com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro etc. (BAKHTIN, 2016, p. 18).

Pelo fato de partirmos de uma concepção (socio)interacionista de língua(gem) — corrente teórica que, segundo Costa-Hübes (2009), se fortaleceu no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, por conta da grande influência e do reconhecimento das obras de Bakhtin e seu Círculo como divisoras de águas no campo da Linguística —, precisamos tratar, também, da função social dos gêneros do discurso. Vale ressaltar que essa teoria introduziu, de acordo com Morato (2004), uma concepção histórico-discursiva de sujeito aos estudos majoritariamente estruturalistas da época. Consequentemente, a linguagem foi tomada como social e dialógica, ligada à noção de interação, a qual, para Gonçalves (2004, p. 2),

[...] tende a provocar mudanças tanto no sujeito quanto no destinatário, porque agimos sobre os outros e os outros sobre nós. A língua não se separa do indivíduo. Aprender a língua significa, a nosso ver, criar situações sociais idênticas às que vivenciamos no cotidiano. Em outros termos, o ato interlocutivo não deve se isolar das atividades cotidianas, visto que a linguagem não está dissociada de nossas ações e, portanto, aprender uma língua significa participar de situações concretas de comunicação.

Dado o exposto, compreendemos que os gêneros do discurso fazem-se presentes em nosso cotidiano, pois, consoante Costa-Hübes (2009), ao interagirmos com outrem, valemos de enunciados já existentes no seio social, escolhidos de acordo com o que a cena enunciativa solicita para que a interação ocorra e delineados conforme o ato interlocutivo em que os sujeitos em questão estão inseridos.

Bakhtin (2011) afirma que os enunciados não se constituem mera, fácil e puramente, visto que cada campo de atividade humana conta com seus enunciados próprios, os quais se distinguem dos outros que figuram/functionam em campos diferentes. Isso posto, concluímos que, em cada um dos campos sociais existentes, encontramos repertórios distintos de gêneros discursivos (e cada gênero retrata e valida o discurso e a ideologia do campo que os elabora).

Partindo do exposto, é possível afirmar que os gêneros do discurso são formados por vários modelos de enunciados, os quais circulam socialmente. Nesse sentido, vale ressaltar o pensamento de Bronckart (1999), autor que toma a língua como moderadora e governadora de todas as interações verbais, justificando, assim, sua associação com o social. O linguista belgo entende que, ao identificarmos e categorizarmos os gêneros do discurso, em vez de fazermos isso de modo racional, regular e permanente, isto é, somente por meio da forma, devemos, sobretudo, considerar a função comunicativa que eles exercem no decurso da interação verbal.

Considerando o que foi explanado até aqui, vejamos um exemplo do gênero *post* de *Facebook* revelando sua função sociocomunicativa, a partir da observação da figura a seguir, a qual apresenta uma matéria do site de notícias e mídia *Lisboa Secreta*.

Figura 4 — Matéria sobre o Mês do Orgulho LGBTQIA+



Fonte: Página do *Lisboa Secreta* no *Facebook*⁴⁹

⁴⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/LisboaSecreta/posts/760841124676664>. Acesso em: 5 out. 2020.

Na figura 4, vemos que um *link* foi indexado a um *post* de *Facebook*. A matéria, do *site Lisboa Secreta*, tem o seguinte título: “Porque [sic] é que junho é o mês do orgulho LGBT?”. Essa manchete salienta o assunto da postagem⁵⁰, a qual possui um forte apelo social: conscientizar os usuários do *Facebook* que tenham contato com o *post* em questão acerca de uma das peculiaridades do Movimento LGBTQIA+, a saber, a eleição de um mês para que os integrantes da comunidade se lembrem de ter orgulho da sua orientação sexual e da sua identidade de gênero. Além disso, a legenda da matéria indica o posicionamento ideológico do(s) autor(es) da publicação perante o assunto abordado: a partir da oração “Ainda há muita luta pela frente”, complementada pelos *emojis* da bandeira do arco-íris (símbolo do Movimento LGBTQIA+) e do punho fechado (que representa o símbolo de “luta” nas redes sociais), é possível inferir que os moderadores da página são simpatizantes da causa e estão tentando contribuir para uma sociedade menos LGBTQIA+fóbica.

Nesse caso, o gênero *post* de *Facebook* funciona como um chamariz para uma informação que, muitas vezes, pela força do ultraconservadorismo no Brasil, não chega a um maior número de pessoas, sobretudo àquelas que não tiveram acesso a conhecimentos que possibilitassem a elas internalizar as formas cognitivas de entender e efetivar mudanças no mundo (nem que seja apenas no “mundo” delas); se formar como agentes sociais e dialógicos, pensantes e críticos, tendo competência para lidar com noções dos mais diferentes tipos; argumentar; solucionar questões diante de dilemas da vida prática etc., sendo justas, dignas, cultas e estando preparadas para um engajamento ativo e crítico no seio cultural, social, profissional e político.

Vale ressaltar, também, uma característica essencial do hipertexto on-line que fica evidente nesse *post*: a *imaterialidade/virtualidade*. Na publicação, há uma chamada de manchete que aparece acompanhada por um resumo de um artigo de opinião publicado em um *blog*. Essa indexação, a qual torna o tópico em questão acessível por meio de um *click*, só é possível devido à imaterialidade/virtualidade ofertada pelo ambiente digital, que viabiliza ao produtor do hipertexto esse tipo de materialização discursiva.

⁵⁰ Vale ressaltar que algumas páginas presentes no *Facebook* são irônicas e/ou têm o objetivo interacional de satirizar determinada situação. Além disso, há, também, páginas voltadas à disseminação de notícias falsas e, ainda, perfis especializados em *clickbait*s, estratégia muito utilizada na internet para gerar tráfego on-line por meio de conteúdos enganosos e/ou sensacionalistas; esse termo — também conhecido como “caça-clique” — diz respeito à quebra de expectativa por parte do sujeito que foi “fisgado” por essa isca de cliques. Isso posto, é importante salientar que, apesar de esse não ser o caso da página *Lisboa Secreta*, esse detalhe precisa ser considerado, haja vista a imensidão de conteúdos veiculados em *posts* de *Facebook* e os próprios comentários presentes nessas publicações, os quais podem deturpar completamente o sentido de uma postagem.

Tendo isso em vista, podemos afirmar que o *Facebook* é, indubitavelmente, uma rede social que proporciona aos seus usuários uma interatividade bastante dinâmica e a presença diversificada da hipertextualidade. No *Facebook*, veiculam-se reportagens, entrevistas, notícias, anúncios publicitários e muitos outros gêneros discursivos; tudo isso em formato de *posts* (publicações), que circulam na rede e angariam capital social por meio de comentários e reações dos internautas. Há, ainda, uma série de *hyperlinks* nesse ambiente virtual, os quais encaminham os usuários a outros perfis, páginas, grupos, *posts* e até mesmo *sites* de terceiros.

Assim, o *post* de *Facebook* possibilita uma maneira de interação social bastante complexa, na qual signos distintos relacionam-se com o objetivo de compor uma mensagem. Isso posto, a noção de texto que o define ultrapassa os limites do código linguístico, uma vez que se associa a outras semióticas. Quando tratamos de maneiras de comunicação digitais, como o gênero *post* de *Facebook*, ratificamos que a utilização de múltiplos signos associados e a procura por novos modos de manifestação desses signos representam o alicerce desse processo comunicacional, viabilizando a relação entre os sujeitos e entre os textos produzidos, um a partir do outro.

Retomando o que já mostramos anteriormente, a rede social supracitada conta com muitos recursos das matrizes da linguagem e do pensamento (sonora, visual e verbal). Além de todos os artifícios que podemos utilizar, como enunciadores, na elaboração de um *post*, como vimos na figura 3 (caixa de texto, cartela de *emojis*, temas, inserção de fotos e/ou vídeos, *GIFs* etc.), há muitos outros que podem ser usados pelos interlocutores no processo de interação.

Um bom exemplo disso são as chamadas “reações”, as quais se apresentam em seis tipos, respectivamente: “Curtir”, “Amei”, “Haha”, “Uau”, “Triste” e “Grr”, que correspondem ao sentimento do internauta ao ver aquela postagem ou comentário e servem como um “termômetro” que mede a qualidade da publicação a partir do capital social que ela angaria, como demonstramos na figura 5, abaixo:

Figura 5 — Reações da rede social *Facebook*



Fonte: Perfil do pesquisador no site *Facebook*⁵¹

⁵¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/guerrafrs>. Acesso em: 26 maio 2020.

Essas seis reações são fixas na plataforma, mas algumas outras, especiais, acabam aparecendo em determinadas épocas do ano ou situações vivenciadas mundialmente naquele período. É o caso da “Gratidão” (flor roxa que figurou no Dia das Mães do ano de 2016), do “Orgulho” (bandeira com as cores do arco-íris que apareceu em 2017, no mês do Orgulho LGBTQIA+) e do “Força” (abraço que surgiu em 2020, em meio à pandemia da Covid-19).

Existe, também, a opção para compartilhar um *post*, seja ele de um perfil pessoal, de uma comunidade, de um grupo, de uma página etc., o qual, então, é incorporado ao perfil do usuário, alcançando seus amigos e conhecidos (a depender da privacidade escolhida no ato do compartilhamento). Essa ferramenta é bastante utilizada no *Facebook*, uma vez que a plataforma possibilita um agrupamento de pessoas em volta de conteúdos comuns; assim, cria-se uma teia de diálogos e discursos. Consoante Bernardo (2014, p. 7), isso contribui para que a socialização humana seja aflorada e permite ao usuário se lançar mundo (virtual) afora.

Na seção de comentários, além de texto verbal, o internauta está apto a enviar *emojis*, vídeos, fotos, *GIFs* e figurinhas, conforme se vê no canto inferior direito da figura 6, a seguir.

Figura 6 — Caixa de comentários da rede social *Facebook*



Fonte: Perfil do pesquisador no site *Facebook*⁵²

Além disso, nessa rede social, assim como em todo hipertexto, não há uma sequência a ser seguida. É possível visitar páginas de humor, participar de um grupo feminista, comentar nas fotos de um amigo, conversar com um familiar através do *chat* (que dispõe até de jogos e chamadas de vídeo), ler notícias etc.

Isso posto, podemos afirmar que o *Facebook* viabiliza, por meio de sua plataforma colaborativa, distintas maneiras de interação social por meio de quatro semioses: a escrita; a união de fotos, materiais audiovisuais e imagéticos; a junção das diversas plataformas digitais por meio da postagem de *links*; e a oportunidade de estabelecimento de uma comunicação não verbal, também explorada em outras redes sociais, a exemplo do *Twitter*.

Podemos concluir, também, como afirmam Berto e Gonçalves (2011), que a capacidade contributiva da rede social *Facebook* e as intersemioses de seus mecanismos comunicacionais colaboram para o impulsionamento da interação social entre os usuários do

⁵² Disponível em: <https://www.facebook.com/guerrafts>. Acesso em: 28 maio 2020.

referido *website* e para um aprimoramento do processo enunciativo, por meio do ganho de sentidos viabilizado às mensagens. Além disso, o fato de englobar, em um único ambiente, as peculiaridades e os mecanismos presentes nos outros gêneros dessa categoria, tais como os *chats online*, os *e-mails*, os *blogs* etc., além de aspectos encontrados somente nessa rede social, cooperam para a ascensão dessa mídia ao patamar de gênero digital emergente.

Esta fundamentação teórica, portanto, nos autoriza a discutir os elementos que integram as formas interativas do *Facebook* como um processo multimodal de materialização de discursos, o qual pode demonstrar, na prática, o que muitos pesquisadores e teóricos há décadas vêm descrevendo.

Mas, antes de finalizarmos esta seção teórica, julgamos necessário dissertar acerca do campo político-ideológico sob o qual os *posts* de *Facebook* que compõem o nosso *corpus* — que será destrinchado na seção 3 desta dissertação — se inscrevem, qual seja, o da diversidade sexual e de gênero. Isso será feito na subseção a seguir.

2.3.2 O Movimento LGBTQIA+ no Brasil: nascimento, consolidação e pautas

O movimento de Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis/Transexuais e afins, representado pela sigla LGBTQIA+, é constituído por ativistas que buscam dar voz e vez a todos aqueles que fogem à cisheteronormatividade⁵³. Seu principal objetivo é, em linhas gerais, garantir a humanização e a valorização dos componentes dessa comunidade, tendo como propósito zelar e resguardar a saúde física, psicológica e o bem-estar social desse grupo, que demanda não somente atenção, mas também proteção por parte do Estado, visto que é vítima de preconceito e discriminações dos mais diversos — e cruéis — tipos por parte da sociedade. De acordo com Moura (2016), esse movimento precisa ser compreendido não apenas a partir um caráter evolucionista, mas também alicerçado na dinâmica processual da história, haja vista que a organização desses segmentos conta com vários progressos e atrasos, a depender do contexto socio-histórico e das múltiplas determinações resultantes de normas sociais.

Isso posto, de acordo com Trevisan (2018), antes da chegada dos portugueses ao Brasil, a Europa considerava esse território como a “Ínsula Deliciosa”, uma ilha utópica, localizada próxima à Irlanda e com características paradisíacas. Após ter sido encontrado, o

⁵³ De acordo com Caravaca-Morera e Padilha (2017, s.p.), a cisheteronormatividade é um conceito “[...] que faz referência a um conjunto de relações de poder que normaliza, regulamenta, idealiza e institucionaliza o gênero, sexo e a sexualidade em uma linha ilógica e estritamente horizontal.”

país passou por um processo de colonização que construiu, de certo modo, a identidade brasileira, por meio de um projeto estratégico de nação, pensado especificamente para a configuração heterogênea dos povos que aqui viviam.

Segundo o autor, vários exploradores e antropólogos desembarcaram no Brasil a fim de pesquisar etnograficamente os indígenas, bem como seus costumes. Nesses relatos, muitas vezes, eram pontuadas a grande liberdade sexual e a acentuada libido entre os aborígenes, o que lhes garantiu o apelido de “devassos no paraíso” pelo historiador Abelardo Romero, dado que o entendimento dos índios acerca de sexo e sexualidade discrepava dos preceitos europeus, aportados na religião cristã.

O jornalista afirma que, no *paraíso tropical*, a prática da “sodomia” era a que mais preocupava os colonizadores europeus. Como citado por Caruzo (2020, p. 75),

em 1576, o português Pedro de Magalhães de Gândavo constatou que a sodomia estava presente entre os indígenas brasileiros como se não existisse a noção de homem e masculinidade, o que foi reafirmado pelo francês Jean de Léry em 1577. Livres dos estereótipos de sexo, os silvícolas brasileiros nada tinham a se preocupar quanto a se apresentarem “masculinos” ou “femininos”, haja vista a inexistência desses conceitos e atribuições de gênero.

Trevisan (2018) salienta, a partir do exposto, que a homossexualidade e o homoerotismo, no Brasil, só começaram a ser repreendidos e penalizados a partir da presença dos colonizadores portugueses, que, seguindo preceitos ocidentais cristãos, passaram a perseguir a livre expressão de sexualidade dos indígenas. Nas palavras de Caruzo (2020, p. 75-76),

[...] a Santa Inquisição portuguesa no Brasil processou mais de 40 mil pessoas, queimou mais de 1800 na fogueira e condenou quase 30 mil pessoas a outras punições. Na primeira e segunda visitação do Tribunal da Inquisição à Bahia, o crime de sodomia aparecia em segundo lugar entre os mais praticados, assim como o tribadismo (relação homossexual entre mulheres).

O escritor sustenta que, após essa fase, já no século XIX, surgiram novos articuladores, os quais, dessa vez, se aportavam na ciência. Médicos higienistas (legistas e psiquiatras) começaram a propor campanhas de “moralização” e “assistência filantrópica”, tencionando melhorar a pátria. Sob essa ótica supostamente científica, o Estado passou a condenar os libidinosos, solipsos e homossexuais, considerados “[...] como cidadãos irresponsáveis e adversários do bem-estar biológico-social” (TREVISAN, 2018, p. 169).

Ainda nessa época, ocorreu o chamado por Trevisan (2018) de “boom guei”, que alcançou as grandes mídias do país e reverberou em todo o território nacional, principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste. A partir desse ponto, um projeto de *Movimento de Liberação Homossexual no Brasil* passou a ser rascunhado. De acordo com o autor, nessa época, o desenvolvimento da contracultura da década de 1960 já havia ecoado no país e introduzido um ditame de luta por transformações. Nas palavras de Caruzo (2020, p. 76, grifos do autor),

em uma espécie de refluxo à repressão, os teatros gays ficaram cada vez mais cheios, as *drags queens* e a travestilidade demarcaram seu lugar nas ruas e espaços geográficos específicos na cidade foram recortados como pontos de encontro da população dita marginal. Com o espírito de Stonewall em ebulição, surgiu o Somos – Grupo de Afirmação Homossexual, o jornal *Lampião da Esquina* começa a ser veiculado e temas como sexo e gênero, afirmação da sexualidade, ruptura do modelo heteronormativo e direitos homossexuais passaram a ser discutidos.

Porém, Trevisan (2018) lembra que, nesse movimento de ascensão social e maior aceitação por parte da sociedade, ocorreu o “surto de paranoia” que tomou conta do país já nos primeiros casos de AIDS, noticiados no ano de 1982. Essa doença, divulgada na mídia sem detalhes e informações concretas, fez com que a sociedade, a partir de muita desinformação, transformasse os homossexuais em “[...] para-raios e bodes expiatórios, receptores da ansiedade coletiva” (TREVISAN, 2018, p. 301).

O autor afirma que a AIDS foi vinculada à prática homossexual e considerada como uma “doença moral”. Assim, é possível compreender por que a epidemia de AIDS ficou conhecida na época como “peste”, termo que alude a princípios medievais de tomar grandes doenças como castigos de Deus. Nesse momento de progresso do movimento LGBTQIA+, o advento da AIDS fez retroceder a visibilidade e o crescimento até então conquistados. A homossexualidade, que já era odiada, passou a ser maldita. Ainda assim, a década de 1990 acompanhou a ascensão cada vez maior dos sujeitos LGBTQIA+⁵⁴.

54 De acordo com Caruzo (2020, p. 76-77, grifos nossos), “o consumo da população LGBT+ mobilizou todo um setor econômico, que abriu suas margens para adicionar a população gay em sua agenda comercial. Surgiram produtos e serviços direcionados ao público LGBT+ e este rapidamente se tornou um dos principais nichos de consumo do mercado brasileiro. Em 1995, fundou-se a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), que tinha o objetivo de articular a criação de políticas públicas no país. Em termos jurídicos, a maior manifestação da exigência de direitos aos homossexuais foi a reivindicação à união civil entre pessoas do mesmo sexo. O projeto de lei 1151/95, que recebeu o nome de Parceria Civil Registrada, foi proposto pela deputada Marta Suplicy e foi alvo de um rigoroso contragolpe político. Após longo percurso burocrático, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união estável entre pessoas do mesmo sexo em 2011, seguido do Conselho Nacional de Justiça, em 2013. Em 1999, realizou-se o Seminário Nacional de Cidadania Homossexual,

Em resumo, como relatam Simões e Facchini (2009), o movimento social LGBTQIA+, no Brasil, surgiu, de forma devidamente estruturada, nos anos de 1970, mas a trajetória política dessa comunidade pode ser segmentada em três “momentos”. O primeiro momento foi marcado pelo fim da Quinta República Brasileira — regime instaurado em 1º de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985 —, período que ficou conhecido como “abertura política”. De acordo com Facchini (2003), a primeira onda LGBTQIA+ ganhou a sua importância principalmente por ambicionar uma igualdade entre todos os membros do grupo, além de incluir pautas políticas na discussão sobre a diversidade sexual e de gênero, o que, pouco a pouco, ajudou na construção de uma identidade do movimento social LGBTQIA+. Já o segundo momento, ainda conforme a cientista social, foi sublinhado pela fase de redemocratização do Brasil, que ocorreu no final da década de 1980, a partir de uma presença mais constante e evidente do movimento social LGBTQIA+ no cenário público. Por último, mas de nenhum modo menos importante, o terceiro momento deu-se ao longo dos anos de 1990, à medida que foram iniciadas várias relações entre a comunidade LGBTQIA+ e instituições estatais e não estatais.

Diante disso, faz-se necessário pontuar que, hoje, vários teóricos, como afirmam Albernaz e Kauss (2015), defendem que estamos vivendo um quarto momento da trajetória LGBTQIA+. Nesta onda, não somente o Brasil, mas também outros países democratas

no auditório da Câmara Federal, em Brasília. No mesmo ano, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) sancionou a Resolução 001/99 estabelecendo normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999). Algum tempo depois, em 2011, a Frente Parlamentar Evangélica apresentou o projeto legislativo 234/11, que foi amplamente divulgado e discutido como a ‘cura gay’. Com o objetivo de revogar as normas pautadas pelo CFP na Resolução 001/99, o projeto foi aprovado em junho de 2013, após o pastor evangélico Marco Feliciano assumir a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara. Como resultado, houve uma avalanche de manifestações e protestos contra a aprovação em todo o país. Logo depois, o projeto foi cassado e o CFP reafirmou seu caráter autárquico, bem como o vigor das normativas da Resolução. Ainda assim, em 2016 surgiram dois novos projetos de decreto legislativo (4931/16 e 539/16) com os mesmos objetivos e, em 2017, o juiz federal Waldemar Cláudio de Carvalho emitiu uma liminar permitindo que psicólogos oferecessem serviços de reversão sexual sem sofrerem represália do CFP. Em contrapartida, o CFP aprovou uma regulamentação proibindo psicólogos de propor ou colaborar com serviços que visem à readequação de identidade de gênero, em 2018, em adição à 001/99, referente aos homossexuais. [...] A preocupação da bancada evangélica brasileira em curar a homossexualidade vem de longa data. Com métodos análogos ao exorcismo, surgiram centros de reabilitação para homossexuais em todo o país. Terapia de Reorientação Sexual, Terapia de Reversão Sexual, Terapia Reparativa e Terapia de Conversão foram alguns dos nomes pseudocientíficos que surgiram como propostas de cura gay, que incluíam tratamentos de ordem clínica e de ordem religiosa, dentre eles a hipnose, a técnica EMDR (reprocessamento e dessensibilização pelo movimento ocular) e o ‘trabalho de libertação’, sendo essa última uma lógica que defendeu a cura da homossexualidade a partir do trabalho braçal. Em 2013, o CFP e a Ordem de Advogados do Brasil (OAB) divulgaram um relatório denunciando algumas instituições que, sob o pretexto de estar tratando dependentes químicos, realizavam técnicas de reversão sexual das mais variadas formas”.

estariam presenciando a busca pela realização de direitos dessa classe, para que eles não se diminuam a um simples e desimportante formalismo discursivo. Como exemplo das pautas atuais pleiteadas pelo movimento, globalmente falando, T. Ferraz (2017) cita: 1) criminalização da homo-lesbo-bi-trans+fobia; 2) fim da criminalização da diversidade sexual e de gênero; 3) legitimação da identidade de gênero; 4) despatologização das identidades travestis/transsexuais; 5) fim dos tratamentos que prometem uma “cura *gay*”; 6) casamento civil igualitário; e 7) permissão de adoção para casais homoafetivos.

Assim, após discorrermos, em linhas gerais, acerca do movimento LGBTQIA+, fica claro que se faz necessária a feitura de mais pesquisas que investiguem a discursivização de temas como sexualidade e identidade de gênero, para que possamos entender como a causa LGBTQIA+(fóbica) se revela nos motes por nós levantados. Dito isso, trataremos, na seção a seguir, dos aspectos metodológicos desta dissertação, para, posteriormente, apresentarmos a análise dos nossos dados.

3 POR DENTRO DO ARCO-ÍRIS: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DE *POSTS* LGBTQIA+ PUBLICADOS NO *FACEBOOK*

Conforme afirma Modolo (2018), a metodologia, nas mais variadas vertentes de análise do texto e do discurso (crítica, francesa, bakhtiniana, semiótica etc.) impõe diversos desafios aos pesquisadores e acadêmicos que situam seus trabalhos nessas perspectivas de estudos. Esses obstáculos são fruto de variantes, tais como o fato de o texto — por meio do qual os discursos se materializam — ser dinâmico e acompanhar mudanças socio-históricas vividas pelos sujeitos de discurso, pois, segundo Volóchinov (2018), há uma relação de interferência entre a *infraestrutura* (as condições materiais da vida social) e a *superestrutura* (o retrato — na vida social, ritual e cultural — das mudanças ocorridas na base material).

Assim, na presente seção, minudenciaremos as estratégias metodológicas adotadas por nós ao longo desta dissertação para formar, sistematizar, editar e condensar o nosso *corpus* conforme nossas perguntas de pesquisa, nosso objetivo geral e nossos objetivos específicos, todos salientados na seção de introdução deste trabalho. Para isso, descreveremos, a seguir, todo o processo de geração de dados, salientando as idiossincrasias das nossas escolhas diante do banco de dados formado a partir de nossas coletas, e o tratamento teórico que foi empregado para a análise desse material tão multifacetado.

Em resumo, no que diz respeito ao processo de geração de dados, o *corpus* desta pesquisa foi construído por exemplares de *posts* publicados na rede social *Facebook* — nosso ambiente de pesquisa — que tematizam a militância LGBTQIA+(fóbica), sendo todas essas postagens de caráter público. Assim, os procedimentos metodológicos adotados para a seleção e a sistematização do nosso banco de dados, do qual foi selecionado o referido *corpus*, foram os seguintes: 1) pesquisa, na ferramenta de busca do *Facebook*, de *posts* em língua portuguesa que tematizassem a militância LGBTQIA+; 2) salvamento dos *posts* contidos em páginas, previamente pesquisados; e 3) *screenshots* de 40 (quarenta) *posts* — e de seus respectivos comentários, quando presentes — referentes à temática escolhida.

Salientados os passos acima, pormenorizaremos, agora, como ocorreu cada um deles, tencionando clarificar os caminhos que seguimos para estruturar e manusear os dados. Inicialmente, para realizar o primeiro procedimento, precisávamos ter acesso à rede social *Facebook* e conhecer o seu funcionamento. Isso não foi um problema, visto que já tínhamos, desde 2012, uma conta na rede social em questão.

Com isso, já poderíamos iniciar a busca pelos *posts*, mas, antes de tudo, decidimos definir três critérios para delimitar o trabalho. O primeiro deles foi nos atermos a *posts* feitos

apenas no mês do Orgulho LGBTQIA+ (junho), uma vez que, além da representatividade do período, essa é a época em que, supostamente, as postagens sobre a temática supracitada se tornam mais abundantes e profícuas. Já o segundo critério consistiu em nos restringirmos a publicações feitas nos anos de 2019 e 2020, pois nossa intenção foi a de trabalhar com os dados mais recentes⁵⁵ possíveis disponíveis no *Facebook*. Vale ressaltar que optamos por analisar *posts* de dois anos diferentes por supormos, baseados em fatos importantes que ocorreram ao longo desse período — a exemplo da criminalização da LGBTQIA+fobia pelo Supremo Tribunal Federal, em 2019, e da legalização da doação de sangue por parte de homens *gays*, em 2020 — que as pautas referentes à diversidade sexual e de gênero discutidas nas mídias sociais digitais estão em constante mudança. O terceiro critério, por sua vez, foi nos limitarmos a *posts* publicados em língua portuguesa.

Tomada essa decisão, começamos a procurar, através de um *laptop*, os *posts* com a ferramenta de buscas oferecida pelo próprio *Facebook*, que conta com alguns filtros, tais como “páginas”, “grupos”, “fotos”, publicações”, “vídeos” etc., como podemos ver na figura 7, abaixo.

Figura 7 — Pesquisa feita por meio do perfil do pesquisador na rede social *Facebook*



Fonte: Site *Facebook*⁵⁶

Fizemos a procura a partir de palavras-chave como “LGBT”, “LGBTQIA+”, “#LGBT”, “#LGBTQIA+”, mas, apesar de os filtros serem sortidos e funcionarem muito

⁵⁵ O período de feitura desta dissertação se deu entre abril de 2020 e março de 2022, tendo sido a coleta de dados efetuada nos meses de julho, agosto e setembro de 2020.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/guerrafts>. Acesso em: 17 abr. 2021.

bem, acabamos nos deparando com várias publicações em inglês, o que não contemplava o foco da nossa dissertação, além de *posts* que não datavam de junho de 2019 ou junho de 2020. Assim sendo, tivemos que mudar a nossa estratégia de busca: em vez de procurarmos *posts*, buscamos páginas que abordavam assuntos relacionados ao movimento LGBTQIA+ em suas publicações. Ao encontrarmos essas páginas, selecionamos as 2 (duas) mais curtidas e seguidas pelos usuários⁵⁷ do *Facebook* para buscar, em suas linhas do tempo, *posts* que atendessem aos nossos critérios de seleção (mês, ano e assunto). As páginas selecionadas são apresentadas no quadro 1, a seguir:⁵⁸.

Quadro 1 — Páginas escolhidas para a formação do banco de dados

Nome da página	Curtidas	Seguidores	Link	Data de acesso
Quebrando o Tabu	10.820.263 usuários	11.957.080 usuários	https://www.facebook.com/quebrandootabu/?ref=page_internal	23 abr. 2021
Cartazes & Tirinhas LGBT	719.463 usuários	718.213 usuários	https://www.facebook.com/CartazesLGBTAIQ/?ref=page_internal	23 abr. 2021

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

A página *Quebrando o Tabu* foi criada em 13 de abril de 2011, pelo publicitário e *digital influencer* mineiro Guilherme Melles, de 33 anos. A *fanpage* foi lançada para divulgar um documentário homônimo — estreado no mesmo ano e dirigido por Fernando Grostein Andrade — e ganhou popularidade muito rapidamente. Atualmente, a *Quebrando o Tabu* é uma das páginas mais influentes na internet brasileira, contando com quase 12 milhões de seguidores. Ela se define como uma “empresa de mídia/notícias” e salienta, em sua seção de divulgação no *Facebook*, que seu objetivo é tornar o mundo um lugar mais bem informado e menos “careta”.

Já a página *Cartazes & Tirinhas LGBT* foi criada em 30 de abril de 2012, mais de um ano depois da *Quebrando o Tabu*, e se dedica, majoritariamente, a reivindicar direitos da comunidade LGBTQIA+. Além de abordar assuntos como o casamento civil, a página relaciona o *bullying* e a evasão escolar à LGBTQIA+fobia, e trata, também, de outras

⁵⁷ Vale ressaltar que a questão da identidade on-line é mais complexa do que considerar que cada usuário corresponde a uma pessoa empírica com CPF e RG.

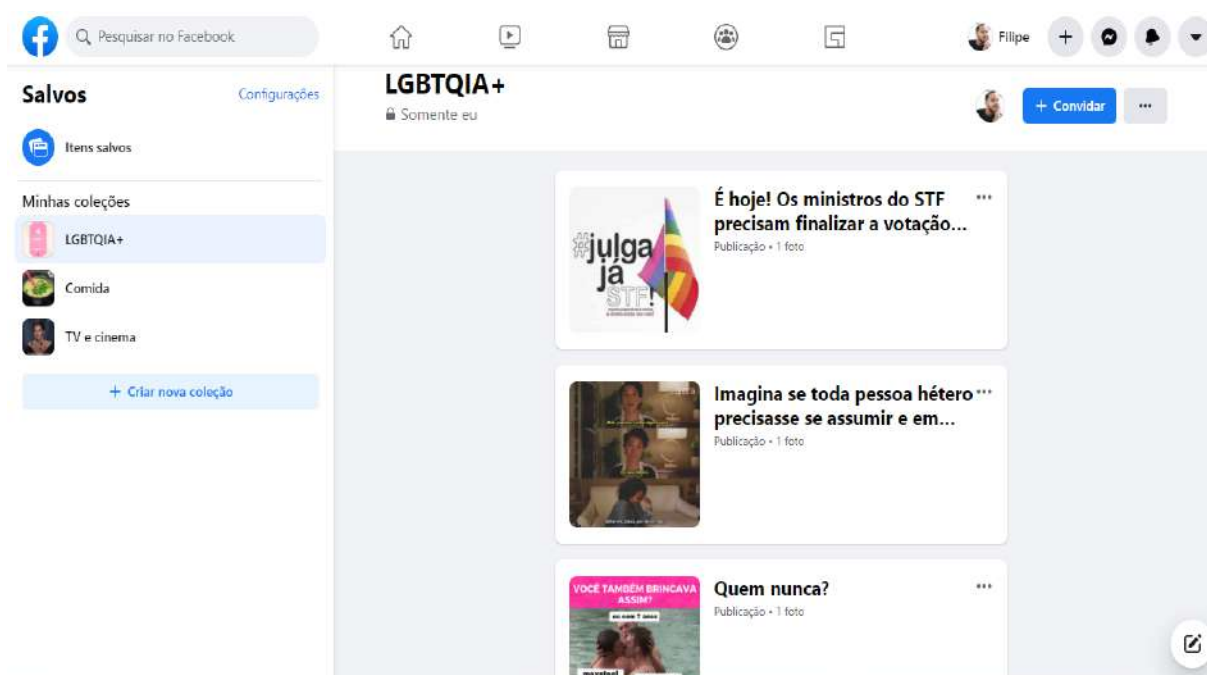
⁵⁸ Inicialmente, computamos os dados de 4 (quatro) páginas. Assim, além da *Quebrando o Tabu* e da *Cartazes & Tirinhas LGBT*, figuraram em nossos dados as páginas *Universo LGBT* (https://www.facebook.com/UniversoLGBTOficial/?ref=page_internal) e *Põe na Roda* (https://www.facebook.com/poenaroda/?ref=page_internal). Porém, para que a nossa análise de dados não se tornasse extensa e cansativa, optamos por trabalhar com as duas páginas mais populares dentro de nossos critérios.

questões, como as elevadas taxas de suicídio entre o grupo e a inclusão das pessoas que compõem esse conglomerado de sujeitos diversos em sexualidade e em identidade/expressão de gênero no mercado de trabalho. Ela se considera como uma comunidade que luta contra todo o tipo de preconceito e de ignorância e conta com mais de 700 mil seguidores.

É interessante observar que ambas as páginas se dedicam à causa LGBTQIA+, mas o conteúdo de cada uma delas não se limita a essa pauta. Tanto uma quanto a outra abarcam, também, em seus *posts*, os mais distintos problemas de nossa sociedade, buscando evidenciá-los com objetividade e eficácia. Ainda assim, no que se refere à questão da diversidade sexual e de gênero, é válido ressaltar que a *Cartazes & Tirinhas LGBT* se propõe a ser uma página mais específica sobre o tema, (su)portando-o, inclusive, em seu nome. Já a *Quebrando o Tabu* não se debruça sobre uma temática tão específica, motivo que nos levou a querer compará-las, em busca de semelhanças e diferenças conteudísticas entre publicações de mesmo escopo.

Dito isso e feita essa seleção de páginas, começamos o nosso segundo procedimento metodológico: ao pesquisar as publicações de cada uma dessas páginas, salvamos os *posts* que atendiam aos critérios previamente estabelecidos por nós. Utilizamos, para isso, uma ferramenta do próprio *Facebook*: criamos uma coleção na aba *Salvos*, existente no *website*, e a denominamos de “LGBTQIA+”. Essa seção é de fácil acesso (encontra-se na página inicial da rede social) e fica disponível para o usuário a qualquer momento. Além disso, ela organiza, por ordem cronológica, os *posts* salvos, como mostra a figura 8, a seguir.

Figura 8 — *Posts* salvos pelo pesquisador na coleção *LGBTQIA+*



Fonte: Perfil do pesquisador no *Facebook*⁵⁹

Depois dessa etapa, iniciamos o nosso terceiro procedimento metodológico: utilizando o navegador *Microsoft Edge* — Versão 90.0.818.46 (Compilação oficial: 64 bits) —, realizamos capturas de tela de 40 (quarenta) *posts*, a partir do compilado que já havíamos separado no *Facebook*. As *screenshots* foram salvas no formato *jpg*. E armazenadas tanto em um arquivo do programa *Microsoft Word*, o qual contém, também, o *link* de cada *post*, quanto no *OneDrive* (serviço de armazenamento em nuvem da *Microsoft*) do pesquisador. Vale ressaltar que cada publicação foi registrada em mais de um *print*, pois seus comentários também nos interessam.

Após esse trabalho de captura de tela e arquivamento de *posts*, efetivamos mais um (o último) procedimento metodológico: dos 40 (quarenta) *posts* coletados, selecionamos 4 (quatro) para figurarem em nossa análise de dados, sendo 2 (dois) deles datados de junho de 2019 e 2 (dois) datados de junho de 2020. A escolha desses *posts* foi baseada em uma categoria de análise por nós definida, a qual foi eleita considerando o campo político-ideológico em que os *posts* se realizam. A categoria supracitada abarcou *posts* que tematizam (auto)aceitação, assunção/*coming out* e situações cotidianas vivenciadas pela população LGBTQIA+⁶⁰.

A partir da definição dessa categoria e da separação dos *posts*, selecionamos as publicações que mais angariaram capital social dentro de cada ano (2019 e 2020), a partir de uma média aritmética, fórmula matemática evidenciada na figura 9, a seguir.

Figura 9 — Fórmula de uma média aritmética simples

$$M = \frac{x_1 + x_2 + \dots + x_n}{n}$$

Fonte: Matemática Básica⁶¹

⁵⁹

Disponível em: https://www.facebook.com/saved/?list_id=1670939566405828&referrer=SAVE_DASHBOARD_NAVIGATION_PANEL. Acesso em: 19 abr. 2021.

⁶⁰ Inicialmente, dos 40 (quarenta) *posts* coletados, selecionamos 8 (oito) para figurarem em nossa análise de dados. A escolha desses *posts* foi feita com base em 2 (duas) categorias de análise por nós definidas: 1) (auto)aceitação, assunção/*coming out* e situações cotidianas vivenciadas pela população LGBTQIA+; e 2) questões institucionais (governamentais e sociais) que envolvem o público LGBTQIA+. No entanto, acatamos a sugestão da banca de qualificação desta dissertação de sintetizar a análise de dados, que foi diminuída em 50% (cinquenta por cento).

⁶¹ Disponível em: <https://matematicabasica.net/media-aritmetica/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

Segundo a imagem acima, a média aritmética de um agrupamento de valores numéricos é medida somando-se todos os valores e dividindo-se a solução pelo número de elementos somados, que é igual ao número de componentes do agrupamento. Em outras palavras, a média de n números é sua soma dividida por n . Isso posto, no que se refere aos nossos dados, a média aritmética foi utilizada na delimitação do *corpus* desta pesquisa de mestrado da seguinte forma: cada *post* teve seus 3 (três) dados de engajamento — reações, comentários e compartilhamentos — somados e divididos por 3. Assim, as publicações que apresentaram os maiores números de interações com os usuários do *Facebook* foram selecionadas para ser analisadas, como mostramos no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 — Média de interação/engajamentos dos *posts* escolhidos para análise

POSTS			
2019		2020	
Quebrando o Tabu	Cartazes & Tirinhas LGBT	Quebrando o Tabu	Cartazes & Tirinhas LGBT
Engajamento: 3.048 mil	Engajamento: 628,3	Engajamento: 54.830 mil	Engajamento: 62,3

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Por último, mas não menos importante, a seleção dos comentários de cada uma dessas publicações seguiu um critério diferente dos adotados nas outras fases de organização do *corpus*: a escolha deles foi realizada de forma aleatória, por meio de um sorteio.

Finalizados, então, esses passos metodológicos, percebemos que a categoria de análise adotada nesta dissertação — (auto)aceitação, assunção/*coming out* e situações cotidianas vivenciadas pela população LGBTQIA+ — teve uma grande participação na sistematização do nosso *corpus*. Além disso, ela está diretamente relacionada ao campo político-ideológico sob o qual nossos dados se inscrevem. Isso posto, faz-se necessário discorrermos acerca de tal categoria.

De acordo com L. Silva e Barbosa (2016), a sociedade brasileira foi constituída e desenvolvida a partir de preceitos religiosos e morais que postularam normas de “certo” e de “errado”. A partir disso, os autores pontuam que a sexualidade humana padeceu com o domínio dessas noções calcadas em dogmas religiosos, os quais, por meio da procriação e da criação divina, prescrevem uma cisheteronormatividade compulsória. Assim, os indivíduos que destoam do padrão são tidos como pecadores, passíveis de cura. É com base nessa

conjuntura que muitos invisibilizam sua sexualidade e/ou identidade de gênero, escondendo-a dentro de um “armário”, em uma tentativa de contornar essa perseguição. Nas palavras dos autores,

essa prisão [o armário] é determinada por parâmetros morais, sociais e religiosos presentes na sociedade, que ao mesmo tempo legisla e julga os “seres desviantes” das regras dos gêneros. Neste presídio existem concepções que buscam doutrinar os corpos sexuados que devem apresentar características pré-moldadas. (SILVA, L.; BARBOSA, 2016, p. 131).

Na opinião dos teóricos, para muitos indivíduos que habitam essa sociedade cisheteronormativa, esse sistema é perfeito, criado e moldado por Deus, que, por ser dotado de perfeição em todos os seus aspectos, só seria capaz de engendrar um sistema também perfeito. Nesse sentido, os que estão em desacordo, isto é, os que fogem à norma, não são falhas de Deus, mas sim criaturas que foram degeneradas por um pecado gravíssimo.

Partindo desse princípio, o sujeito é condicionado a ter e a externalizar atributos e particularidades que seriam inerentes à sua condição biológica e criacionista de homem (pênis) e de mulher (vagina). Esse binarismo e essas performatividades dos gêneros, conforme L. Silva e Barbosa (2016), idealizam um caminho do “natural” que se deve percorrer, o qual é prescrito de maneira opressora desde a infância.

A vida no armário, portanto, representa não somente uma decisão de ordem pessoal e particular, mas sim de uma série de questões sociais, dado que “assumir” orientações sexuais e identidades de gênero diferentes da norma pode causar sofrimentos, angústias e até mesmo a própria morte. Como salientam L. Silva e Barbosa (2016, p. 136),

a exposição de tal “segredo” se mantém em um ato de negociação constante da pessoa com o mundo. Muitos desses indivíduos que estão vivendo esta situação acabam por se questionar o que deve/pode ser feito: “sair ou permanecer no armário? Será que devo “revelar” ou “esconder”? Como o farei? Para quem o farei? Por que o farei? Que mudanças eu devo esperar diante de uma ação desse tipo? O que pode acontecer após isso? Ser expulso de casa? E caso isso ocorra, tenho para onde ir ou como sustentar-me?” Nessas pessoas desperta um processo complexo, ora libertador ora ameaçador, oscilando em diversos contextos e situações da vida cotidiana.

Dado o exposto, fica evidente o quanto as *questões de (auto)aceitação e de assunção/coming out do sujeito LGBTQIA+* são desafiadoras para essa comunidade. Assim sendo, muitos são os *posts* em redes sociais que abordam esses temas, apresentando discussões e reflexões relevantes para a sociedade como um todo.

Sob essa mesma ótica, Sedgwick (2007) aventa que o “sair do armário” compreende conjecturas sobre prováveis ganhos e perdas que virão juntamente com essa “revelação”. Ao passo que esses riscos crescem, consoante L. Silva e Barbosa (2016), crescem também as apreensões acerca de agressões, de ser expulso de casa, de ser vítima de (*cyber*)*bullying* na escola, de sofrer discriminação ou até mesmo demissão no ambiente de trabalho, perder elos afetivos com parentes e amigos, ou, ainda, a presença de um acesso religioso forçado.

Destarte, a partir desses pontos, já notamos que, para um indivíduo LGBTQIA+, o processo de autoaceitação, seguido do processo de assunção em sociedade, gera inúmeras situações cotidianas com as quais ele terá de lidar. Entretanto, para além das citadas anteriormente, outra questão que circunda o dia a dia de um sujeito LGBTQIA+ é são suas relações amorosas e/ou sexuais. De acordo com Foucault (2005), a prática da heterossexualidade, ao menos a partir da Idade Média, sempre foi constituída por dois panoramas: de um lado, o cenário da corte, no qual o homem cisgênero e heterossexual seduz a mulher (também cisgênero e heterossexual); e, de outro, o do ato sexual em si. Mas, de acordo com Franco (2015), a grande literatura heterossexual ocidental se dividiu sobretudo em volta do quadro da corte amorosa, ou seja, de tudo quanto precede o ato sexual. Em suas palavras,

toda a atividade do refinamento intelectual e cultural, toda a elaboração estética ocidental, se centrava na corte. Daí a reduzida valorização literária, cultural e estética do ato sexual em si. Por outro lado, a experiência homossexual moderna não tem nenhuma relação com a corte em se tratando da “liberdade” de expressar a sexualidade. No entanto, na cultura cristã ocidental a homossexualidade se viu repelida diante da normatização da relação heterossexual, e o discurso e práticas sobre a homossexualidade ficaram concentradas no próprio ato sexual. (FRANCO, 2015, p. 134).

Como reforça Foucault (2005), não foi tolerado que os homossexuais (e aqui acrescentamos toda a comunidade LGBTQIA+) engendrassem um sistema de corte, visto que lhes foi reprimida a expressão cultural essencial a essa execução. Para o autor, o hiato entre o flerte na rua e o ato sexual em si é sintomático no que diz respeito à ligeireza com que as relações entre LGBTQIA+ são consumadas, tendo esses fenômenos origem em uma proibição que remonta tempos longínquos.

Segundo Foucault (2005), para uma sociedade que, por longos anos, julgou que o sentido de um relacionamento entre duas pessoas se resumia ao fato de descobrir qual das duas partes cederia (ou não) à outra, toda a vontade, toda a querência, toda a ousadia e a artimanha que experimentaram (e instigaram) as partes supracitadas visaram sempre à

dominação/subordinação do parceiro com o objetivo de fazer sexo com ele. Atualmente, levando em consideração o fato de os encontros sexuais estarem ocorrendo de forma bastante fácil e abundante, inclusive quando tratamos de encontros homoafetivos — os quais têm sido cada vez mais impulsionados por aplicativos que possuem essa finalidade específica, como o *Grindr*⁶² e o *Scruff*⁶³ —, as dificuldades aparecem somente após o ato.

Nas palavras de Michel Foucault, em entrevista a J. O'Higgins⁶⁴,

Nestes encontros repentinos, depois de ter feito amor, que se começa a inquirir o outro. Uma vez consumado o ato sexual, pergunta-se, então ao parceiro: “Qual é mesmo seu nome?” Estamos na presença de uma situação em que toda a energia e a imaginação, antes canalizadas para a corte em uma relação heterossexual, se aplicam, aí, para intensificar o ato sexual. Desenvolve-se hoje toda uma nova arte da prática sexual, que tenta explorar as diversas possibilidades internas do comportamento sexual. Vemos se constituir em cidades como São Francisco e Nova Iorque, o que se pode chamar de laboratórios de experimentação sexual. Pode-se ver, em contrapartida à corte medieval, que definia regras muito estritas de propriedade no ritual da corte. É porque o ato sexual tornou-se tão fácil e tão acessível aos homossexuais que corre o risco de tornar-se rapidamente tedioso; por isso se faz tudo o que é possível para inovar e introduzir variações que intensifiquem o prazer do ato.

Diante dos fatos elencados até aqui, é gritante o quanto as *questões de caráter cotidiano que circundam a vida civil de sujeito LGBTQIA+* são laboriosas e, muitas vezes, penosas para os membros dessa comunidade. Visto isso, muitos são os *posts* em redes sociais que materializam esses tópicos, sejam eles denunciando uma realidade dolorosa e persistente ou enaltecendo movimentos contraventores de enfrentamento. Por conta disso, a categoria de análise que definimos é protagonizada por essas demandas.

Assim, expostos os critérios de seleção, organização e categorização do nosso *corpus*, partiremos, agora, para a seção de análise e discussão de dados.

⁶² *Grindr* é um aplicativo de rede social e um serviço de namoro on-line para homens homossexuais, bissexuais, pessoas trans e pertencentes à comunidade queer.

⁶³ *Scruff* é um aplicativo norte-americano de relacionamento que tem como público-alvo homens que procuram relacionamentos amorosos e afetivos com outros homens.

⁶⁴ Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/escolha.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

4 A HIPERTEXTUALIZAÇÃO DE ENUNCIADOS LGBTQIA+(FÓBICOS) EM AMBIENTE DIGITAL: *POSTS* DE *FACEBOOK* SOB UM ENFOQUE DIALÓGICO

Nesta seção, analisaremos as estratégias de hipertextualização e o dialogismo presentes nos quatro *posts* de *Facebook* do nosso *corpus* que se enquadram na categoria que definimos para a discussão dos dados, a saber, a *(auto)aceitação*, *assunção/coming out* e *situações cotidianas vivenciadas pela população LGBTQIA+*.

Os *posts* se encontram dispostos da seguinte maneira: 1) *Post* sobre a visibilidade/legitimidade bissexual, publicado pela página *Quebrando o Tabu* em 2019; 2) *Post* sobre a assunção de um sujeito LGBTQIA+ para a sua mãe, publicado pela página *Quebrando o Tabu* no ano de 2020; 3) *Post* que discute orientação sexual e atitudes LGBTQIA+fóbicas a partir de relacionamentos entre pessoas cisgênero e transgênero, publicado pela página *Cartazes & Tirinhas LGBT* em 2019; e 4) *Post* que discute a transgeneridade, publicado pela página *Cartazes & Tirinhas LGBT* no ano de 2020.

Vale ressaltar, antes de tudo, que, apesar de todas as análises e discussões de dados que apresentaremos nesta seção, os recursos disponíveis para a criação e consumação de conteúdos no *Facebook* (e a própria rede social como um todo) não são perfeitos. Comentários irônicos podem ser entendidos de forma literal, a depender de como são escritos e onde/por quem são publicados; mensagens subliminares podem passar despercebidas; *fake news* e conteúdos falaciosos podem ser compartilhados sem precedentes; discursos de ódio podem ser proferidos e difundidos de modo descomedido; conteúdos políticos compartilhados sem controle podem gerar polarizações políticas perigosas; os algoritmos, gerenciados por inteligência artificial, podem condicionar o usuário a se isolar em uma bolha político-ideológica específica⁶⁵; etc. No entanto, na presente pesquisa, nosso foco é evidenciar, com base em recursos teórico-metodológicos da Linguística de Texto e da Análise Dialógica do Discurso, a materialização de enunciados LGBTQIA+(fóbicos) nessa interface digital, o que

⁶⁵ Há uma especulação de que as empresas de tecnologia que funcionam em escala global manipulam as informações que seus usuários recebem, para fazer com que eles tenham preferências específicas. Exemplo disso é o experimento de “Contágio Emocional” realizado pelo Facebook em 2012, como notícia o portal de notícias G1. O estudo, conduzido por pesquisadores associados ao Facebook, pela Universidade de Cornell, e pela Universidade da Califórnia, manipulou os algoritmos de 700 mil usuários ao longo de uma semana. O resultado obtido mostrou que humor dos usuários varia de acordo com conteúdo visto por eles em seus feeds de notícia. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/06/em-experimento-secreto-facebook-manipula-emocoes-de-usuarios.html>. Acesso em: 28 mar. 2022.

não nos impede de, em trabalhos futuros, dar atenção a esses pontos e somá-los as nossas descobertas mais recentes.

Dito isso, o primeiro *post* que analisaremos foi retirado da página *Quebrando o Tabu*. A publicação foi feita em 21 de junho de 2019 e trata de questões relacionadas à bissexualidade. Vejamos a postagem para que possamos discuti-la.

Figura 10 — *Post (1)*⁶⁶ sobre a visibilidade/legitimidade bissexual



Fonte: Página *Quebrando o Tabu* no Facebook⁶⁷

A figura 10 contém um *post* que traz à tona o fato de a sociedade desconsiderar a bissexualidade como uma sexualidade “válida e completa”. É muito comum — e errôneo — pessoas cisheteronormativas julgarem o indivíduo LGBTQIA+ como “naturalmente” promíscuo, como mostram Jaeger *et. al* (2019). A partir desse pensamento, no que se refere ao homem bissexual, comenta-se que ele é “enrustido”, por não ter a coragem de “assumir-se” como *gay*, e a mulher bissexual, por sua vez, é “hipersexualizada” e fetichizada. Assim, a bissexualidade enfrenta uma grande resistência por parte da sociedade e pode ser tomada como a mais “destabilizadora” das orientações sexuais.

Isso posto, a publicação em questão, utilizando recursos multimodais — os quais serão destrinchados nas linhas a seguir —, tece uma crítica à desinformação e ao ódio gratuito manifestado por alguns indivíduos a partir da credibilização/não aceitação da pessoa que se relaciona romântica e/ou sexualmente com pessoas de ambos os gêneros. Essa

⁶⁶ Decidimos enumerar os *posts* para que seja mais fácil nos referirmos a eles ao longo do texto.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/2639991696057201>. Acesso em: 31 maio 2021.

argumentação dos moderadores da página é reforçada por meio de comentários (e de respostas a esses comentários) de usuários que interagem com o *post*, como veremos posteriormente.

Nessa primeira parte da análise da figura 10, buscamos verificar como as características de um hipertexto se manifestam nesse exemplar do gênero discursivo digital — *post* de *facebook* — utilizado para a escrita de militância LGBTQIA+. Assim sendo, comentaremos a postagem, em linhas gerais, a partir das cinco características que definem o hipertexto, segundo Xavier (2015), quais sejam, 1) *imaterialidade/virtualidade*; 2) *ubiquidade*; 3) *convergência de linguagens*; 4) *não linearidade* (aqui considerada como *multilinearidade*); e 5) *intertextualidade infinita*. Faz-se necessário pontuar que esses cinco aspectos serão minudenciados no *post* 1, mas, a partir do *post* 2 (figura 15), nos ateremos a apenas dois deles — *convergência de linguagens* e *intertextualidade infinita* —, visto que os outros três traços figuram de forma similar em todos os quatro *posts* que observamos, pois são particularidades que estão diretamente ligadas à plataforma *Facebook*.

Destarte, no que se refere à imaterialidade/virtualidade, que diz respeito ao fato de o hipertexto depender de um aparelho digital para existir, podemos conferi-la no *post* 1 a partir de vários pontos. Em primeiro lugar, ao passar o *mouse* no nome da página na qual o *post* está publicado (a *Quebrando o Tabu*), o usuário pode se dirigir diretamente a ela e checar informações como quantidade de seguidores, objetivo da página, foto de perfil, foto de capa, *links* para outras mídias sociais digitais em que a página possui contas — como *YouTube*, *Twitter* etc. —, *posts* sobre outros temas, *hiperlink* para contatar a página via *Messenger*, seção sobre a transparência da página etc. Vale ressaltar que, com o auxílio do *mouse*, o usuário também pode assistir aos *stories* (*posts* que ficam disponíveis apenas por 24h) da página que criou aquele conteúdo. Basta clicar em sua foto de perfil para visualizar e interagir com esse material (quando ele está disponível). Nesse sentido, o sujeito, ao conhecer melhor a página em que o *post* foi publicado, é capaz de perceber seu posicionamento político-ideológico, bem como o lugar socio-histórico que ela ocupa dentro do *Facebook*.

Esse fato relaciona-se a reflexões anteriormente feitas por nós sobre o funcionamento ideológico dos signos (VOLÓCHINOV, 2018), visto que um enunciado sempre tem o seu sentido ancorado em axiologias sociais inseparáveis tanto da situação socio-histórica “iminente” quanto da situação “geral” de (inter)ação entre interlocutores, que estão sempre socialmente organizados. À vista disso, sendo o signo ideológico, a representação da realidade, de acordo com Volóchinov (2018), é feita por meio de uma conjuntura e de um lugar valorativo, ambos socio-historicamente determinados. Isso posto, no *Facebook*, o recurso digital citado de *linkagem* de perfil — que dá ao usuário leitor a possibilidade de

conhecer melhor o seu sujeito enunciator — escancara o fato de que um *post* sempre está revestido de qualificações, envolvido por uma atmosfera social de discursos, ou, nos termos de Bakhtin (2015), por uma aura heterodiscursiva. Com um clique, apenas, o leitor, dentro do próprio *Facebook*, é capaz de inferir que a *Quebrando o Tabu* defende uma equidade social, econômica, política, sexual e de gênero em suas publicações. É possível perceber, além disso, que, geralmente, todos os *posts* da página envolvem um zelo com os cidadãos que são tidos como *minorias sociais*, além de partirem do pressuposto de que existem desigualdades infundadas que precisam ser refreadas/cessadas.

Essas características, que levam muitos usuários a tacharem a página como “de esquerda”, dado que ela defende pautas que são representadas majoritariamente (no espectro político) pela esquerda, já (des)credibilizam, de certo modo, o conteúdo postado por ela. A tendência é que LGBTQIA+ e simpatizantes aproveitem o material da página, enquanto pessoas que não aceitam a diversidade sexual e de gênero adotem uma postura mais conservadora, que normaliza a hierarquia/desigualdade social e a toma como inevitável, natural ou, em muitos casos, necessária. As pessoas que coadunam desse ponto de vista costumam amparar seus posicionamentos no “direito natural” (biológico) e, sobretudo, na tradição.

Em segundo lugar, ainda no que diz respeito às características hipertextuais encontradas no *post* 1, é importante ressaltar que, ao se deparar com uma publicação na rede social *Facebook*, o usuário pode lançar mão de um recurso ofertado pela plataforma para, de forma rápida, emitir a sua opinião sobre a postagem. As chamadas “reações” são divididas em sete tipos, a saber, 1) *curtir* () , caso o usuário tenha gostado; 2) *amei* () , caso o usuário tenha gostado muito; 3) *força* () , que foi disponibilizada devido à pandemia da COVID-19 e que representa um abraço; 4) *haha* () , caso o usuário tenha achado engraçado; 5) *uau* () , caso o usuário tenha se surpreendido; 6) *triste* () , caso a publicação tenha entristecido o seu leitor; e 7) *grr* () , caso o usuário tenha se enfurecido com o que leu. Assim, o usuário cumpre ações dialógicas e valorativas ao se posicionar ante aquele *post*, e esse posicionamento pode ser marcado, também, por meio de comentários na publicação.

A ação de comentar, assim como a de reagir ao *post*, oferta ao usuário a possibilidade imediata de participar da discussão por meio de uma atitude ativamente responsiva. O *Facebook* viabiliza ao usuário a oportunidade de tecer comentários sobre o que ele leu, fazendo uso, inclusive, de vários recursos multimodais, como, por exemplo, imagens, vídeos, *GIFs*, *emojis* e outros artifícios para expressar sua opinião sobre a publicação. Vale ressaltar,

no entanto, que é o moderador/administrador da página, grupo ou perfil que decide se a postagem poderá receber comentários ou não. Isso é feito a partir das configurações de privacidade disponibilizadas pelo *Facebook* a todos os seus usuários.

Para o Círculo de Bakhtin, a enunciação é levada em consideração sempre do ponto de vista de um falante em relação indispensável com o ouvinte. Nesse caso, o ouvinte, ao interagir com o enunciado do outro, apodera-se de uma posição responsiva axiologicamente marcada no que diz respeito a este enunciado: um lugar de resposta, uma atitude-resposta valorada a partir do(s) enunciado(s) do outro. Na visão de Bakhtin (2016), essa reação de resposta se forma no decurso de todo o processo interlocutivo, de modo que “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016, p. 25).

Assim sendo, ao utilizar as reações ou os comentários para se posicionar de alguma forma em face do *post* em questão, o usuário exerce seu papel de agente social e dialógico e axiologicamente responde à provocação posta(da). Essas respostas são muito úteis para o Movimento LGBTQIA+, pois, além de servirem como um termômetro social — ao registrarem o que (não) foi bem-aceito pelo público que interagiu com o *post* e quais são os assuntos que geram mais ou menos polêmica(s) —, elas também geram engajamento para a postagem (ainda que muitos *haters* decidam aviltar a publicação), uma vez que quanto mais capital social o *post* angaria, mais promovido ele é dentro do *Facebook*.

Cabe acrescentar que, caso o usuário deseje, pode compartilhar a publicação vista, utilizando uma ferramenta que o próprio *Facebook* disponibiliza ao interessado. Por meio dela, é criado um *link* para o *post* original, juntamente com um resumo dele. Assim, o usuário pode elaborar o conteúdo de sua nova postagem sabendo que o *post* em questão já está vinculado a sua criação. É importante destacar que esse compartilhamento também funciona via *Messenger*, serviço de *chat* da rede social digital *Facebook*.

Nessa situação, assim como na anterior, o usuário pode, por meio de uma atitude responsiva, posicionar-se diante daquele conteúdo e marcar seu juízo de valor sobre o *post*. Com o uso de uma legenda, ele pode reforçar, positiva ou negativamente, o tópico retratado na postagem original, feita pela página *Quebrando o Tabu*, manifestando sua simpatia ou asco em relação ao Movimento LGBTQIA+ e suas lutas. Para além disso, se o usuário quiser destilar ódio à comunidade de forma velada, ou até mesmo se não tiver se assumido como LGBTQIA+ para a sociedade, mas, ainda assim, quiser interagir com aquele *post*, isso

também é possível: ao enviar a postagem para alguém pelo *Messenger*, ele pode comentar o que quiser, tendo a certeza de que isso, ao menos nesse momento, não se tornará público.

Há, ainda, outras funções que estão no bojo da imaterialidade/virtualidade do *post* de *Facebook* — como a lupa para dar *zoom* na imagem presente no *post*⁶⁸, o recurso para salvar a publicação⁶⁹, o recurso para filtrar os comentários⁷⁰ e a possibilidade de fazer o *download* da imagem presente no *post*⁷¹ —, as quais estão mais ligadas a aspectos técnicos de recepção do *post* do que, de fato, à militância LGBTQIA+. Devido a isso, não nos ateremos a elas.

Assim, levando em consideração o exposto até aqui, vemos que, se essa postagem fosse impressa, nenhum desses recursos estaria disponível. O que a torna tão rica e flexível em possibilidades de interação é o ciberespaço, essa forma de virtualização informacional em rede. Logo, a dinamicidade do *post* é uma das características que lhe confere o *status* de gênero discursivo digital produtivo, o que o torna objeto de muitas pesquisas. Portanto, confirmamos a primeira característica de um hipertexto presente em *posts* de *Facebook*: a imaterialidade/virtualidade, e pudemos notar como ela é bastante explorada na escrita de militância LGBTQIA+, que a utiliza em função do seu objetivo interacional.

Vale ressaltar, no entanto, que a multiplicidade de recursos presentes em um *post* de *Facebook*, sejam eles para a sua elaboração ou para a sua recepção, só podem ser plenamente aproveitados por usuários que tenham o letramento digital necessário para lidar com as particularidades tecnológicas da leitura e da escrita no meio digital, pois, segundo Abreu (2018), só assim eles conseguirão participar de maneira crítica e ética das práticas sociais envoltas pela cultura digital e presentes no referido gênero discursivo emergente.

Partimos, agora, para a ubiquidade, que se refere ao fato de as páginas da *web* poderem ser acessadas ao mesmo tempo por vários dispositivos ao redor do planeta. Essa característica pode ser verificada no *post* em questão por meio de dois pontos principais:

⁶⁸ Caso o usuário apresente certa dificuldade para enxergar a imagem presente no *post* (quando ela faz parte da publicação), por conta do seu tamanho e da quantidade de informações nela presentes, o próprio *Facebook* oferece a possibilidade de o usuário ampliar a imagem, sem que isso prejudique as outras partes do *post*.

⁶⁹ Se o usuário quiser visualizar a publicação novamente depois de algum tempo, o *Facebook* oferece uma solução para isso. Ao clicar em “salvar publicação”, o *post* é direcionado para uma pasta virtual na qual se encontram todas as postagens salvas pelo indivíduo, em um *layout* que lembra a galeria de fotos de um celular. Essa pasta consegue ser subdividida em vários temas, para que os *posts* salvos fiquem mais organizados.

⁷⁰ O usuário que deseja ler os comentários feitos naquele *post* pode filtrá-los entre as opções ofertadas pelo *Facebook*, quais sejam, “mais relevantes”, “mais recentes” e “todos os comentários”.

⁷¹ Se o sujeito se interessou pela imagem presente no *post*, seja para divulgá-la em outra rede social digital, utilizá-la em uma aula etc., o *Facebook* oferece ao usuário a possibilidade de baixá-la. Basta que a pessoa clique em “baixar”, no menu superior direito da publicação.

primeiramente, é preciso destacar que qualquer pessoa que tenha o *link* da publicação (e esteja conectada a uma rede de internet) — além das pessoas que não têm o *link*, mas seguem aquela página ou perfil que fez a publicação — terão acesso a ela, ao mesmo tempo, em qualquer lugar do mundo. Isso significa que um *post* de *Facebook* é “onipresente”, e é essa característica que faz dele um excelente propagador de informações, opiniões, notícias e afins.

No que tange ao Movimento LGBTQIA+, as ondas de protestos virtuais são extremamente importantes para gerar visibilidade à comunidade, pois a facilidade de acesso a um *post* de *Facebook*, por exemplo, é capaz de provocar uma possível *viralização*⁷² desse conteúdo, o que ajuda os temas discutidos na publicação a atingirem muitas pessoas. Sobretudo nos dias atuais, com o isolamento social, consequência da pandemia do novo coronavírus, as redes sociais digitais vêm se tornando um palco ainda maior do *ativismo online*.

O ativismo funciona como mais uma ferramenta de fortalecimento das lutas LGBTQIA+ e é extremamente necessário para o engajamento de uma grande variedade de público(s), o que ajuda na naturalização das questões relativas à diversidade sexual e de gênero. Com isso, cada vez mais, surgem ativistas e mobilizadores sociais que tomam as interfaces digitais e, por consequência, as redes sociais virtuais como um lugar para pautar novos debates ou até mesmo repercutir antigos enfrentamentos assumidos pela comunidade LGBTQIA+. Assim, na contemporaneidade, ainda é preciso que o grupo siga resistindo nas mobilizações e nas discussões sobre as suas demandas. Isso é necessário sobretudo na realidade atual, que, cada vez mais, tem sua atenção e movimentação voltadas majoritariamente para o meio virtual, o que demanda uma incumbência de oposição frequente às *fake news*, que causam dispersão e ainda mais preconceito, ao promoverem ignorância por meio da propagação de inverdades e de informações descontextualizadas e/ou distorcidas.

O caráter ubíquo do *post* também se dá por conta das ferramentas presentes nesse gênero para que o usuário efetive sua atividade valorativa e dialógica, as quais são sortidas e lhe conferem a possibilidade de se fazer ubíquo: vários sujeitos podem interagir com ele de diferentes formas, em diferentes lugares, tudo isso simultaneamente. É por esse motivo que publicações na rede social digital *Facebook* têm a potencialidade de angariar um nível significativo de capital social, pois captam engajamento muito rapidamente e, como consequência, aparecem para um número crescente de pessoas via inteligência artificial.

⁷² Um conteúdo viral é aquele que recebe muitos compartilhamentos, muitos comentários e muitas reações em um período curto, chamando cada vez mais a atenção das pessoas.

O fato de qualquer pessoa que possua uma conta no *Facebook* e que tenha acesso àquele *post* poder interagir com ele é de muita valia para o Movimento LGBTQIA+, pois, desse modo, discussões riquíssimas entre os leitores da publicação podem ser empreendidas: psicólogos, biólogos, médicos, religiosos, sociólogos, antropólogos, advogados, professores, mães, pais, filhos, homens, mulheres, cisgêneros, transgêneros, *gays*, heterossexuais, lésbicas, bissexuais etc., todos podem discutir um mesmo tópico a partir de suas vivências, de suas bagagens, de suas leituras, de seus conhecimentos técnico-científicos etc. Desse modo, além de expressar sua atitude valorativa, o sujeito pode, ainda, dialogar com o próprio autor do *post*, em tempo real, e se tornar quase que uma espécie de coautor da publicação, visto que muitos usuários, ao se depararem com um *post*, leem tanto o seu conteúdo quanto os comentários que outras pessoas fizeram sobre ele.

Tendo isso em vista, notamos que o *post* de *Facebook* não reclama que seus usuários estejam presentes no mesmo espaço e no mesmo tempo para o acessarem. Uma publicação feita nessa mídia digital é, portanto, um exemplo concreto desse espaço existente no universo da comunicação, que não requer o comparecimento físico do sujeito para que haja interação. Vale ressaltar, ainda, que as postagens de páginas configuradas como públicas pelos seus moderadores ficam disponíveis para qualquer pessoa, ainda que esta não tenha conta na rede social *Facebook*, bastando ter acesso ao *link* de acesso para visualizá-la. No entanto, nesse caso, não há a possibilidade de o sujeito interagir com a publicação de nenhum modo.

Tudo isso ratifica que a segunda característica do hipertexto — a ubiquidade — postulada por Xavier (2015) faz-se presente nesse gênero discursivo digital e, no que diz respeito à militância LGBTQIA+, pode contribuir para que o indivíduo progrida, sem limitações espaciais e geográficas, como sujeito e (inter)aja eticamente e de modo responsável no cumprimento de sua cidadania, no que se refere a sua realidade social, contribuindo, assim, para que ela seja vista como, de fato, é.

Dissertaremos, agora, sobre a convergência de linguagens, que consiste na ocorrência paralela e síncrona dos modos de textualização ofertados pelas mídias sociais digitais e se mostra no *post* supracitado mediante vários pontos. Primeiramente, na imagem que compõe a publicação em questão, observamos os enunciados verbais escritos “bissexuais não estão confusos, não são metade *gay*/lésbica e metade hétero” e “bissexualidade é uma sexualidade válida e completa”.

Aqui, nos dois primeiros enunciados, temos negações de dois pressupostos do senso comum: o primeiro é o de que pessoas bissexuais ainda não “decidiram” se sentem atração sexual e romântica por homens ou por mulheres e, por conta disso, dizem que se atraem por

ambos. O segundo é o de que bissexuais são heterossexuais e *gays*/lésbicas ao mesmo tempo, haja vista que sentem atração pelo mesmo gênero que nasceram e que se reconhecem, assim como também se atraem por pessoas de gênero(s) diferente(s) aos delas. Já no terceiro enunciado, temos uma alegação que reafirma as inverdades negadas pelos enunciados anteriores, pois é dito que a bissexualidade existe e tem suas próprias particularidades, sendo completa por si só.

Além disso, há o enunciado verbal escrito “É isso!”, presente na legenda. Nesse caso, percebemos que essa legenda, composta por um verbo de ligação (“é”) — que indica um estado permanente — e um pronome demonstrativo (“isso”) — que tem um valor anafórico, fazendo referência a um antecedente textual próximo (tudo o que está escrito na imagem que compõe o *post*) —, funciona como uma ratificação dos argumentos presentes na figura, pois é uma afirmação imperativa, marcada por um ponto de exclamação. O enunciado demonstra, ainda, o posicionamento da página diante do que foi dito na parte majoritariamente visual da publicação, ou seja, vemos que a *Quebrando o Tabu* expõe sua atitude valorativa no que diz respeito à imagem, concordando com tudo o que foi pontuado nela.

Assim, notamos a estratégia de uso da língua escrita para expressar seu ponto de vista a favor da militância LGBTQIA+: a postagem é constituída por elementos linguísticos que dão indícios do contexto socio-histórico no qual ela se forma. Como afirmamos na seção teórica desta dissertação, tal contexto é *relativamente estável* e cheio de sentidos dialógicos, intimados com finalidades discursivas exclusivas. Isso significa que os formuladores do *post*, posicionando-se axiologicamente em um quadro social particular dentre as muitas concepções políticas e ideológicas brasileiras dos dias hodiernos, publicaram, em sua página do *Facebook*, enunciados valorativamente carregados de apoio à bissexualidade. Há, no *post*, vozes sociais em tensão imanente: ao passo que existe uma voz militante que soa considerar a bissexualidade como uma sexualidade válida e completa, há outra — não dita, mas ressoada — conservadora, que toma a bissexualidade como uma indecisão ou como a junção de duas sexualidades.

Na publicação, notamos, também, que a escolha da fonte, bem como do seu tamanho e da sua cor, contribui para a construção do *post*, haja vista que os enunciados verbais presentes na imagem aparecem em caixa alta e com uma fonte maior, na cor branca, se comparados a todo o restante da postagem, o que chama a atenção do leitor e ressalta a importância daqueles dizeres em relação ao que é escrito em fonte menor. Eles são, portanto, o destaque da publicação e representam o núcleo do *post*. A atenção do usuário deve ser voltada a eles, e é

justamente para esse ponto que o destaque dado ao texto presente na imagem conduz o usuário que se engaja, interage ou apenas visualiza a publicação.

Isso posto, percebemos que há, por parte da militância LGBTQIA+, uma tentativa de sumarizar, de certo modo, o conteúdo do *post*: ao passo em que a página busca deixar algumas partes do texto em evidência, destacando-a das outras, estas últimas ficam “apagadas” (menos visíveis, em um primeiro momento) na publicação. Esse fato apresenta indícios de que a *Quebrando o Tabu* busca fazer sua mensagem atingir o maior número possível de pessoas e, para isso, utiliza essa estratégia de destaque e desfoque, pois, mesmo que um usuário não queira ou não tenha tempo de se delongar no *post*, em uma primeira leitura, já captará o objetivo geral da publicação. Portanto, ainda que não haja um engajamento entre usuário e *post*, haverá diálogo.

Na imagem que compõe o *post*, há, ainda, três cores que nos chamam a atenção: magenta, azul real e lavanda. Essas cores constituem a bandeira do orgulho bissexual, como veremos nas próximas páginas, quando tratarmos da intertextualidade infinita presente na publicação; mas, de antemão, notamos como a pigmentação da figura foi pensada minuciosamente para dialogar diretamente com o conteúdo verbal do *post*. Para além desse significado simbólico, as cores em questão destacam os enunciados verbais presentes na imagem, pois contrastam com a fonte branca do texto, o que, mais uma vez, serve para direcionar a atenção do usuário do *Facebook* àquela parte da publicação.

Dito isso, vale ressaltar que muitos *posts* que abordam a temática LGBTQIA+ são bastante coloridos. Esse fato se deve principalmente à circunstância de o próprio símbolo da comunidade LGBTQIA+ ser cheio de cor: um arco-íris. Segundo Gatti (2021), na bandeira dessa comunidade, o vermelho representa a vida, o laranja representa revigoração e cura, o amarelo representa a luz solar, o verde representa a natureza, o turquesa representa a magia e a arte, o índigo representa a serenidade e o violeta representa o espírito. Assim, várias publicações de *Facebook* voltadas a tal temática são construídas dentro dessa vasta paleta de cores — que engloba, ainda, as bandeiras específicas de cada orientação sexual e de cada identidade de gênero representada pela sigla LGBTQIA+ —, pois, para além do significado político e metafórico de cada uma delas, há, também, a simbologia desse matiz: em todos os lugares em que essas cores aparecem, grande parte das pessoas é capaz de inferir que o tema da postagem tem ligação direta com a causa LGBTQIA+.

Também na referida publicação, os enunciados verbais presentes na imagem que compõe o *post* figuram subdivididos em três blocos, sendo dois quadrados na parte superior da figura e um retângulo na parte inferior dela. Aqui, o interessante a ser observado é a

disposição dos enunciados dentro dessas formas geométricas: enquanto os dois quadrados, que aparecem primeiro, representam dois argumentos sobre o fato de a bissexualidade ser uma orientação sexual válida e legítima, o retângulo, que aparece por último, faz uma afirmação embasada nesses dois argumentos, como se fosse uma conclusão atingida a partir da reflexão sobre o que foi dito nos dois blocos anteriores. A lógica, aqui, é matemática: $a + b = c$.

Assim, notamos que a publicação tentou didatizar ao máximo a discussão sobre a (in)visibilidade bissexual, apresentando uma ordem simples de exibição dos fatos, que constrói a argumentação por partes. Conforme nossa observação da rede social em questão, essa forma de materialização da militância LGBTQIA+ parece ser bastante comum dentro da rede social *Facebook*, haja vista que perfis, páginas e grupos, por saberem da delicadeza do assunto e terem em vista o desconhecimento de grande parte da população sobre as particularidades do universo LGBTQIA+, sempre tentam tornar a abordagem dos temas ligados à diversidade sexual e de gênero mais clara e objetiva, sobretudo para que não haja margem para interpretações errôneas e discussões infundadas.

Além disso, na postagem em questão, o usuário pode identificar dois *emojis* presentes na legenda da imagem, quais sejam, o coração brilhante “❤️” — que, na internet, representa o cuidado de quem o envia para com o coração da pessoa que o receberá — e um arco-íris “🌈” — utilizado frequentemente para se referir ou representar a comunidade LGBTQIA+ como um todo, uma vez que a bandeira do orgulho LGBTQIA+ é formada pelas cores do arco-íris, ainda que haja bandeiras próprias para cada uma das letras que formam a sigla. A junção desses *emojis*, portanto, marca, mais uma vez, o posicionamento da página diante da questão discutida, qual seja, o de apoio à comunidade LGBTQIA+ e de defesa do marginalizado e caluniado grupo bissexual. Além deles, há vários outros *emojis* presentes nos comentários da publicação, mas, ao menos nesse momento, não nos ateremos a eles.

Destacamos, ainda, o recurso tipográfico de negrito, que é utilizado, no *post* em questão, para marcar um *hiperlink* dentro do *Facebook*. Assim, há *hiperlinks* para a página *Quebrando o Tabu*, para o perfil de cada usuário que comentou a publicação etc., o que gera ainda mais possibilidades de interação ao usuário do *Facebook*, que pode visitar a página, conferir todo o seu conteúdo e interagir com ele, visualizar perfis de comentadores da postagem e tornar-se “amigo” deles, dentre outros cenários de aproveitamento desse recurso, provenientes da *multilinearidade*, assunto que trataremos posteriormente. Como o negrito é gerado pela própria plataforma, a partir de configurações de programação de *software*, ele não

contribui, de forma específica, para a materialização da escrita de militância LGBTQIA+ e, portanto, não será destrinchado por nós.

Dito isso, percebemos que o *post* de *Facebook* de temática LGBTQIA+ se vale e combina/integra, por vezes, mais de uma modalidade de linguagem, ou, em outras palavras, mais de uma semiose em sua constituição e estruturação dentro de situações comunicativas. Nesse sentido, os usuários escolhem e/ou trafegam entre modos/meios de comunicação conforme seus interesses e objetivos interacionais. Portanto, constatamos que a linguagem verbo-visual nesse *post* de *Facebook* desempenhou um papel crucial na constituição de sentido da escrita de militância LGBTQIA+, como mostramos em cada um dos elementos da multimodalidade explorados pela página *Quebrando o Tabu*. No percurso interpretativo da verbo-visualidade, a leitura fez-se objetiva, simples e eficaz. A compreensão do verbo-visual, nesse caso, é fundamental para que o sujeito entenda a ideologia que subjaz aos signos dispostos no *post*. Podemos observar, também, que os elementos visuais se articulam aos verbais de formas distintas, influenciando a construção composicional, o estilo e, conseqüentemente, o tema produzido dentro do gênero discursivo digital supracitado. São, portanto, como denomina Brait (2013, p. 63), “[...] projetos de construção de conhecimento verbo-visualmente constituídos”.

Aqui, vale lembrar a importância do letramento digital, que reclama o conhecimento e o entendimento das interfaces digitais, de modo a assegurar as práticas letradas, que levam o sujeito a conferir sentido ao que lê, vê, ouve e produz na tela desses aparatos tecnológicos atuais. Tais competências abrangem o entendimento da utilização de elementos verbais, imagens e sons, da multilinearidade hipertextual, da seleção e avaliação das informações etc. Portanto, confirmamos mais uma categoria do hipertexto que fornece à escrita de militância LGBTQIA+ muitas estratégias em *posts* de *Facebook*: a convergência de linguagens.

Já a não linearidade/multilinearidade, que se fundamenta na ideia de que a inexistência de um centro principal de leitura é um axioma da elaboração do hipertexto, revela-se no referido *post* pelo fato de a leitura da materialidade linguística suportar ser realizada a partir de muitos pontos. Inicialmente, podemos destacar a legenda da publicação, que costuma apresentar, de forma consistente, um resumo do conteúdo encontrado no *post*. No caso do *post* 1, isso não ocorre, mas, ainda assim, o enunciado verbal “É isso”, seguido dos *emojis* de coração brilhante “❤️” e de arco-íris “🌈”, direcionam o leitor a outras partes do *post*, haja vista que ele precisará entender o que, de fato, é isso. Os moderadores da página, portanto, criam um enunciado que precisa de outros enunciados para fazer sentido, o que conduz o leitor a procurar esse sentido em outros trechos do *post*, estratégia que leva o usuário a

observar melhor o conteúdo da postagem e, conseqüentemente, compreendê-lo (ainda que discorde dele).

Outro ponto que vale ser salientado são os blocos de texto. A imagem presente no *post* 1 apresenta três deles: dois quadrados de tamanhos semelhantes e um retângulo do tamanho dos dois quadrados juntos. Em cada uma das formas geométricas citadas, há uma frase que contribui para o objetivo interacional da publicação: apresentar a bissexualidade como uma sexualidade legítima e que merece respeito. Dito isso, o usuário do *Facebook* que se depara com o *post* 1 pode escolher qualquer um dos blocos de texto para iniciar a leitura da publicação, e não importa a ordem escolhida, pois a estratégia dos moderadores vai funcionar e o leitor vai se deparar com o enunciado principal do *post* (“a bissexualidade é uma sexualidade válida e completa”).

Para além disso, a relevância desse enunciado diante dos outros fica ainda mais clara devido a sua disposição visual — um retângulo que se estende horizontalmente do início ao fim da imagem. Desse modo, mesmo apresentando ao usuário uma ordem multilinear de leitura, a militância LGBTQIA+, nesse caso, ainda assim, exerce certo poder sobre a relevância das informações dispostas no *post*, ao utilizar uma estratégia por meio da qual todos os caminhos levam a um único lugar: o trecho escrito que resume o tópico abordado. Não por acaso, esse enunciado central é apresentado ao leitor dentro de um bloco lavanda: a bandeira do orgulho bissexual conta com três cores, como dissemos anteriormente (magenta, azul real e púrpura). Nesse contexto, a partir da idealização dessa bandeira, sobre a qual trataremos posteriormente, a cor púrpura é a que representa, de fato, a atração tanto pelo mesmo gênero quanto por gêneros distintos. A escolha dessa cor para comportar o enunciado em questão, então, mostra-se estratégica, pois interliga o visual e o verbal de modo perspicaz e provocativo, atribuindo mais uma camada de sentido ao *post*.

O sujeito pode começar a leitura do *post*, ainda, a partir dos comentários, para saber do que se trata a publicação e/ou a opinião das pessoas sobre ela, sem sequer prestar atenção, inicialmente, na sua imagem ou na legenda. Muitos usuários do *Facebook* costumam resumir o conteúdo da postagem em seus comentários, realizando essa ação com o auxílio de piadas, memes, retextualizações, cópias de trechos de enunciados presentes na imagem, relatos pessoais sobre o tema, dentre outros recursos. Ater-nos-emos, posteriormente, a alguns dos comentários presentes nessa e nas outras sete publicações que selecionamos para a análise.

Sendo assim, observamos que a não linearidade (multilinearidade), nessa publicação, não é apenas uma particularidade do método de engendramento de sentidos na etapa de leitura de um *post*, mas também um preceito de elaboração do próprio *post* de militância

LGBTQIA+. Sua estrutura é composta de modo flexível e dinâmico, possibilitando uma construção textual que permite uma leitura *self-service*⁷³ (XAVIER, 2009). Essas escolhas, no entanto, não são totalmente feitas pelo usuário: o leitor pode escolher trilhar o caminho que quiser, mas isso é feito dentro das possibilidades que a página *Quebrando o Tabu* lhe oferta.

Assim, ao permitir vários níveis de tratamento de um tema, o hipertexto oferece a possibilidade de múltiplos graus de profundidade de um tópico funcionarem simultaneamente, já que não tem sequência definida, mas liga textos não necessariamente correlacionados. Como exemplo, vimos, até agora, que a militância LGBTQIA+ faz uso da estratégia de interligar todas as partes do texto e as torna dependentes umas das outras. O sentido completo da postagem LGBTQIA+ só é apreendido a partir do todo, apesar de todas as suas partes serem muito bem definidas e funcionarem relativamente bem sozinhas. Isso prova que a quarta característica postulada por Xavier (2015) como constituinte de um hipertexto, a saber, a não linearidade, que consideramos, nesta dissertação, como multilinearidade, também é utilizada de forma engenhosa por militantes LGBTQIA+ em *posts* de *Facebook*.

Por fim, a intertextualidade infinita, ou seja, a inter-relação entre os textos, potencializada pelo ambiente digital, pode ser apreciada nesse *post* principalmente por meio da ligação existente entre os blocos de texto e bandeira do orgulho bissexual.

Ao fazer uso de três blocos de textos, dispostos em três cores diferentes, para retratar a luta das pessoas bissexuais, em oposição e combate à ignorância e ao ódio gratuito destilado contra elas, o *post* em questão alude à bandeira do orgulho bissexual, idealizada e concebida por Michael Page, em 1998, para conferir à comunidade bissexual o seu próprio símbolo, assim como há a bandeira arco-íris, que representa a comunidade LGBTQIA+ em sua totalidade. Segundo Gatti (2021), a intenção de Page era, sobretudo, política e militante: propulsionar a visibilidade das pessoas bissexuais, tanto na sociedade quanto dentro da própria comunidade LGBTQIA+, visto que elas, muitas vezes, sofrem preconceitos até por parte de pessoas que não se encaixam no padrão cisheteronormativo, único aprovado pela maioria esmagadora da sociedade.

⁷³ Destacamos apenas alguns caminhos possíveis para a leitura do *post*, mas temos ciência de que o leitor pode escolher determinada ordem de observação e de interpretação do *post* com base em suas preferências individuais. Essa ordem, portanto, é bastante individual.

Figura 11 — Bandeira do Orgulho Bissexual

Fonte: *Site iG Queer*⁷⁴

Como visto na imagem acima, a faixa magenta, presente na parte superior da bandeira, simboliza a atração sexual e/ou romântica pelo mesmo gênero, somente, e a faixa azul real, disposta na parte inferior da bandeira, simboliza a atração sexual e/ou romântica pelo(s) gênero(s) diferente(s), somente. As faixas ficam sobrepostas para formar, no meio delas, uma sombra na cor púrpura, que simboliza a atração sexual ou/e romântica tanto pelo mesmo gênero quanto por gêneros distintos: uma ambivalência. Isso posto, essas cores, ao fazerem referência à bandeira bissexual, reforçam os argumentos presentes em cada bloco textual (“bissexuais não estão confusos”, “não são metade gay/lésbica e metade hétero” e “bissexualidade é uma sexualidade válida e completa”). Assim, a intertextualidade se estabelece, aqui, por meio de um recurso multimodal: o uso de cores na enunciação. Com isso, é possível afirmar que as características do hipertexto se interpenetram dentro de um *post* de *Facebook* que materializa a militância LGBTQIA+.

Portanto, testemunhamos que fazer uso de não ditos é uma das estratégias utilizadas pela militância LGBTQIA+ para que os pontos de vista sistematizados em um *post* de *Facebook* produzido por ela sejam razoáveis e legítimos, mantendo e multifacetando infinitamente a concatenação de dizeres materializados e rebuscados que conversam entre si. Assim, a quinta e última característica de um hipertexto, de acordo com Xavier (2015), qual seja, a intertextualidade infinita também funciona (e exerce um papel fundamental) na elaboração e na recepção de temáticas LGBTQIA+ por meio do gênero discursivo digital supracitado.

Visto isso, seguiremos, agora, sob uma perspectiva que envolve não somente a estrutura do *post*, mas também o diálogo existente entre o seu conteúdo e a recepção dele pelo público que acompanha a página ou que se deparou com a publicação em seu *feed* de notícias,

⁷⁴ Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2021-02-12/o-que-e-bifobia-entenda-o-preconceito-que-lucas-no-bbb-sofreu.html>. Acesso em: 31 maio 2021.

por meio dos comentários presentes na publicação. Para isso, faremos uso da teoria dialógica bakhtiniana.

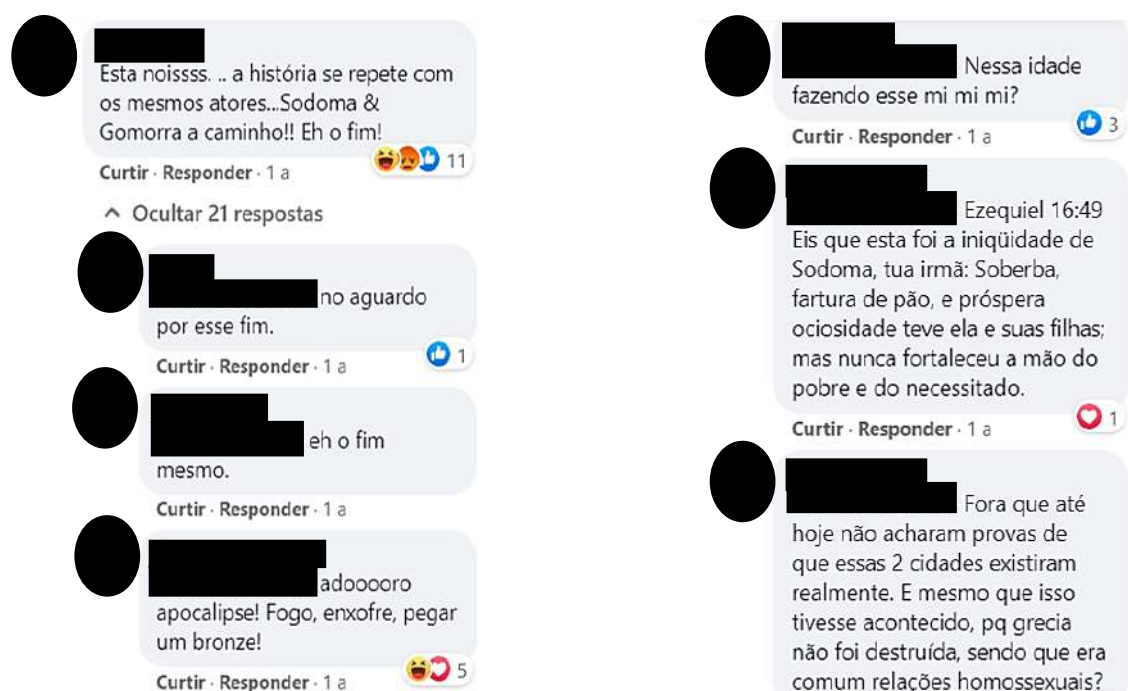
Consideramos, a partir das assertivas do Círculo de Bakhtin, que o ser humano está intrinsecamente entreposto em um incessante e progressivo diálogo e só se realiza como sujeito na e pela comunicação com o outro. Nesse sentido, tomamos a linguagem como social, histórica e ideológica e julgamos imprescindível dar importância às suas contínuas ações nas interações sociais de abertura e de inacabamento. Para Bakhtin (2016), como a linguagem é dialógica, o enunciado é sempre reagente, capaz de se relacionar com enunciados outros, anteriores, e, em qualquer situação, responde a algo. É a dialogicidade que gera a expectativa do falante sobre a compreensão ativa e responsiva do outro, como pontua Volóchinov (2018).

Isso posto, observaremos e analisaremos, agora, esses (des)encontros de pontos de vista sobre o tema, que são bastante marcados em um *post* de *Facebook* devido a um de seus muitos recursos interacionais: a caixa de comentários ao *post*.

Antes disso, porém, destacamos que, no *post* 1, por meio da relação de entranhamento entre o verbal e o visual, destrinchada nas páginas anteriores, é explícito que o discurso corporificado na *Quebrando o Tabu* pelos seus moderadores conversa com a camada de discursos sociais que revestem o posicionamento político-ideológico da página sobre o tema, que aparenta apoiar o movimento LGBTQIA+, além de simpatizar com ele. Além disso, notamos que os administradores da *Quebrando o Tabu*, por meio do *post*, reforçam a sua política geral, por meio do engajamento com o tema e de sua ação de “quebrar tabus”, baseados em uma ação que gera uma reflexão: *o que é a bissexualidade?*

Destarte, vejamos a recepção dessa provocação proposta pela página. Para isso, atentemo-nos à figura 12, a seguir, a qual apresenta alguns comentários feitos por usuários do *Facebook* que interagiram com o *post*.

Figura 12 — Comentários no *post* 1 sobre a visibilidade/legitimidade bissexual (parte 1)⁷⁵



Fonte: Página *Quebrando o Tabu* no Facebook⁷⁶

No primeiro comentário, presente na lateral superior esquerda da imagem, um usuário do *Facebook* diz que “a história se repete com os mesmos atores” e faz referência a Sodoma e Gomorra, e complementa a sua argumentação afirmando que “é o fim”. Nesse caso, é feita uma alusão a uma história presente na *Bíblia Sagrada*, livro que embasa a religião cristã. De acordo com a obra, Sodoma e Gomorra integravam um conjunto composto por mais três cidades — Adama, Seboim e Bala, também conhecida como Segor — da planície da Palestina, a Pentápole, situadas em algum lugar próximo ao Rio Jordão. No Antigo Testamento, mais especificamente nos capítulos 18 e 19 do livro de Gêneses, Sodoma e Gomorra sofreram um castigo divino por seus atos pecaminosos: foram destruídas por meio de fogo e de enxofre.

As duas cidades têm sido utilizadas, ao longo da história, inclusive no discurso moderno, como metáfora da homossexualidade, e é do nome de uma delas que se originam as palavras *sodomita* — um termo pejorativo utilizado para fazer referência a homossexuais do sexo masculino — e *sodomia* — utilizado em um contexto legal sob a etiqueta de “crimes contra a natureza” para caracterizar as práticas de sexo anal ou oral (particularmente

⁷⁵ Ressaltamos que os comentários dos *posts* 1 e 2 foram divididos em duas figuras para que fizéssemos jus à quantidade deles nessas publicações. Já nos *posts* 3 e 4, a partir desse mesmo critério, os comentários foram dispostos em apenas uma imagem.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/2639991696057201>. Acesso em: 1 jun. 2021.

homossexual). Esse posicionamento é aportado em interpretações do texto bíblico, que, muitas vezes, tomam o julgamento divino sobre Sodoma e Gomorra como punição pelo pecado da homossexualidade, ainda que alguns estudiosos contemporâneos discordem dessa exegese.

Isso posto, o comentário em questão indicia um sujeito que se apoia em dogmas religiosos para expor o seu ponto de vista, o qual revela uma apreciação valorativa conservadora sobre o assunto, ao apresentar uma condenação à bissexualidade discutida no *post* 1, associando-a a um evento de extermínio causado pelo “mal” que a diversidade sexual e de gênero representa. Portanto, os argumentos de caráter religioso levantados por esse usuário estão a serviço de seu propósito comunicativo: atacar a comunidade LGBTQIA+ e contestar a discussão proposta pela página, haja vista que, ao que parece, para o comentador, quanto mais esse tabu for quebrado, mais a ira de Deus recairá sobre a humanidade.

Nesse caso, o primeiro comentário presente na figura 12 é justificado pela teoria de Bakhtin (2016) de que os enunciados são ideologicamente saturados, embebidos de pontos de vista, opiniões e horizontes conceituais de sujeitos que formam os distintos agrupamentos sociais e geracionais vigentes. Essa teoria justifica, ainda, todos os outros comentários que coadunam com o posicionamento desse primeiro, como as respostas iniciais dadas a ele, nas quais pessoas dizem estar esperando por esse fim (pelo aniquilamento da comunidade LGBTQIA+) ou confirmam o que foi dito, utilizando expressões do tipo “é o fim *mesmo*” (grifo nosso), com destaque para o vocábulo “mesmo”, que, em sentido lato, é um advérbio de realce, pois apresenta a função sintática de complemento circunstancial de modo e a função semântica de ênfase.

Mas, nessa mesma figura, podemos notar, também, respostas que são contra o primeiro comentário da imagem: a primeira delas diz “adoooooro apocalipse! Fogo, enxofre, pegar um bronze!”. Nessa réplica, é feita referência ao Apocalipse, o último livro da Bíblia, escrito por João, um dos quatro apóstolos de Jesus Cristo, por volta de 95 d.C. Como relata Evanildo da Silveira (2012) para a *Superinteressante*, revista brasileira de divulgação científica e cultura,

As visões descritas pelo profeta são aterradoras. Um filme de terror tendo como tela de projeção o céu. Há personagens assustadores, como quatro cavaleiros espalhando fome, guerras e peste. Um deles, esverdeado, chamado “a Morte”, vinha acompanhado da “morada dos mortos”. E anjos, muitos anjos, alguns tocando trombetas, anunciando castigos e catástrofes. E trovões, clamores, relâmpagos e terremotos. E cenas apavorantes: “E caíram sobre a terra granizo e fogo misturados com sangue”; “uma grande montanha

ardendo em chamas foi lançada no mar. A terça parte do mar transformou-se em sangue”; “e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha”. A Terra será atacada por pragas terríveis. “Espalharam-se gafanhotos sobre a terra e receberam poder igual ao dos escorpiões”, escreveu. “Foi-lhes dito que não danificassem a vegetação da terra, nem as ervas nem as árvores, mas somente as pessoas que não levassem na frente a marca do selo de Deus. Não lhes foi permitido matá-las, mas sim atormentá-las durante cinco meses. E a dor que causavam era semelhante à dor da picada do escorpião quando morde alguém.” Diante disso, não é à toa que João tenha previsto que “naqueles dias, as pessoas vão procurar a morte e não a encontrarão. Vão desejar morrer, mas a morte fugirá delas!” O Apocalipse de João prevê a luta final entre o Bem e o Mal, entre Deus e o diabo. As forças malignas serão formadas por um exército gigantesco, comandado por um anticristo, o demônio-mor em pessoa. Elas serão derrotadas por Jesus, que reinará por mil anos, com Satã acorrentado por todo esse período. O diabo, porém, não é fácil de ser batido e conseguirá se libertar e voltar para a batalha final, que acontecerá num lugar chamado Armagedom. Muitos especialistas identificam esse local com Megiddo, hoje no território de Israel. Mais uma vez Jesus vencerá as forças das trevas. Depois da batalha, virá o Juízo Final, que jogará para sempre os pecadores no inferno e os bons e justos no paraíso. (SILVEIRA, 2020, n. p.).

No segundo comentário, o interessante a ser observado é que há, também, uma referência a um elemento religioso (o Apocalipse), mas este é ridicularizado pelo rebatedor, que se atreve a dizer que aproveitará o possível fogo e o possível enxofre que cairão do céu para se bronzear e que vai adorar tudo isso. Essa é uma estratégia de descredibilização do comentário original, pois o sujeito utiliza uma mesma base (crenças cristãs) para marcar seu posicionamento ideológico e sua atitude valorativa totalmente contrária ao que foi enunciado pelo primeiro comentarista, utilizando uma forte carga humorística para isso.

Isso ocorre de modo parecido, também, nas respostas seguintes: primeiramente, em uma delas, é mencionado um outro livro da Bíblia, Ezequiel, que também faz referência a Sodoma e a Gomorra. Na passagem, de acordo com o rebatedor, é dito: “eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: Soberba, fartura de pão, e próspera ociosidade teve ela e suas filhas; mas nunca fortaleceu a mão do pobre e do necessitado.”. Nesse sentido, a resposta em questão utiliza um outro texto religioso, presente no mesmo livro em que o comentarista 1 se embasa, para afirmar que os pecados de Sodoma estavam relacionados à ganância e ao apego excessivo à propriedade, e não à diversidade sexual e de gênero.

Em segundo lugar, na resposta posterior, é levantado o argumento de que essas duas cidades podem nem ter sido reais (os arqueólogos não encontraram, até hoje, uma evidência significativa acerca da existência delas), o que é reforçado por um questionamento: “E mesmo

que isso tivesse acontecido, pq grecia não foi destruída, sendo que era comum relações homossexuais?”⁷⁷

Dado o exposto, observamos que o que ocorre nessa última réplica ao comentário do *post* 1 é um confronto de argumentos situados em diferentes lugares sociais: enquanto o comentário original se vale da Bíblia Sagrada, um texto religioso, para embasar o seu posicionamento diante da questão, a referida réplica traz à discussão argumentos históricos, científicos e, consequentemente, comprovados. Historicamente, essas são duas áreas que geralmente não se misturam, pois apresentam princípios diferentes, que conflitam entre si. Assim, quando ciência e religião figuram juntas, na maioria esmagadora dos casos, é para anular os argumentos uma da outra. Visto isso, as enunciações materializadas em comentários no *post* de *Facebook* por nós analisado levam em consideração diferentes vozes, que, por suas vezes, estruturam um heterodiscurso social e se antecipam à responsividade dos interlocutores, de modo não alheio ou negligente. Essas enunciações aqui discutidas se constituíram em elos discursivos e são externamente contornadas, como pudemos perceber em muitos momentos ao longo da análise, por signos ideológicos multiacentuados e assentados em grupos sociais particulares e formados (socio)historicamente, como afirma Volóchinov (2018).

Para além desses comentários que travam discussões envolvendo instituições sociais, como a religião, encontramos, ainda, no *post* 1, comentários explicativos sobre a temática levantada por ele. Vejamos a figura 13.

⁷⁷ De acordo com Corino (2006), no período clássico da Grécia Antiga, a pederastia (prática sexual entre um homem mais velho e um rapaz mais jovem) era comum e tinha um papel educativo, pois tencionava promover a partilha de conhecimento de homens mais experientes aos mais jovens. O homem mais velho, segundo o autor, estimava o mais jovem pelas suas qualidades masculinas, assim como o mais jovem reverenciava o mais velho pela sua sabedoria. O antropólogo pontua que, na cidade de Esparta — uma sociedade essencialmente guerreira —, os casais de amantes homens eram promovidos e formados como parte do treinamento e da disciplina militar. Na época, considerava-se que esse tipo de prática conferiria coesão às tropas. Já a sociedade e a lei atenienses, consoante o historiador, permitiam a prostituição masculina, mas condenavam seus praticantes de apoderar-se de empregos públicos, haja vista que, para aquela sociedade, se um homem era capaz de vender o seu próprio corpo, também seria capaz de vender os interesses da cidade. Além disso, as relações sexuais entre homens de idade igual ou semelhante eram tidas como “antinaturais”, pois, a partir delas, a sociedade julgava que um dos homens adotava a posição passiva, o que era tido como uma traição de sua masculinidade, dado que ele precisava ser um cidadão ativo em sociedade e esse tipo de prática poderia atrapalhar o seu desenvolvimento público.

melhor comparativo” são réplicas que reafirmam a qualidade da metáfora e a sua capacidade de didatização do tema *bissexualidade*. Isso ocorre devido ao fato de a metáfora viabilizar a convocação de imagens, utilizando o artifício da analogia, compartilhadas pelos interlocutores em um universo de sentidos, as quais conduzem os leitores a compreenderem o texto de forma plena.

Outro ponto importante a ser ressaltado nesse *post* é a troca de experiências e conhecimentos que ocorre por meio das caixas de comentários. Em um dos textos deixados por usuários, mais especificamente no que consta na parte superior direita da figura 13, encontramos a opinião de um sujeito que agradece a página pela postagem e reafirma alguns pontos já discutidos por ela, como o fato de que bissexuais não são fetiches ou confusos, negações que contribuem para o conteúdo temático do *post*.

Para além disso, aqui, o interessante é observar que a interação nas réplicas e tréplicas desse comentário segue por uma linha que não é de confronto, mas de reflexões e aprendizados: um dos usuários aproveita o espaço para tirar uma dúvida sobre o assunto, pois se considera leigo. Em suas palavras, “Um bissexual que um dia venha a casar poderá se relacionar com outro? Ou caso minha namorada fosse bissexual por exemplo eu teria de ter ciumes dela tanto com homem quanto com mulheres?” A partir dessa indagação, outro usuário decide respondê-lo, afirmando que ele está confundindo a bissexualidade com um tipo de relacionamento, qual seja, o relacionamento aberto⁸⁰.

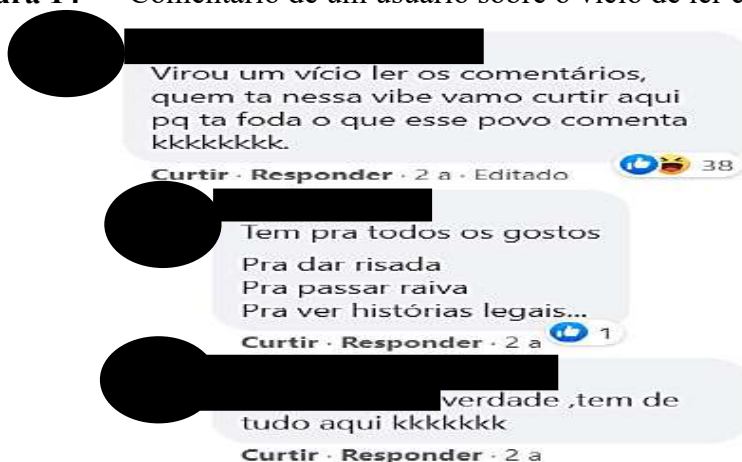
Além dessa resposta, outra aparece: “Não, pq se ela escolheu ficar com vc é pq te ama, no meu caso tive alguns relacionamentos e em todos fui bem fiel com quem estava comigo, mas ja fui traída por homens heterossexuais. Caráter não se relaciona com orientação sexual.” Todo esse encadeamento (inter)ativo de posicionamentos individuais em intersecção revela um processo de humanização de relações ocorrendo entre os sujeitos de discurso presentes na cena enunciativa em questão, e esse processo se encontra alicerçado em reflexões sobre condições vivenciais. Trocando em miúdos, esses sujeitos, por meio de uma troca de experiências e conhecimentos, inerentes ao diálogo, como sublinha Volóchinov (2018), reconhecem-se no compromisso e na sensatez da ação-reflexão, objetivando a humanização da realidade. Desse modo, os usuários de *Facebook* são capazes de modificar seus contextos a partir de atitudes responsivas carregadas de axiologias. Esse movimento discursivo, como já confirmamos em outros trabalhos (GUERRA; PEREIRA, M., 2021), é dialógico e vai da

⁸⁰ De acordo com Kessler (2013, p. 369), os casais abertos são aqueles em que há uma espécie de contrato entre os parceiros, um consenso sobre uma liberdade restrita, a qual permite o estabelecimento de outras relações; porém, sendo estas entendidas e tratadas como secundárias e invisíveis.

concretude à consciência e da consciência à concretude, em uma ação esclarecedora e transformadora.

Portanto, vemos que o dialogismo se estabelece não somente entre *post* e comentários, mas também entre comentários e respostas. Há casos, inclusive, em que os usuários nem chegam a se engajar com a imagem e/ou com a legenda da publicação: atêm-se apenas aos comentários. Isso pode ser visto em um comentário publicado nessa mesma publicação, exibido na figura 14.

Figura 14 — Comentário de um usuário sobre o vício de ler comentários



Fonte: Página da *Quebrando o Tabu* no Facebook⁸¹

Como podemos notar, muitos usuários ficam entusiasmados para ler os comentários deixados por pessoas que se engajaram com a postagem, seja “pra dar risada”, “pra passar raiva” ou “pra ver histórias legais”, como um dos sujeitos salienta e outro ratifica, ao afirmar: “verdade, tem de tudo aqui”. Esse fato indicia que ao menos uma parcela de indivíduos que faz uso da rede social *Facebook* interessa-se pelos comentários tanto quanto pelo conteúdo do *post* em si (ou, em alguns casos, até mais). Nesse sentido, é possível considerarmos os comentários de uma publicação como uma das partes que compõem um hipertexto *facebookiano*. Desse modo, os usuários que discutem a postagem por meio da caixa de comentários poderiam exercer a função de coautores do *post*, algo que pretendemos investigar em trabalhos futuros.

Partimos, agora, para a análise do segundo *post*, que também foi retirado da página *Quebrando o Tabu*. A publicação foi feita em 29 de junho de 2020, um ano e oito dias após a

⁸¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/2639991696057201>. Acesso em: 1 jun. 2021.

postagem anterior, e trata de questões referentes à assunção de um sujeito LGBTQIA+ para a sua família.

Figura 15 — *Post (2) sobre a assunção de um LGBTQIA+ para a sua mãe*



Fonte: Página *Quebrando o Tabu* no Facebook⁸²

A figura 15 registra um *post* que traz à tona um dos maiores desafios para um sujeito LGBTQIA+ que vive em uma sociedade patriarcal, machista e ultraconservadora: “assumir” sua sexualidade para a sua família. No país que mais mata LGBTQIA+ em todo o planeta, segundo o veículo de comunicação *Metrópole* (BORGES; COSTA; MENEZES, 2021), e que faz piada com um assunto tão delicado — como podemos ver em vídeos de “trollagem”, nos quais alguém conta para algum parente ou responsável que é LGBTQIA+ e é espancado, amaldiçoado, perseguido com uma faca etc.⁸³ e isso é considerado entretenimento —, é apavorante para um indivíduo que não se encaixa em um padrão cisheteronormativo contar

⁸²

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/3545562692166759/>. Acesso em: 2 jun. 2021.

⁸³

Alguns exemplos podem ser vistos nestes vídeos: <https://www.youtube.com/watch?v=Qw65cufNgDI>, <https://www.youtube.com/watch?v=4dKND6Wz3zA> e <https://www.youtube.com/watch?v=00-ERBy1vQU>. Acesso em: 5 jun. 2021.

para os seus pais/tutores que faz parte de uma comunidade diversa em sexualidade e em gênero.

Isso posto, a publicação, lançando mão de recursos multimodais, utiliza uma cena do longa-metragem *Minha mãe é uma peça 3* para retratar um diálogo entre uma mãe e um filho gay. Na série de filmes *Minha mãe é uma peça*, baseada em uma peça teatral homônima, conhecemos Dona Hermínia (Paulo Gustavo⁸⁴), uma mulher de meia idade que é uma mãe dedicada e que está sempre preocupada com os seus filhos, Juliano (Rodrigo Pandolfo), um homem cisgênero gay, e Marcelina (Mariana Xavier), uma mulher cisgênero heterossexual. No terceiro longa da franquia, um dos focos da produção é o casamento de Juliano e Thiago, que ocorre no final do filme. Em seu discurso matrimonial, Juliano relembra a conversa que teve com a sua mãe quando ela o questionou sobre a sua sexualidade. Essa é a cena que a página *Quebrando o Tabu* materializa em seu *post*, a qual discute o amor de Dona Hermínia pelo seu filho e o medo que ela tinha de ver Juliano sofrer ataques homofóbicos.

Analisando o *post* 2 sob o viés hipertextual de Xavier (2015) e considerando que só olharemos, a partir de agora, para duas das cinco categorias propostas pelo referido autor para definir um hipertexto (*convergência de linguagens* e *intertextualidade infinita*) — uma vez que as outras três (*imaterialidade/virtualidade*, *ubiquidade* e *não linearidade/multilinearidade*), que não serão citadas, já foram esmiuçadas no *post* 1 e em trabalhos anteriores (GUERRA; PEREIRA, M.; PRADO, 2021; AZEVEDO; GUERRA; PEREIRA, M., 2021) e se repetem por aqui —, constatamos que a convergência de linguagens se revela na figura 15 de várias formas.

Inicialmente, no *post* em questão, observamos os enunciados verbais “Um dia minha mãe chegou pra mim e falou assim: ‘Meu filho, você é gay?’ Eu falei: ‘Sou, mãe’ e ela saiu. Eu fui atrás dela e falei: ‘Mãe, algum problema?’ Ela falou ‘Não, meu filho. Nenhum problema. Meu medo é lá fora, porque o mundo é mau, mas aqui dentro eu tô fechada com você.” e “Filmografia Frases”, presentes na imagem que compõe a publicação, além de “Filme: Minha Mãe É uma Peça 3 Via: Filmografia - Frases”, presente na legenda.

Aqui, é interessante observar, primeiramente, que todo o texto verbal presente na imagem que compõe o *post* é uma citação de uma cena do filme *Minha mãe é uma peça 3*, o que já marca uma estratégia utilizada pela militância LGBTQIA+: a fala de Juliano foi transcrita e encaixada na imagem, o que ressaltou sua autossuficiência para atingir o objetivo

⁸⁴ Infelizmente, no dia 4 de maio de 2021, Paulo Gustavo, homem gay que muito contribuiu com o Movimento LGBTQIA+, ao popularizar, por meio de seus filmes e de suas peças, a fluidez de gênero e discutir tabus como o casamento entre pessoas do mesmo sexo, faleceu por complicações de saúde causadas pela Covid-19.

interacional pretendido pelos moderados da página. Isso é tão marcante que até mesmo a legenda do *post* não faz nenhuma discussão sobre o conteúdo do texto, ou seja, fica explícito para o leitor que o foco do *post* é a imagem que o forma. Assim, ele é capaz de concluir que toda a temática abordada pela *Quebrando o Tabu* naquela publicação pode ser entendida única e exclusivamente com base na figura utilizada por ela. Vale ressaltar que mesmo sem a página explicitar, no *post*, qualquer indicação de apoio ou repúdio ao conteúdo presente na imagem, o usuário entende que ela simpatiza com a causa LGBTQIA+. Isso pode ser concluído a partir do posicionamento político-ideológico geral da *Quebrando o Tabu*, como também por meio de outros *posts* da página nos quais a militância sobre a diversidade sexual e de gênero é materializada.

Em segundo lugar, notamos, também, que os enunciados verbais foram bastante utilizados para conferir os créditos tanto ao filme quanto à página original que compilou e legendou as cenas do longa-metragem. Além disso, na publicação em questão, percebemos, assim como no *post* 1, que a escolha da fonte, bem como do seu estilo, do seu tamanho e da sua cor, também são elementos relevantes na elaboração e na recepção da publicação. Na figura 15, verificamos que os enunciados verbais presentes na imagem que compõe a postagem aparecem com uma fonte maior, na cor amarela. Esse padrão é diferente de todo o restante da postagem, o que conduz a atenção do leitor a essas partes específicas do texto e destaca esses enunciados em relação ao que é escrito em fonte menor.

Novamente, constatamos que os enunciados que são materializados em uma postagem LGBTQIA+ com fontes diferentes do padrão de uma publicação no *Facebook* tendem a ocupar o lugar de núcleo do *post*, o que nos leva a pensar que essa estratégia é recorrente na enunciação da militância LGBTQIA+ no *Facebook*. A atenção do usuário deve ser voltada a esses enunciados, por isso eles são construídos desse modo. Vale ressaltar que o enunciado “Filmografia Frases” também aparece em fonte grande, branca e diferente do padrão na imagem que compõe o *post*, mas, aqui, ele funciona como uma espécie de marca d’água da página, para que, se a imagem for compartilhada, seus créditos não sejam perdidos.

Isso posto, os enunciados verbais presentes na imagem da publicação aparecem subdivididos em três imagens, as quais são capturas de tela da cena do filme em que o diálogo entre Dona Hermínia e Juliano ocorre. Essa estratégia de dividir o texto em três quadros é bastante importante, pois, como resultado, obtém-se imagens estáticas que, no decorrer da leitura, se tornam dinâmicas. O leitor consegue imaginar Juliano olhando tanto para a mãe quanto para a plateia, bem como a expressão atenciosa e reflexiva de Thiago para com o discurso de seu esposo e a recepção dessa lembrança doída por parte de Dona Hermínia e dos

convidados do casamento. É como se as imagens representassem som e movimento, e esse conjunto de verbo-áudio-visualidade formasse um todo comunicativo coerente e coeso.

Outra estratégia bastante interessante que conversa com a anterior e que é utilizada pela militância LGBTQIA+, nesse caso, é transcrever a fala de Juliano seguindo o padrão de legenda de conteúdos audiovisuais adotado por serviços de *streaming*, como a *Netflix*, o *Amazon Prime Video* e o *Disney+*, por cinemas e por programas de televisão (sejam eles de emissoras com sinal gratuito ou de TVs a cabo). Isso aproxima o leitor da postagem, haja vista que a familiaridade com esse tipo de recurso, somada aos *frames* de cenas do filme, simulam a experiência de assistir a uma parte do próprio longa-metragem. Com isso, os militantes conseguem não somente expor e levantar uma discussão sobre a assunção de um sujeito LGBTQIA+ para a sua família e as consequências desse ato, como também, de forma despretensiosa, indicam espontaneamente a produção fílmica para quem tiver se interessado pela cena a ponto de querer entender melhor o seu contexto ou a temática como um todo, a partir da perspectiva do filme.

Aqui, percebemos que discursos ecoam e ressoam no *post*, pois, a partir do que a figura 15 mostra, notamos vozes sociais — circunscritas ideologicamente — em tensão imanente: ao passo que temos uma voz não dita, mas ressoada, conservadora, que considera haver algum problema em ser *gay*, representada pela pergunta de Juliano (“Mãe, algum problema?”); temos outra, militante, que soa não haver nenhum problema em ser *gay*, representada pela resposta de Dona Hermínia à pergunta supracitada (“Não, meu filho. Nenhum problema.”). A identificação das (outras) vozes que interpelam e formam esse *post* evidencia o heterodiscurso dialogizado, haja vista que, como pontuamos anteriormente, todo enunciado sempre está em diálogo com outro (seja para concordar, debater, polemizar, discordar etc.), como assevera Bakhtin (2015). Essa pluralidade de enunciados retrata vozes sociais diversas em um mesmo campo de atividade humana, contidas e funcionando em uma mesma cena enunciativa, e institui, portanto, o heterodiscurso.

Dado o exposto⁸⁵ sobre a multiplicidade de linguagens contidas no *post* 2, podemos concluir que a relação estabelecida entre os enunciados verbais e as imagens e outros

⁸⁵ Não dissertamos acerca do uso do negrito nessa publicação porque, exatamente como no *post* anterior, na publicação em questão, ele é utilizado para marcar um *hiperlink* dentro do *Facebook*. Assim, há os *hiperlinks* da página *Quebrando o Tabu*, do perfil de cada usuário que comentou a publicação etc., mas o destaque, dessa vez, pode ser dado ao *hiperlink* para a página *Filmografia – Frases*, criadora da imagem que compõe o *post* 2. Nesse caso, o usuário pode, com um clique, visualizar a publicação original e interagir diretamente com ela, além de checar a legenda pensada pela página oficial para o conteúdo, bem como o que as pessoas que seguem a *Filmografia – Frases* ou se depararam com o *post* original acharam do material. Acreditamos que iremos encontrar resultados

elementos visuais é uma estratégia de entranhamento, de uma resposta provocativa ao processo criativo cunhada pela militância LGBTQIA+ para materializar seus conteúdos temáticos. Portanto, nesse caso, a produção de sentidos, assim como ocorreu no *post* 1, é verbo-visual, haja vista que texto verbal e ilustração se completam e formam um conjunto dotado de significado(s).

Até agora, com as análises das postagens 1 e 2, verificamos que as relações semânticas estabelecidas entre imagens e textos escritos confluem para que o sentido pretendido pela militância LGBTQIA+ para cada publicação seja produzido e captado pelo leitor. Assim, uma vez isolados, cada um dos modos (o visual e o verbal escrito) apresenta um sentido específico, que pode divergir do sentido geral obtido ao se considerar, em conjunto, toda a multimodalidade presente em um *post* de caráter pró-LGBTQIA+.

Já a **intertextualidade infinita**, segunda e última característica hipertextual sobre a qual trataremos nessa primeira parte de análise do *post* 2, pode ser apreciada, dentre outros aspectos, por meio da relação explícita existente entre o *post* e o filme *Minha mãe é uma peça* 3.

Ao se valer de três blocos de texto, dispostos em três imagens diferentes, para retratar o diálogo entre um homem *gay* e a sua mãe, o *post* em questão faz menção ao filme *Minha mãe é uma peça* 3. Em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2018) disserta acerca do recurso ao discurso do outro, salientando que, embora a citação se configure como tema no que diz respeito ao que é enunciado, no discurso citado, incorpora-se à sintaxe do discurso que cita.

No caso do *post* 2, o que ocorre é uma citação direta do texto original do longa-metragem, e é essa citação, referenciada na legenda da foto, que comporta o objetivo interacional dos moderadores da página *Quebrando o Tabu*, qual seja, mostrar uma das muitas facetas que uma conversa sobre orientação sexual e identidade de gênero pode ter. Além disso, enxergamos o processo de citação, também, na utilização da imagem original elaborada pela página *Filmografia – Frases*, o que torna a publicação da página *Quebrando o Tabu* um *apud* da postagem original, exibida na figura 16, a seguir.

parecidos nos outros *posts*; então, tomamos a decisão de não tratar do negrito nas próximas análises, a menos que seu uso seja completamente diferente do que vimos até agora em nosso *corpus*.

Figura 16 — Publicação original da cena do filme *Minha mãe é uma peça 3*



Fonte: Página *Filmografia – Frases* no Facebook⁸⁶

Nos dois casos, no entanto, vemos como ambas as páginas consideram a conversa firmada entre os personagens do filme como autossuficiente para tratar da temática em questão. Para elas, o texto, por si só, já contempla a discussão pretendida, de modo que não se faz necessário sequer complementar o diálogo. Portanto, ratificamos que lançar mão de citações de textos que já abordem o tema que o autor deseja discutir em seu *post* é uma estratégia de criação que contribui para que as apreciações valorativas dos ativistas LGBTQIA+, dispostas em uma publicação, sejam expressas e validadas. Assim, a intertextualidade infinita revela-se crucial para o engendramento e para a recepção das temáticas LGBTQIA+ que são enunciadas no referido gênero discursivo digital.

Isso posto, é importante pontuar que os modos de enunciação do discurso do outro também marcam uma *relação ativa* entre o enunciado base e o enunciado autoral, que atravessa todas as dimensões do discurso. Portanto, é necessário levar em consideração que “qualquer transmissão do discurso de outrem se dá a fim de cumprir objetivos específicos e é sempre direcionada a terceiros, para aqueles a quem se dirige o discurso autoral”

⁸⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/filmografiafrases/photos/1101627770215480>. Acesso em: 3 jun. 2021.

(VOLÓCHINOV, 2018, p. 252). No *post* em questão, não houve mudança sintática no enunciado, mas houve mudança composicional — a dinamicidade das imagens deu lugar à estaticidade, e a oralidade deu lugar à escrita.

Podemos notar como esse direcionamento a terceiros, citado no parágrafo anterior, foi efetivo, em certa medida, por meio do modo como vários comentários dispostos no *post* revelam o envolvimento dos usuários do *Facebook* com a temática LGBTQIA+ levantada pela página *Quebrando o Tabu*. Vejamos a figura 17, a seguir, que captura um pequeno excerto desse fato.

Figura 17 — Comentários presentes no *post* 2 sobre a assunção de um LGBTQIA+ para a sua mãe (parte 1)



Fonte: Página *Quebrando o Tabu* no *Facebook*⁸⁷

Nos comentários localizados nas partes superiores (esquerda e direita) da figura 17, deparamo-nos com relatos de pessoas LGBTQIA+ que se assumiram para as suas famílias. Esses relatos são bastante diferentes. O primeiro deles, da esquerda, é de alguém que ouviu do seu pai: “Sempre te apoiei sem você pedir, não é agora que está pedindo que vou negar!”; ao passo que o segundo, da direita, lidou com uma realidade intolerante: “Eu sofri muito preconceito, tive que ouvir coisas horríveis que eu nunca pensei ouvir da minha mãe”.

87

Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/3545562692166759/>. Acesso em: 2 jun. 2021.

Como lembram Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), a diversidade sexual e de gênero, quando exposta à família, pode gerar um imbróglio nas relações. Segundo eles, os jovens que decidem “sair do armário” podem se frustrar muito diante da perturbação ou comoção que a notícia causa aos familiares, que, em grande número, não são capazes de acolher o sujeito LGBTQIA+ da forma que se espera. Muito pelo contrário, no geral, os familiares manifestam ameaças, agressões e outras formas de violência que escancaram a intolerância, a decepção e o receio de se depararem com a existência de um(a) filho(a) que foge aos padrões cisheteronormativos. Isso pode ser justificado pela dificuldade dos pais, familiares e/ou responsáveis em lidarem com questões que envolvem não somente o universo LGBTQIA+, mas a sexualidade de um modo geral, como apontam Zimmerman *et al.* (2015). Nesse contexto, consoante Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), é comum que, após um indivíduo LGBTQIA+ se assumir como tal perante a sua família, esta tente trazer o sujeito para a norma sexual hegemônica, o que gera apenas mais sofrimento para todos os envolvidos.

Isso posto, de acordo com os autores, as mães geralmente são as detentoras do papel de aceitar seus(suas) filhos(as) LGBTQIA+ diante da revelação mais facilmente, enquanto os pais, por outro lado, costumam rejeitar seus filhos, principalmente quando se trata de homens *gays*. Aqui, é interessante observar que o nosso dado apresenta situações exatamente contrárias: nos comentários, o que encontramos foi um pai que acolheu um filho e uma mãe que rejeitou outro. Isso ratifica o fato de que as enunciações presentes em *posts* de *Facebook* LGBTQIA+ são dialógicas, haja vista que surgem a partir de ligações discursivas e revelam, nesses elos, como os sujeitos são rodeados por signos ideológicos e estão assentados em grupos sociais específicos. Esse tipo de comentário reforça que vivemos em um mundo plural, diverso, com pessoas situadas em lugares socio-historicamente distintos, e que, apesar de uma pessoa LGBTQIA+ sofrer com discriminações por parte da sociedade e, por vezes, passar por situações não acolhedoras dentro da própria família, há casos diferentes. Assim, um *post* de *Facebook* que aborda a diversidade sexual e de gênero tem o potencial de proporcionar encontros particulares entre agentes dialógicos que podem trocar experiências e conhecimentos, (re)conhecendo o mundo em conjunto, para, também em conjunto, apre(e)nderem, ensinarem, entenderem e transformarem a realidade na qual estão inseridos.

Além disso, vale ressaltar que, segundo Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), muitos estudos costumam observar o processo de *coming out* de um sujeito LGBTQIA+ por meio da fala do indivíduo — sobretudo o(a) jovem — que revelou a sua orientação sexual à família. Assim, poucos estudos, de acordo com eles, já concederam espaço para escuta de pais

e responsáveis, com o objetivo de entender o ponto de vista deles diante do processo. Diante disso, o segundo comentário do lado direito da figura 17 é extremamente relevante, pois revela justamente o posicionamento de uma mãe perante esse assunto. Ao dizer “sou mãe de uma adolescente e sempre conversamos sobre tudo, eu vi essa cena e chorei tmb, pois eu mais do que ninguém sou fechada com minha filha, eu sou feliz com ela estando feliz”, a usuária revela aos leitores, por meio de seu comentário, que sua filha faz parte da comunidade LGBTQIA+ e que ela, enquanto mãe, busca sempre apoiá-la e focar na felicidade de sua filha, independentemente de sua condição sexual e de gênero. A usuária comenta, ainda: “tenho certeza que sua mãe sentiu muito,e te ama mais que tudo❤️”, compadecendo-se da situação do sujeito que foi inicialmente rejeitado pela mãe. Essa espécie de espaço que um *post* de *Facebook* LGBTQIA+ dá a essas famílias e aos sujeitos que compõem um universo diverso em sexualidade e em gênero pode contribuir para a criação de cadeias de apoio e de amparo aos envolvidos no movimento, bem como para o entendimento acerca de como e por que os “armários” são criados e transformados (social e culturalmente).

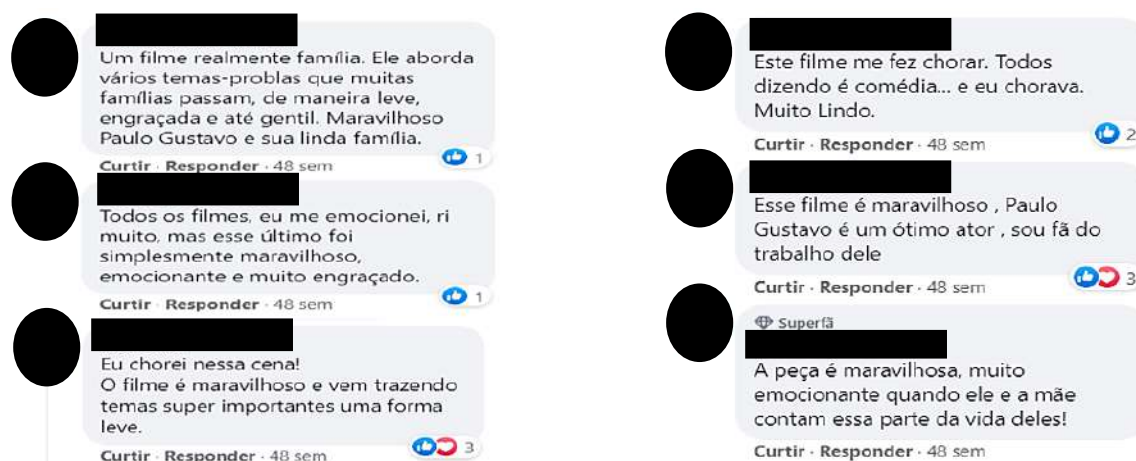
É nesse sentido que percebemos o quanto esses comentários do *Facebook* são importantes: ao escreverem seus relatos e receberem *feedback* sobre eles, esses sujeitos LGBTQIA+ enriquecem a discussão proposta pelo *post*, pois suas histórias são vistas por milhares de pessoas e, muitas vezes, tornam-se arautos de esperança para uma pessoa fora do padrão cisheteronormativo que ainda vive em meio à escuridão e à poeira do armário onde esconde o seu verdadeiro eu.

Outro comentário a ser sublinhado é o que está localizado na parte inferior esquerda da figura 17. Nele, o usuário inicia a sua fala salientando que vai dissertar sobre algo que não está diretamente ligado ao *post* (“sei que não tem nada haver com o post”) e continua dizendo que “uma cena que me marcou muito foi a cena onde Mateus Solano (Felix) e Antônio Fagundes |(não lembro o nome da Personagem) no final da novela Amor a Vida , Antônio Fagundes solta a frase, ‘filho eu te amo’ acho que foi muito mais importante do que o beijo gay!”.

É interessante notar que esse comentador traz à discussão uma outra produção audiovisual, mas, dessa vez, uma telenovela — *Amor à vida*, produzida pela Rede Globo de Televisão e escrita por Walcyr Carrasco. Na trama, Félix, antagonista da produção, é um homem *gay* que esconde a sua sexualidade por trás de uma fachada de homem heterossexual, até que a sua esposa, Edith, descobre o seu segredo e resolve revelar tudo para a família dele. Daí em diante, seu pai, César, rejeita-o até o último capítulo da novela, quando enfim reconhece que ama o filho independente de qualquer coisa.

O autor do comentário resume essa história em suas palavras e, posteriormente, faz uma espécie de avaliação do tratamento da temática LGBTQIA+ por parte da telenovela, salientando que o reconhecimento paterno foi mais representativo, em sua visão, do que o beijo gay⁸⁸ ocorrido entre os personagens Félix e Nico. Esse comentário, carregado de juízo de valor sobre a produção *Amor à Vida*, apesar de não apresentar uma fuga em relação ao conteúdo geral da publicação, é um caso muito específico e isolado no *post*. Por outro lado, encontramos, nessa mesma publicação, muitas avaliações sobre o filme *Minha mãe é uma peça 3*, bem como sobre os atores que figuraram no longa-metragem, como podemos notar na figura 18, a seguir.

Figura 18 — Comentários presentes no *post* 2 sobre a assunção de um LGBTQIA+ para a sua mãe (parte 2)



Fonte: Página *Quebrando o Tabu* no Facebook⁸⁹

Nos comentários presentes na figura 18, percebemos muitos juízos de valor recheando as caixas de comentário do *post*, mas, nesse caso, todos eles estão direcionados ao filme propriamente dito e aos pormenores técnicos relacionados a ele, tais como o seu elenco. Essas pequenas avaliações nos lembram um outro gênero bastante popular: a resenha⁹⁰.

⁸⁸ O beijo gay entre os atores Mateus Solano (Félix) e Thiago Fragoso (Nico) foi um marco para a TV Globo, pois, segundo o jornal Folha de S. Paulo, foi o primeiro beijo entre dois homens exibido pela emissora. A informação está disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2019/01/cinco-anos-apos-1o-beijo-gay-da-globo-tema-surge-de-forma-mais-aberta-e-em-todos-os-horarios.shtml>. Acesso em: 7 jul. 2021.

⁸⁹

Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/3545562692166759/>. Acesso em: 2 jun. 2021.

⁹⁰ De acordo com Prado e M. Pereira (2020), a resenha é um gênero discursivo muito utilizado para que o sujeito se posicione axiologicamente acerca de algum objeto. Segundo as linguistas, o processo de engendramento de uma resenha pode ser dividido em quatro partes, quais sejam: 1) apresentação;

Na opinião expressa na parte superior esquerda da imagem, por exemplo, é dito que 1) o filme é “família” (o que significa que todos podem assisti-lo, independentemente da idade), dado que indica uma recomendação do longa-metragem para um determinado público-alvo; 2) a produção “aborda vários temas-problas que muitas famílias passam”, informação carregada de generalizações, que ajudam alguém que nunca assistiu ao filme a entender a sua proposta global; e 3) tudo é apresentado ao expectador “de maneira leve, engraçada e até gentil”, enunciado que avalia positivamente o filme com base no tratamento que é dado por seus roteiristas e diretores aos temas sociais retratados no longa.

Nos outros comentários compilados na figura 18, o cenário se repete: algumas pessoas afirmam que “o filme é maravilhoso e vem trazendo temas super importantes uma forma leve”, outras dizem que “todos os filmes, eu me emocionei, ri muito, mas esse último foi simplesmente maravilhoso, emocionante e muito engraçado” etc. O comum entre eles é que todos ovacionam a competência de Paulo Gustavo, escritor e protagonista do filme (e da peça que o originou).

Nessa figura, um dado chama bastante a atenção: o enredo e o protagonista do longa-metragem foram os focos privilegiados por uma boa parcela de comentaristas do *post* para a construção do juízo de valor sobre o conteúdo apresentado na publicação. Isso se justifica pelo lugar social dos resenhistas, visto que um usuário de *Facebook* nem sempre é jornalista, crítico de arte ou faz parte da comunidade LGBTQIA+, principalmente se pensarmos nas 12 milhões de pessoas que curtem e/ou seguem à página *Quebrando o Tabu*. Logo, os comentários não foram elaborados e publicados com base em uma finalidade publicitária, mas sim por conta de uma reação, de uma atitude responsiva a um *post* que se vale do filme, que, segundo o portal de notícias *UOL*⁹¹, se tornou, em 2020, a maior bilheteria da história do cinema nacional.

Para Bakhtin e seu grupo, na utilização da língua(gem), a palavra não é guarneçada de uma carga sociocultural, apenas, mas também de uma valoração que reflete (e refrata) um posicionamento político-ideológico próprio dos grupos sociais. Ao passo que a comunicação verbal viva torna o diálogo a maneira de interação coletiva, o uso da língua posiciona frente a frente grupos que têm relações de naturezas múltiplas e variadas com o seu objeto de dizer.

2) descrição; 3) avaliação; e 4) (não) recomendação. É comum que essas partes figurem em uma resenha exatamente nessa ordem, mas elas podem variar tanto em tamanho quanto em frequência, a depender do estilo do escrevente, que pode, por sua vez, fazer uso de muitas estratégias retóricas para que seu objetivo interacional seja atendido.

⁹¹ Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/01/22/minha-mae-e-uma-peca-3-se-torna-maior-bilheteria-do-cinema-nacional.htm>. Acesso em: 3 jul. 2021.

Isso fica evidente nos comentários que analisamos, referentes ao *post* 2. Vimos relatos de pessoas LGBTQIA+ que se assumiram e foram aceitas por suas famílias, relatos de sujeitos que “saíram do armário” e foram duramente criticados pelos pais/responsáveis, mães que já aceitaram seus filhos e que, hoje, deixam mensagens de amor para aqueles que ainda não foram acolhidos pela família, além de comentários que não discutem a temática e focam somente na cena do filme escolhida pela *Quebrando o Tabu* para compor a publicação.

Nesse último caso, vemos como as estratégias hipertextuais utilizadas pela página nessa postagem (as quais discutimos anteriormente) funcionaram para mobilizar o leitor a se engajar com o *post* e promovê-lo no que diz respeito ao capital social, ainda que esse engajamento não fosse ativista/militante. A publicação fez circular discursos que revelam os juízos de valor que os sujeitos fizeram sobre aquele texto. Como essa valoração nunca é individual, haja vista que depende da relação com o interlocutor e com os discursos outros aos quais se vincula, seja em discordância, rearranjo, concordância, resignificação etc., na figura 18, a discussão sobre a aceitação de uma pessoa LGBTQIA+ por parte de sua família não ocorreu; ainda assim, o *post* ganhou visibilidade e, desse modo, apareceu para ainda mais pessoas, que puderam ter a oportunidade de refletir e agir sobre o tema.

O terceiro *post* que analisaremos foi retirado da página *Cartazes & Tirinhas LGBT*. A publicação foi feita em 9 de junho de 2019 e trata de questões referentes a orientação sexual e a atitudes de casais LGBTQIA+centrados que podem ser LGBTQIA+fóbicas.

Figura 19 — *Post* (3) que discute orientação sexual e atitudes LGBTQIA+fóbicas em relacionamentos entre pessoas cisgênero e transgênero



Fonte: Página *Cartazes & Tirinhas LGBT* no Facebook⁹²

⁹² Disponível em: <https://www.facebook.com/CartazesLGBTAIQ/photos/1987814644651688>. Acesso em: 4 jun. 2021.

A figura 19 contém uma captura de tela de um *post* que aborda um tópico de extrema relevância para a comunidade LGBTQIA+: as confusões feitas entre os conceitos de *orientação sexual* e *identidade de gênero*. Grosso modo, de acordo com o *Manual de Comunicação LGBTI+* (REIS, 2018), o *sexo biológico* se refere às características biológicas que a pessoa apresenta ao nascer. Estão incluídos nessas características os cromossomos, a genitália, a composição hormonal etc. Inicialmente, essas peculiaridades são utilizadas para demarcar que a pessoa nasceu “macho”, “fêmea” ou “intersexual”. O *gênero*, por sua vez, de acordo com Reis (2018), é um conceito embasado na ideia de que há machos e fêmeas na espécie humana, porém, o modo de ser homem e de ser mulher, ou seja, o padrão estereotipado que define essas convenções sociais, é delineado pela cultura. Assim, o conceito de gênero implica que homens, mulheres e pessoas não-binárias são produtos da realidade social e não somente decorrência da anatomia de seus corpos. Já a *sexualidade* refere-se, conforme Reis (2018), às construções culturais acerca dos prazeres e das trocas corporais e sociais que dizem respeito desde ao erotismo, ao afeto e ao desejo, até às noções referentes à saúde, à reprodução, à utilização de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. Assim, a sexualidade é uma noção que está suscetível a vários usos e a contrastantes interpretações. Exemplo disso são os sortidos tipos de orientação sexual que encontramos em nossa sociedade, como a homossexualidade, a bissexualidade, a heterossexualidade etc.

Em vista disso, para didatizar questões complexas sobre a diversidade sexual e de gênero que perpassam tanto a comunidade LGBTQIA+ quanto as pessoas que não fazem parte dela, o *post* 3 se vale de diversos recursos hipertextuais.

No que se refere à convergência de linguagens, no *post* em questão, observamos o enunciado verbal “Chamar a si mesma de lésbica quando você está namorando um homem trans é transfóbico, lesbofóbico e é apagamento bissexual, tudo em uma coisa só. Não faça isso. Os homens trans são homens, as lésbicas não são atraídas por homens.”, presente na imagem que compõe a publicação. Pelo fato de a imagem que faz parte do *post* ser a captura de tela de um *tweet*, há, também, enunciados verbais que revelam o *user* de quem fez a publicação (@Lesbicapeta), bem como seu *nickname* (Mua ha) e o sistema operacional utilizado para publicar o texto (*Twitter for Android*), além da data e do horário da publicação original (16:43 . 9 jun 19).

Aqui, estamos diante de uma estratégia dos militantes LGBTQIA+ que já vimos ocorrer no *post* 2. Diferente dele, não há, nesse caso, *links* que redirecionam o leitor para a publicação original, mas todos os elementos entregam ao usuário do *Facebook* a possibilidade

de buscar a publicação original desse *tweet*, seja para conferir a sua veracidade ou até mesmo para interagir e se engajar com o assunto em uma outra rede social digital, caso seja de sua vontade ou preferência. Isso indicia (com base na análise dos dois *posts* citados) uma divulgação velada, por parte dos moderadores das páginas *Quebrando o Tabu* e *Cartazes & Tirinhas LGBT*, de outras páginas e de outros perfis que defendem ou simpatizam com a causa LGBTQIA+, conferindo aos leitores das publicações outros caminhos para se aprofundar no assunto ou para apoiar pessoas que ajudam, de alguma forma, na luta do movimento.

Nessa publicação, percebemos, também, que, além dos próprios enunciados verbais já revelarem que o texto presente na imagem que compõe o *post* é um *tweet*, a configuração visual do texto também ratifica que se trata desse gênero discursivo digital. A forma como cada informação está disposta na imagem é característica da estrutura retórica básica de um texto publicado na rede social digital *Twitter*, como mostram Azevedo, M. Pereira e Ayres (2021). Isso posto, muitos usuários são capazes de reconhecer que o núcleo do *post* é o conteúdo do *tweet*; porém, mesmo os que não conseguem, por não conhecerem o *Twitter*, percebem que todas as informações adicionais são apenas detalhes técnicos do suporte da postagem original, os quais não exercem grande influência sobre o objetivo interacional dos moderadores da página *Cartazes & Tirinhas LGBT*.

Com isso, no terceiro *post* LGBTQIA+ que analisamos, constatamos que, assim como nos *posts* anteriores, o núcleo da publicação, seu enunciado principal, figura com uma fonte que apresenta cor e tamanho diferentes de todo o restante da postagem. Novamente, então, essa estratégia hipertextual é utilizada pelos militantes do movimento, ainda que de forma indireta, haja vista que, originalmente, ela foi utilizada pela pessoa que publicou o *tweet*.

Dado o exposto sobre a multiplicidade de linguagens contidas no *post* 3, ressaltamos que, diferentemente dos *posts* 1 e 2, que contam com divisões dos enunciados verbais em blocos de texto, os quais fazem uso de cores, formas geométricas e/ou cenas ilustradas, a publicação retratada na figura 19 apresenta ao usuário do *Facebook* algo menos editado, mais objetivo. Entretanto, de forma alguma isso parece ser um problema, ao menos nesse caso. O fato de a página *Cartazes & Tirinhas LGBT* se valer de uma captura de tela de um gênero digital presente em outra rede social apenas demonstra que os seus moderadores julgam aquele *tweet* como um texto satisfatório para o que pretendem dissertar/discutir em seu perfil, de modo que não há necessidade de incrementá-lo de nenhum modo. Assim, ocorre um fenômeno parecido com o do *post* 2, da página *Quebrando o Tabu*, analisado nesta dissertação. Desse modo, mesmo que sejam páginas diferentes, com objetivos diferentes e

posts publicados em anos diferentes (o *post* 2, da página *Quebrando o Tabu*, é de 2020, e o *post* 3, da *Cartazes & Tirinhas LGBT*, é de 2019), percebemos que algumas estratégias de hipertextualização da militância LGBTQIA+ costumam se repetir no *Facebook*.

Já a intertextualidade infinita se revela no *post* 3 por meio da relação explícita existente entre o *post* e o *tweet*. Ao se valer da captura de tela de uma publicação feita por um usuário do *Twitter*, novamente, o que encontramos, aqui, é uma citação direta. Para Rodrigues (2005, p. 175), “os movimentos dialógicos de assimilação e de distanciamento ‘marcam-se’ pelas diferentes estratégias de enquadramento e de citação do discurso do outro”. Isso posto, é interessante observar que, mesmo não havendo aspas para que a citação direta seja marcada no *post*, a imagem, por si só, já revela esta estratégia na argumentação a favor da militância LGBTQIA+: utilizar citações no discurso que constrói para ratificá-lo e legitimá-lo.

É válido ressaltar a influência das forças sociais sistematizadoras acerca da captação e compreensão do discurso de outrem. Conforme Volóchinov (2018), é preciso considerar que, quando a recepção e o entendimento do discurso de outrem ocorre, esse processo é realizado não por um ser inerte, que não age de forma consciente sobre os dizeres do outro, mas sim por um sujeito repleto de pontos de vista axiológicos que permitem que ele ocupe um lugar único no mundo. É isso que confere ao enunciado o seu entendimento, como comprovamos na figura 19: o indivíduo, ao se deparar com uma captura de tela de *tweet* dentro de um *post*, sem nenhuma legenda indicativa, é capaz de inferir que aquela é a opinião dos moderadores da página e que o texto é considerado por eles como autossuficiente, a ponto de não necessitar ser feita qualquer contextualização acerca dele.

É sob essa perspectiva que Volóchinov (2018, p. 255) pontua que “entre o discurso alheio e o contexto da sua transmissão existem relações complexas, tensas e dinâmicas, sem as quais é impossível compreender a forma de transmissão do discurso alheio”. Assim, no caso do *post* 3, a compreensão do conteúdo da publicação por parte dos usuários e o objetivo interacional dos moderadores da página só se realizam plenamente se o público espectador associar que a página *Cartazes & Tirinhas LGBT* trata de assuntos relacionados à comunidade LGBTQIA+ e se posiciona axiologicamente a favor das pautas desse movimento. Isso posto, ainda que a página não tenha deixado explícito em nenhuma parte do *post* que coaduna com aquela opinião, é possível inferir que ela concorda com tudo o que foi dito no *tweet* citado. A situação seria diferente, por exemplo, se esse mesmo *tweet* compusesse um *post* de alguma página que é assumidamente contra o movimento LGBTQIA+, pois o objetivo interacional muito provavelmente seria o de ridicularizar a comunidade.

No caso do *post* 3, além dessa variável de compreensão, que reclama do leitor o conhecimento de que a *Cartazes & Tirinhas LGBT* é uma página que milita acerca das causas LGBTQIA+, há outro ponto importante e que merece atenção: a compreensão do conteúdo do *post* em si. Retomando o núcleo da publicação, temos o enunciado “Chamar a si mesma de lésbica quando você está namorando um homem trans é transfóbico, lesbofóbico e é apagamento bissexual, tudo em uma coisa só. Não faça isso. Os homens trans são homens, as lésbicas não são atraídas por homens.” Como dissemos anteriormente, esse texto se apresenta no *post* a partir de uma captura de tela da rede social *Twitter* — interface na qual ele foi publicado —, sozinho, sem legenda ou qualquer explicação das terminologias usadas. Isso pode ter dificultado o seu entendimento por parte de alguns usuários, como podemos notar nos comentários presentes na figura 20, abaixo.

Figura 20 — Comentários presentes no *post* 3 que discute orientação sexual com base em relacionamentos entre pessoas cisgênero e transgênero



Fonte: Página *Cartazes & Tirinhas LGBT* no Facebook⁹³

⁹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/CartazesLGBTAIQ/photos/1987814644651688>. Acesso em: 4 jun. 2021.

O primeiro comentário com o qual nos deparamos ao olhar para a figura 20, na parte superior esquerda da imagem, é de alguém que diz não ter entendido nada do que leu. Esse comentário é reforçado logo em seguida por outro usuário que concorda com o primeiro e diz “Também não”. Aqui, a atitude responsiva dos sujeitos é uma negativa, um *feedback* ruim para a página, pois, por algum motivo — o qual será comentado por nós posteriormente —, as estratégias hipertextuais utilizadas pela *Cartazes & Tirinhas LGBT* não funcionaram para algumas pessoas no que diz respeito ao objetivo interacional planejado, qual seja, discutir orientação sexual a partir de relacionamentos LGBTQIA+centrados e conscientizar a sociedade de que existe diferença entre identidade de gênero e orientação sexual.

A partir desses comentários, nos quais dificuldades de compreensão são relatadas, outros usuários entram em cena, também nas caixas de comentário, para tentar explicar o que, de fato, a postagem estava tentando defender. O primeiro deles afirma: “Basicamente está dizendo que quando você namora um homem trans e se diz lésbica você está basicamente sendo de certa forma indiferente a condição de que ele é um homem e lésbicas não são atraídas por homens”. O segundo pontua: “Tá querendo dizer que se uma mulher namora com um homem trans e não sente atração por mulheres, ela não é lésbica e nem bissexual. Identidade de gênero é diferente de orientação sexual.”. Já o terceiro salienta: “Resumindo, relacionamento entre trans e hétero é relacionamento hétero.” Ao observarmos esses enunciados, percebemos que eles reformulam o conteúdo do *post*, destacando algumas partes mais complexas da discussão, como a visibilidade trans e o conceito da orientação sexual lésbica. Em todos esses casos, o que ocorre é uma retextualização⁹⁴ do *tweet*.

Nesse caso, o interessante é observar que cada usuário tenta ajudar os leitores que não compreenderam o *post* mediante a sumarização de algum ponto do *tweet*, realizada por meio do apagamento de outros trechos. A primeira resposta foca no fato de que homens transexuais não são inferiores a homens cisgêneros heterossexuais. A segunda, por sua vez, ressalta o fato de que identidade de gênero e orientação sexual são duas coisas diferentes e precisam ser tratadas de modo particular. Já a terceira resume a discussão, afirmando que um relacionamento entre uma pessoa trans e uma pessoa heterossexual continua sendo um relacionamento heterossexual (apesar de não ser ciscentrado).

Logo, o fracionamento e o redirecionamento da proposta de tópico sugerida pelo *post* são dados que merecem ser considerados. Tais atitudes são tomadas por seus comentaristas, a

⁹⁴ Segundo Matencio (2002, p. 111), “[...] retextualizar é produzir um novo texto a partir de um texto base, pressupondo-se que essa atividade envolve tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade. [...]”.

fim de que todos os que lessem a publicação e não a entendessem pudessem checar os comentários e, assim, compreender os temas abordados por ela em sua plenitude. Desse modo, as produções de sentido acerca do *tweet* que compõe a imagem da postagem começam a ser influenciadas por minudenciamentos instauradas nas caixas de comentário, as quais são espaços de dialogicidade. Esse fato confirma a importância da atividade interativa, citada pelos teóricos bakhtinianos, na constituição de resposta a enunciados anteriores com os quais mantém uma rede de sentidos a serem compreendidos pelo leitor.

Vale ressaltar, ainda, que essas retextualizações, que acabam se tornando uma extensão do *post*, além de, mais uma vez, revelarem uma possível coautoria entre página e usuários, também apresentam outra característica curiosa: os comentários e as réplicas se complementam, e a escrita, nesse caso, parece ser conjunta, isto é, o diálogo mantido pelos usuários por meio das caixas de comentário — nas tentativas de compreensão e explicação do texto fonte — estão espalhadas por todo o processo de escrita dessa nova parte do *post*. Esse detalhe não será esmiuçado aqui, mas pretendemos analisá-lo em trabalhos futuros.

O *tweet*, como mostram Azevedo, M. Pereira e Ayres (2021), apresenta, em sua construção composicional, uma limitação de 280 caracteres por postagem. Assim, o texto da publicação citava lesbofobia, transfobia e apagamento bissexual — termos bastante específicos, utilizados mais comumente pela militância LGBTQIA+ do que pela população geral — e associava tudo isso a um único ato, sem, no entanto, mostrar como cada uma dessas atitudes se revelam nesse ato, possivelmente por não ter espaço para discorrer mais sobre o assunto⁹⁵, ou até por causa do público que segue esse perfil no *Twitter*. Talvez a *Cartazes & Tirinhas LGBT* tenha achado o *tweet* autossuficiente por ela ser uma página que se propõe a (r)existir majoritariamente para produzir conteúdo direcionado às pessoas LGBTQIA+, que não apresentariam, em tese, dificuldades para inferir o que não estava esmiuçado no texto. No entanto, como já dissemos, a ubiquidade, inerente a qualquer hipertexto on-line, faz com que este alcance lugares e públicos variados. Nesse sentido, muitas pessoas que desconhecem as minúcias da causa (sejam elas pessoas cisgênero e heterossexuais, ou até mesmo pertencentes à comunidade LGBTQIA+, mas não engajadas com a militância) podem ter contato com uma publicação desse tipo e apresentar dificuldades de assimilação.

Tudo isso ocorre, também, do lado direito da figura 20. O primeiro comentário, disposto na parte superior da imagem, faz um resumo de conceitos caros ao movimento

⁹⁵ Azevedo, Pereira e Guerra (2020) discorrem acerca de algumas estratégias de adequação ao limite de caracteres no gênero discursivo digital *tweet*, como a *thread*, o *link* e a imagem somada ao texto, mas o perfil @Lesbicapeta, nessa postagem, não utiliza nenhuma dessas táticas, o que faz com que o *tweet* fique limitado ao trecho escrito.

LGBTQIA+ e que são importantes para o entendimento geral do *post*, quais sejam, *identidade de gênero*, *orientação sexual* e *cisgênero*. Além disso, o usuário que postou o comentário reforça: “Uma mulher namorar um homem trans, não faz dela lésbica/bi. Um homem namorar uma mulher trans, não faz dele gay/bi.” Em resposta a isso, outro usuário comenta que ainda tem muito a aprender, ratificando o fato de que não conhecia esses termos e deixando indícios de que também não havia entendido o *post*. O autor do primeiro comentário, então, conforta-o, ao dizer que nunca é tarde para isso, enquanto um terceiro usuário se choca ao notar que ainda existem pessoas que não sabem a diferença entre *gênero* e *sexualidade*.

Esse diálogo firmado entre usuários de *Facebook*, por meio de caixas de comentários em *posts* LGBTQIA+, revela que os sujeitos presentes nessa cena enunciativa são seres ativos e reflexivos e, assim, procuram participar no/do discurso do outro, seja para concordar, para ajudar, para criticar etc. O gênero *post* de *Facebook*, portanto, sob uma lente didática, se mostra produtivo para as discussões sobre a temática LGBTQIA+, pois, ainda que haja um *post* como esse, em que as informações não sejam dispostas da maneira mais didática possível, as relações que os sujeitos estabelecem com ele corporificam suas posições socio-históricas e político-ideológicas e geram interlocuções que enriquecem o debate do assunto, dado que os usuários do *Facebook* são agentes dialógicos que estão vinculados às particularidades dos encontros que um *post* é capaz de proporcionar.

O quarto e último *post* que analisaremos foi retirado também da página *Cartazes & Tirinhas LGBT*. A publicação foi feita em 14 de junho de 2020, um ano e cinco dias após o *post* 3, e faz parte de uma série de postagens temáticas de informação sobre identidades menos conhecidas e/ou comentadas na comunidade LGBTQIA+ (e, consequentemente, na sociedade em geral). De modo específico, o *post* selecionado, que exibimos na figura 21, abaixo, faz considerações sobre a transgeneridade.

Figura 21 — *Post (4) que discute o que é a transgeneridade*



Fonte: Página *Cartazes & Tirinhas LGBT* no Facebook⁹⁶

A figura 21 revela que o *post 4* faz parte de um projeto da página *Cartazes & Tirinhas LGBT* para o mês do orgulho LGBTQIA+, no qual várias identidades da comunidade (isto é, várias letras da sigla LGBTQIA+) são minudenciadas. Como a própria legenda do *post* salienta, a página gostaria de contar com o apoio de todas as pessoas trans para contribuir com a publicação, compartilhando informações, relatos e desabafos. Em resumo, a ideia do *post* é discorrer acerca da transgeneridade e abrir espaço para que pessoas transgênero falem de suas vivências e complementem a postagem com informações que estiverem faltando, pois o foco da *Cartazes & Tirinhas LGBT*, de acordo com a biografia/descrição da própria página, é introduzir o tema da maneira mais didática possível, haja vista que a sociedade, no geral, não conhece de perto a realidade de uma pessoa transgênero e, por essas e outras questões, costuma reforçar, sempre que pode, uma visão preconceituosa, desinformada e estereotipada desses sujeitos. Dada essa realidade, tão comum no Brasil e no mundo, antes de discorrermos acerca das estratégias hipertextuais utilizadas pelos moderadores da página para abordar o assunto, trataremos de alguns conceitos caros à visibilidade trans.

Segundo a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2010), *transgênero* é uma pessoa cuja identidade de gênero ultrapassa as definições mais convencionais de sexualidade. Assim, travestis e transexuais são transgênero por definição. Nesse sentido, *transsexual*, conforme Reis (2018), é o sujeito que tem uma

⁹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/CartazesLGBTAIQ/photos/2708561075910371>. Acesso em: 7 jun. 2021.

identidade de gênero diferente do sexo biológico designado a partir do seu nascimento. As pessoas transexuais podem ser homens ou mulheres que buscam se expressar⁹⁷ na identidade de gênero sob a qual se reconhecem. A pessoa *não binária*, por sua vez, conforme Reis (2018), sente que sua identidade de gênero não pode ser demarcada pelas limitações da binariedade, considerando o gênero como algo que transcende a simplista identificação como “homem” ou “mulher”. Há, ainda, a expressão *travesti*⁹⁸, a qual, na visão de Reis (2018), é uma construção de gênero feminino, diferente do sexo biológico masculino, acompanhada de uma construção física de cunho permanente, que se mostra na vida social, familiar, cultural e interpessoal por meio dessa identidade. Há um grupo dentro desse segmento que se autoafirma “travestis”.

O *post 4*, em sua construção, utiliza como imagem um cartaz de divulgação de *Pose*, série de televisão americana dramática que retrata o cenário LGBTQIA+ afro-americano e latino-americano de Nova Iorque entre os anos de 1980 e 1990. A produção apresenta ao espectador a cultura *ballroom*⁹⁹, na qual os personagens em destaque são dançarinos e modelos que competem por troféus. Eles se apoiam em uma rede de famílias escolhidas conhecidas como Casas, para lidar com os preconceitos e injúrias daquela época. Criada por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals, a série foi transmitida originalmente, entre 3 de junho de 2018 e 6 de junho de 2021, no canal FX e contou com uma quantidade considerável de atores LGBTQIA+, sendo a série com maior elenco trans da história da televisão mundial. As atrizes MJ Rodriguez, Indya Moore, Hailie Sahar, Angelica Ross e Dominique Jackson foram selecionadas para serem protagonistas de *Pose* em uma avaliação que durou seis meses.

⁹⁷ Algumas pessoas trans valem-se de tratamentos médicos, que vão desde uma terapia hormonal até a cirurgia de redesignação sexual. Vale ressaltar, no entanto, que uma considerável parcela de pessoas trans não é adepta a esses tipos de tratamento (seja por vontade própria ou por falta de poder aquisitivo para realizar tais procedimentos), o que de nenhuma forma as descaracteriza como sujeitos trans.

⁹⁸ Por muito tempo, o termo foi historicamente tido como pejorativo, mas, nos dias hodiernos, a palavra “travesti” granjeou um teor político.

⁹⁹ De acordo com Berte e Martins (2014, p. 868-869, grifos dos autores), “surgida e popularizada nos clubes gays dos Estados Unidos na década de 80, no ambiente da chamada *ball culture* (cultura do show, do baile), a dança Vogue está documentada no filme ‘Paris is Burning’ (1990), dirigido por Jennie Livingston. No filme, a *ball culture* pode ser vista numa cena específica, underground, que misturava desfile de moda, dança e competição. [...] Entre as categorias de premiação que estruturavam os shows e desfiles da *ball culture* estavam: ‘moda parisiense’, ‘estilo executivo’, ‘roupa esportiva’, ‘corpo gostoso’, ‘estilo colegial’, ‘campo e cidade’, ‘travesti vestida pela primeira vez’, ‘estilo militar’, ‘traje alta costura para a noite’ e ‘estilo realismo’ [...]. Uma das categorias era a dança ‘Vogue’, que simulava batalhas nas quais os participantes ousavam nas poses, passos e sequências coreográficas, buscando mostrar-se melhor aos adversários e jurados. Conforme mostra Livingston (1990) em ‘Paris is Burning’, esses concursos eram abertos a todos, negros, brancos, gays, pobres, gordos, magros etc. [...]”.

Todas são mulheres trans, que interpretam personagens muito semelhantes com sua própria realidade, estando a última presente no nosso *post*, como veremos posteriormente.

Diante da quantidade expressiva de detalhes que envolve a transgeneridade, o *post* 4 se vale de recursos hipertextuais para tratar do assunto e alcançar o maior número possível de pessoas com informações relevantes sobre o tema, as quais podem desmistificar muitos tabus que a sociedade como um todo possui em relação às pessoas trans.

No que diz respeito à convergência de linguagens, no *post* em questão, observamos os enunciados verbais “POSE” (nome do seriado ao qual ele se refere), “6.3” (data de estreia mundial da série) e “FX” (canal norte-americano de televisão por assinatura da *Walt Disney Television*), presentes na imagem que compõe a publicação. Além deles, há enunciados verbais, também, na legenda da imagem que está em destaque no *post*, como podemos ler a seguir:

[MÊS DO ORGULHO]

AVISO: Esses posts podem conter comentários e argumentos ofensivos. Por favor não leia se isso pode te fazer mal.

Dando continuidade aos meus posts temáticos de informação sobre identidades menos conhecidas na comunidade LGBTQ+, hoje é o post das pessoas trans!

Gostaria de contar com o apoio de todas as pessoas trans para contribuir com esse post com informações, relatos e desabafos, esse post é para vocês falarem de suas vivências e complementar o que quer que esteja faltando aqui, pois meu foco é uma leve introdução sobre os temas da maneira mais didática possível.

O que é transgeneridade?

Pessoas transgênero são pessoas que se identificam com gêneros diferentes do que lhes foram atribuídos ao nascer. Quando nascemos, somos classificados como menino ou menina de acordo com nossos genitais, logo, é uma pessoa trans toda aquela que não é menino quando foi considerada menino ao nascer e que não é menina quando foi considerada menina ao nascer.

Conceitos errôneos sobre pessoas trans

“Trans são doentes”: Tudo que foge da norma é visto como doença, inclusive a homossexualidade também já foi considerada doença e muitos profissionais da saúde ainda a tratam como tal.

“Mulheres trans são homens gays e homens trans são lésbicas”: Identidade de gênero e orientação sexual não têm ligação nenhuma. Tanto é verdade que existem mulheres trans lésbicas e homens trans gays (ou de qualquer outra orientação).

“Trans não existiam antigamente”: Há registro de pessoas trans de séculos atrás. Pessoas trans sempre existiram.

“Trans odeiam seus corpos”: É verdade que muitas pessoas trans sofrem com disforia e podem necessitar de assistência médica para que possam realizar hormonização e cirurgia. Entretanto, pessoas trans não são obrigadas a se odiarem ou não terem momentos de auto-estima. A sociedade vê corpos trans como tabu, como errados e feios, e obviamente, isso pode afetar, mas pessoas trans podem ter auto estima [*sic*] e amar seus corpos, mesmo antes de qualquer procedimento.

“Trans nasceram no corpo errado”: Trans nascem com seus corpos e eles são perfeitos. A sociedade, entretanto, lhes atribui um gênero e é com esse gênero e essa identificação que pessoas trans não concordam, que não se identificam.

“Trans precisam de hormonização e cirurgia para serem trans”: Primeiramente, nem todas as pessoas trans têm condições socioeconômicas e/ou de saúde para realizar tais procedimentos e isso caracteriza grande parte da população trans, frequentemente pobre e marginalizada. Segundamente, nem todas as pessoas trans sentem disforia e/ou necessidade de realizar hormonização e cirurgia (às vezes querem um desses e às vezes nenhum) e isso também não as faz menos trans.

“Só existem dois gêneros”: A ideia de binaridade (marcada pela existência de apenas homem e mulher) é na verdade um conceito cristão e europeu, pois diversas culturas, religiões e sociedades, em diferentes tempos, tinham sistemas com identidades de gênero múltiplas e diferentes. Gênero nada mais é do que uma construção social, ele está atrelado ao sistema, cultura e tempo de uma determinada sociedade.

Alguns termos para conhecer!

Ø Mulher trans: Mulher que ao nascer foi considerada “homem” devido a seus genitais. Mulheres trans nascem mulheres e não precisam ser tipicamente femininas.

Ø Homem trans: Homem que ao nascer foi considerado “mulher” devido a seus genitais. Homens trans nascem homens e não precisam ser tipicamente masculinos.

Ø Pessoa não binária: Pessoa que foi considerada “homem” ou “mulher” ao nascer e não se identifica inteiramente com nenhum desses gêneros isoladamente. Não binários nascem não binários, não são necessariamente sem gênero e não precisam ser andróginos (aparência ambígua, mesclando feminino e masculino). Nem todas as pessoas não binárias usam termos neutros.

Ø Travesti: Identidade feminina tipicamente latina. Travestis podem se identificar como mulheres, pessoas não binárias ou qualquer outra identidade, algumas se consideram como terceiro gênero por exemplo. É uma identidade extremamente política e histórica, merecendo todo respeito da comunidade. Travestis são pessoas que são consideradas "homens" ao nascer por causa dos seus genitais. Travestis também não precisam ser tipicamente femininas.

Orgulhem-se camaradas trans!

Imagens: Pôster da série “Pose”. A série trata sobre a temática negra e queer norte-americana e conta com um elenco incrivelmente diverso. Fica também a recomendação!”

Nesse caso, ao contrário dos três posts anteriores, a legenda se configura como núcleo do *post*, no qual encontramos os argumentos mobilizados pelos moderadores da página para embasar seus objetivos interacionais, dentre os quais destacamos a definição de transgeneridade e a desmistificação de algumas ideias do senso comum presentes no discurso de muitas pessoas que desconhecem as particularidades do ser transgênero. Pela primeira vez, então, após analisarmos três *posts* que apresentavam estratégias parecidas de destaque ao enunciado principal da publicação, o qual sempre figurava contido em uma imagem que compunha o *post*, eis que nos deparamos com uma tática diferente de todas elas: dessa vez, o texto verbal, presente na legenda, é mais extenso, mais profundo e dialoga de uma forma mais complexa com a figura presente na postagem, pois notamos que a escolha do pôster de divulgação da série *Pose* também foi engenhosa.

Como a página buscou dissertar acerca dos sujeitos transgênero, a imagem selecionada para compor o *post* se ajustou e serviu a todo o texto escrito na legenda da publicação; afinal, Dominique Jackson, que está estampada na imagem, é uma mulher trans americana conhecida por seus trabalhos como modelo, escritora e atriz, sendo este último o mais ovacionado de sua trajetória, principalmente após a sua atuação na série *Pose* como *Elektra Abundance*. No entanto, o destaque do *post* não é a imagem, mas sim a legenda.

Isso provavelmente se deve ao fato de que esse extenso texto não caberia em uma imagem; então, como o *Facebook* oferta ao usuário um espaço de escrita de até 63.206 caracteres nas legendas das postagens¹⁰⁰, os ativistas LGBTQIA+ utilizaram desse recurso para engendrar o *post* mais completo possível sobre o assunto. Essa mesma estratégia, inclusive, foi utilizada em toda a série de publicações temáticas de informação sobre identidades menos conhecidas na comunidade LGBTQIA+, citada anteriormente, que fazem parte de um projeto da página *Cartazes & Tirinhas LGBT* pensado exclusivamente para o mês do orgulho LGBTQIA+, no qual orientações sexuais e identidades de gênero sortidas são minudenciadas em seu perfil. Como exemplo, podemos visualizar a figura 22, abaixo, e o *post* contido nela, o qual pertence ao projeto supracitado.

¹⁰⁰ Informação retirada da plataforma de gerenciamento de redes sociais *Sprout Social*. Disponível em: <https://sproutsocial.com/pt/>. Acesso em: 24 jun. 2021.

Figura 22 — *Post da série Mês do Orgulho LGBT, da página Cartazes & Tirinhas LGBT, que retrata as particularidades envolvidas na assexualidade*



Fonte: Página *Cartazes & Tirinhas LGBT* no Facebook¹⁰¹

Para além disso, na imagem que compõe o *post* 4, temos três cores que nos chamam bastante a atenção: azul, rosa e branco. Essas cores constituem a bandeira do orgulho trans, como veremos nas próximas páginas, o que mostra que a coloração da figura foi considerada minuciosamente, para que o conteúdo verbal do *post* dialogasse com ela. Essa estratégia de significado simbólico figura em nossa análise já pela segunda vez, pois, no *post* 1, a mesma tática foi utilizada pelos ativistas LGBTQIA+ da página *Quebrando o Tabu* para atingir um objetivo interacional (as cores da bandeira bissexual foram utilizadas na criação de um *post* sobre a visibilidade bissexual).

Não obstante, a imagem, como um todo, chama a atenção do usuário do *Facebook* para aquela publicação, principalmente se ele for fã da série ou se tiver ouvido falar nessa produção audiovisual, pois, ao se deparar com o *post*, ele começará a ler a legenda da imagem e terá acesso — ainda que desista do texto ao se deparar com o título — a (parte da) sua temática, o que demonstra a sagacidade da construção dessa postagem.

Outro ponto relevante e que merece destaque é o fato de o usuário conseguir identificar, no *post*, um símbolo que aparece algumas vezes no texto presente na legenda da imagem: trata-se do sinal de conjunto vazio (“ $\emptyset$ ”), que, na área da Matemática, mais

101

Disponível em:
<https://www.facebook.com/CartazesLGBTAIQ/photos/a.2710893949010417/2703298973103248/>.
Acesso em: 28 jun. 2021.

especificamente na teoria dos conjuntos, representa o único conjunto que não possui elementos. Diz-se, inclusive, que o seu tamanho ou cardinalidade é zero. No caso do *post*, o símbolo funciona como um marcador de tópicos, tal como um asterisco ou uma seta, para separar os termos “mulher trans”, “homem trans”, “pessoa não binária” e “travesti”, mas não somente isso: tropologicamente, ele alude à realidade dessas pessoas, as quais são invisibilizadas e consideradas como “nada”, “zero”, pela sociedade no geral, incluindo uma grande parcela da comunidade LGBTQIA+, que não aceita ou considera alguns dos próprios membros do seu grupo como inferiores.

Assim, mais uma vez, em *posts* de militância LGBTQIA+, o que podemos notar são o verbal e o visual casados, articulados em um enunciado complexo em construção, de modo que texto e imagem se organizam em um único plano de expressão. Esses textos verbo-visuais são utilizados pelos militantes para provocar o leitor, que, sendo capaz de perceber a materialidade verbo-visual de um enunciado como sólida e para conceber os sentidos engendrados por ele, pode responder ao discurso lido, de modo (cri)ativo.

Essa convergência de linguagens que ocorre em um *post* LGBTQIA+ evidencia o quão necessário é estarmos despertos para o manuseio das tecnologias digitais de informação e comunicação como artefatos não somente técnicos, mas, sobretudo, de cunho social. Diante desses sortidos comportamentos comunicativos que o sujeito tem a possibilidade de adotar para hipertextualizar o ativismo LGBTQIA+, texto e discurso militante têm se adaptado, reconfigurado e harmonizado no interior das interações virtuais em *posts* de *Facebook*.

Exemplo disso é a intertextualidade infinita, que, por sua vez, pode ser apreciada nesse *post* por meio de dois pontos principais: 1) a relação entre o texto verbal e as cores presentes na imagem que compõe o *post* e 2) a relação entre o texto verbal e a foto de uma mulher trans.

Primeiramente, ao fazer uso de uma imagem que apresenta como cores principais o azul, o rosa e o branco, o *post* em questão faz referência à bandeira do orgulho trans. Do mesmo modo que as comunidades LGBTQIA+ mais numerosas do planeta elegeram suas bandeiras próprias, assim como a bandeira do arco-íris, que abarca todos os sujeitos LGBTQIA+, as organizações transgênero também o fizeram e, desde 1990, são amplamente representadas pela bandeira azul, rosa e branca, projetada por Monica Helms, mulher trans estadunidense.

Figura 23 — Bandeira do Orgulho Trans

Fonte: *Site* da deputada Luciana Genro¹⁰²

Segundo Helms (2017), em entrevista ao *site BuzzFeed News*, as listras na parte superior e inferior da bandeira são coloridas de azul porque esta é tradicionalmente considerada “a cor de meninos”. Já as listras posteriores a elas (de cima para baixo e de baixo para cima) são coloridas de rosa, cor canonicamente considerada feminina. Por sua vez, a faixa do meio é colorida de branco para abarcar, assim, aqueles que estão em transição, são intersexo ou consideram ter um gênero neutro ou indefinido. Portanto, essas cores, ao aludirem à bandeira trans, representam mais um elemento estratégico reforçador do conteúdo temático do *post*. Desse modo, a intertextualidade se estabelece, aqui, assim como no *post* 1, por meio de um recurso multimodal: o uso de cores na enunciação.

Nesses *posts*, a cor não exerce somente o papel de componente de estética ou de decoração, mas também de argumento discursivo, que está diretamente ligado à expressão de valores sensoriais preponderantes no potencial comunicativo de uma imagem, isto é, há um impacto fornecido pela cor. Assim sendo, a relevância da cor se torna um elemento fundamental na construção e na propagação da temática abordada pelos *posts*, e o impacto gerado por elas vai além dos limites demarcados pela língua. Nessas publicações, portanto, as cores são utilizadas como estratégias para fortalecer os objetivos interacionais dos autores.

Já no que concerne à relação entre texto verbal e foto de uma mulher trans, o *post* 4 apresenta intertextualidade, também, ao publicar, juntamente com o enunciado verbal disposto na legenda, a imagem de Dominique Jackson, atriz que interpreta uma das personagens mais queridas da série *Pose*, também citada na imagem do *post*. A presença de Dominique na publicação é não só significativa, mas também representativa, haja vista que a postagem busca explicar o fenômeno da transgeneridade e estrategicamente insere a foto de uma mulher trans para atingir, em conjunto com todos os outros elementos do *post*, esse objetivo interacional.

¹⁰² Disponível em: <https://lucianagenro.com.br/2021/01/luciana-genro-cobra-prefeitura-sobre-verbas-para-ambulatorio-trans-de-porto-alegre/>. Acesso em: 7 jun. 2021.

Isso posto, é necessário salientar que apreender o sentido de um texto reclama do indivíduo a análise de todos os elementos ligados ao seu processo de engendramento, como lembra A. Araujo (2014). Os textos de distintas modalidades e semioses, de acordo com a autora, têm uma sistematização muito particular por meio da qual o sentido é veiculado. A multimodalidade presente nesse *post* de militância LGBTQIA+, por exemplo, prova essa teoria, uma vez que exige do usuário do *Facebook* competências ainda mais complexas e conhecimentos de mundo e partilhados ainda mais vastos, para que nenhuma informação passe despercebida e o texto seja entendido em sua plenitude.

Sob a ótica sociocognitiva, ligada ao entendimento de contextos como construtos cognitivos particulares dos sujeitos e por eles (trans)formados conforme a interação, o texto é tomado como um evento de interação, em que os conhecimentos (com)partilhados pelos integrantes desses eventos apropriam-se e encarregam-se de um papel crucial na produção e apreensão dos sentidos. Assim, a partir de variadas situações experienciadas e de conhecimentos (com)partilhados cultural e socialmente, segundo A. Araujo (2014), o indivíduo constrói em sua mente um ajuntamento textual que viabiliza a ele acionar a memória para compreender distintos tipos de textos em certas situações (socio)comunicativas, assim como ativá-los para formar seus próprios discursos. Esse compartilhamento de conhecimentos possibilita ao usuário da língua tanto criar como interpretar textos dotados de heterogêneas semioses e está diametralmente conectado ao fenômeno da intertextualidade, como podemos notar na relação estabelecida entre texto e imagem no *post* 4.

Aqui, a estratégia de uso da imagem de Dominique Jackson é importante para o *post* porque ela é uma mulher trans, que, indo na contramão do que (vi)vemos atualmente, é ovacionada pelo público da série *Pose*. Esse dado conversa diretamente com a oração imperativa “orgulhem-se, camaradas trans”, presente no final do texto.

Vale ressaltar que esse tipo de estratégia, de uso da representatividade para o alcance de objetivos interacionais, está cada vez mais sofrendo tentativas de censura, sobretudo no âmbito publicitário. Exemplo disso é o Projeto de Lei (PL) nº 504/20, proposto pela deputada Marta Costa, do PSD (Partido Social Democrático) na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP), em 5 de agosto de 2020. Esse PL, como consta no próprio *site* da ALESP¹⁰³, tem como objetivo proibir “a publicidade, através de qualquer veículo de comunicação e mídia de material que contenha alusão a preferências sexuais e movimentos sobre diversidade sexual relacionados a crianças no Estado”, ou seja, censurar pessoas pertencentes ao grupo

¹⁰³ Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000331594>. Acesso em: 30 jun. 2021.

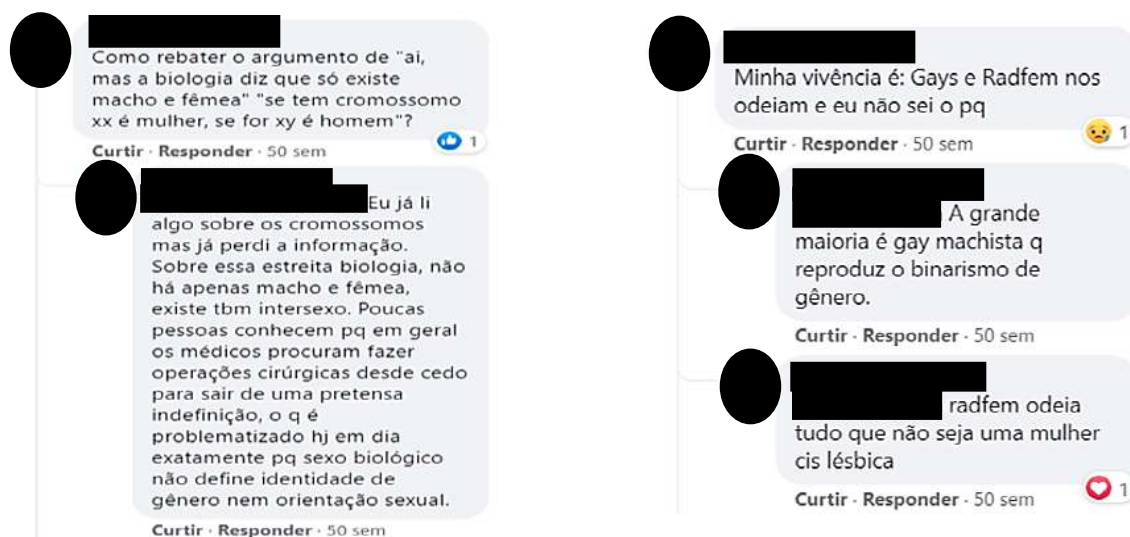
LGBTQIA+ que protagonizem ou coadjuvem publicidades. A explicação para o projeto é que esse tipo de questão pode gerar desconforto emocional para várias famílias, além de ser imprópria, pois pode exercer influência na formação de adolescentes e jovens.

Após repúdio da sociedade civil, a ALESP decidiu, em 28 de abril de 2021, aprovar uma emenda, proposta pela deputada Érica Malunguinho, que tenciona realizar modificações no conteúdo do projeto, sugerindo que, em vez de censurar publicidades com referência à diversidade sexual e de gênero, a lei desautorize “material que contenha alusão a drogas, sexo e violências explícitas relacionada a crianças”, como é citado pela *CNN Brasil*¹⁰⁴. Assim, o PL 504/2020 voltou às comissões da casa para ser analisado mais uma vez e segue sem resolução.

Esse dado é importante porque, com a análise do *post* 4, já percebemos como a estratégia de representatividade se faz relevante para a causa LGBTQIA+, mas não sabemos se isso será proibido e, se sim, quando essa proibição chegará aos domínios do *Facebook* e como ela afetará a produção de *posts* LGBTQIA+.

Diante do exposto, vejamos como esse *post* foi recebido pelos usuários do *Facebook* e quais foram as atitudes responsivas que se sobressaíram em alguns de seus comentários.

Figura 24 — Comentários presentes no *post* que discute a transgeneridade



Fonte: Página *Cartazes & Tirinhas LGBT no Facebook*¹⁰⁵

Na figura 24, notamos, já no primeiro comentário, disposto na parte superior esquerda da imagem, um questionamento: “Como rebater o argumento de ‘ai, mas a biologia diz que só

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/04/28/alesp-retira-da-pauta-pl-que-proibe-publicidade-lgbtqia-apos-emenda-de-deputada>. Acesso em: 30 jun. 2021.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/CartazesLGBTAIQ/photos/2708561075910371>. Acesso em: 7 jun. 2021.

existe macho e fêmea’ ‘se tem cromossomo xx é mulher, se for xy é homem’?”. Em resposta a esse questionamento, um usuário chama essa Biologia de “estreita” e diz que não existe apenas “macho” e “fêmea”, citando os intersexuais para exemplificar o seu ponto de vista e ressaltando que há “algo sobre os cromossomos”, mas que ele não lembra do que se trata.

De acordo com Santos e. Silva (2019), por mais que a Biologia seja determinada pela característica da sistematização, das exposições anátomo-fisiológicas e genética do que pode ser considerado como “masculino” e “feminino”, é factível que outras delimitações sejam consideradas por essa área de estudo. O ponto de vista desses autores sustenta-se no fato de que as configurações cromossômicas XX ou XY, hegemônicas na caracterização do sexo e em seu alinhamento com o gênero, são questionadas quando nos deparamos com sujeitos que figuram fora do alinhamento sexo-gênero. Assim, essas pessoas publicizam diferentes modos de (r)existência(s), os quais são insubordinados à normatividade de gênero e da sexualidade.

Santos e. Silva (2019) pontuam que a Biologia toma as existências e os corpos por elas movidos a partir do verificável, isto é, a partir do que faculta a narrativa binária fundamentada por genes, por uma dada fisiologia hormonal e pela constituição anatômica. Trocando em miúdos, a Biologia ensinada nas escolas geralmente considera os corpos como biologicamente imutáveis, o que gera “[...] uma redução abusiva e um empobrecimento da existência a partir das experiências do gênero e da sexualidade” (SANTOS; SILVA, E., 2019, p. 168-169).

Isso posto, é interessante observar como o ensino conservador de Biologia, que é efetivado no ensino básico, influencia toda a sociedade, a ponto de ele ser usado para justificar preconceitos contra as pessoas transgênero/transexuais/travestis, como aponta o comentário do usuário que denuncia argumentos discriminatórios calcados no binarismo biológico. Por outro lado, é igualmente interessante notar como os ativistas LGBTQIA+ estão atualizados sobre discussões que fogem a esse conhecimento clássico e abordam gênero como uma construção biopsicossocial. Mais interessante ainda é perceber como esse conhecimento, que não consta na imagem ou na legenda do *post*, se faz presente na publicação por meio do diálogo estabelecido entre os usuários do *Facebook* nas caixas de comentário, pois esse tópico específico, contido no tema geral do *post*, só aparece na publicação a partir do engajamento de usuários com ele.

Diante do exposto, podemos concluir que as (inter)ações entre usuários em comentários nesse *post* de *Facebook* apresentam-se como uma coconstrução textual, em que o tema e as estratégias hipertextuais utilizadas pela página *Cartazes & Tirinhas LGBT* reverberam nas contribuições dos usuários que comentam a postagem. É possível considerar, diante disso, que esses usuários produzem, em conjunto, um texto coconstruído, orientado

pela tipologia textual dissertativa, voltada para a argumentação. Com base nesses dados, vemos que, na coconstrução textual materializada nos comentários, o discurso de um sujeito influencia a progressão da interação, instituindo um processo linguístico discursivo norteado pelo dizer do outro.

Isso pode ser verificado, também, nos comentários presentes no lado direito da figura 24, em que um usuário afirma — baseado em suas vivências — que *gays* e “radfem” (feministas radicais) odeiam pessoas trans e que esse ódio não tem uma explicação. Essa constatação é confirmada por outros dois usuários: o primeiro deles defende que homens *gays*, em sua maioria, são machistas e reproduzem o binarismo de gênero; já o segundo pontua que feministas radicais só têm consideração por mulheres cisgênero lésbicas.

Segundo M. Oliveira e Maio (2016, p. 3),

discorrer sobre o machismo é simples e complexo ao mesmo tempo. Simples porque existem vários exemplos práticos na sociedade (ocidental ou oriental), sendo facilmente identificados; e complexo porque demandam estudos científicos, culturais, políticos para escrever com propriedade, além de ser um tema que poucas pessoas conseguem discutir durante um período longo da vida, ou seja, pouco se fala nas escolas e pouco se discute na família [...] de forma emancipadora, humanista, respeitosa [...].

Nesse sentido, dentro do bojo do machismo, encontramos o que podemos chamar de *masculinidade tóxica*. Segundo K. Silva e Tibúrcio (2020), a masculinidade tóxica consiste na disseminação de comportamentos machistas sistematizados em traços de uma manifestação da identidade que ratifica a proposição de que haveria uma exteriorização de gênero regular e precisa para cada sexo. Essa expressão de gênero revelaria uma “subjetividade”, uma identidade, também sólida, que seria binarista: ou masculina ou feminina. É a partir dessa perspectiva que a fala do comentarista em questão surge: seu discurso alude a um posicionamento que já vem sendo discutido atualmente, qual seja, o de que o patriarcado está instalado no coletivo *gay*. Como salienta Javier Bujarrabal em entrevista ao jornal *El País*¹⁰⁶,

Muitos [gays] são machistas, e eu sei disso porque sou ativista LGBT e bissexual e me relaciono muito com eles. Não entendem o movimento feminista como as mulheres entendem. Alguns também têm preconceito contra os gays afeminados. A masculinização física é a norma [...].

¹⁰⁶ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/16/internacional/1542392343_090003.html. Acesso em: 14 jul. 2021.

Nesse discurso, é interessante observarmos a referência ao feminismo, o qual, de acordo com Mendes, Vaz e Carvalho (2015), é um campo constituído fundamentalmente por mulheres, as quais reclamam os seus direitos e denunciam as desigualdades de etnia, classe e, substancialmente, de gênero, alicerçando o processo de formação de uma identidade feminina que tem como escopo a emancipação (tanto social quanto política) do *ser mulher*.

Por conta das demandas existentes, o Movimento Feminista se divide, hoje, segundo Martinez (2021), em várias vertentes. Dentre elas, há a *radical*, que coaduna a ideia de que as mulheres são subjugadas por causa de seus aparelhos reprodutivos e de sua capacidade de reprodução, e se fraciona em outras vertentes, sendo que uma delas rechaça as mulheres transexuais de suas pautas, pelo fato de estas terem nascido biologicamente “homens”.

O pensamento radical alimenta posições críticas a vários pontos da comunidade LGBTQIA+, dentre os quais está a restrição em aceitar as mulheres trans como mulheres. De acordo com Aline Rossi, ativista do tema e autora do blog Feminismo com Classe, em entrevista ao *site UOL*¹⁰⁷, o feminismo radical rejeita a ideia de que ser mulher é uma identidade subjetiva em vez de uma discriminação objetiva com base no sexo biológico. Em sua visão, a ideia de que qualquer pessoa pode (vir a) ser mulher anula não só a luta das mulheres cisgênero que alcançaram direitos básicos, mas também daquelas que ainda sofrem, ao redor do planeta, por não terem a possibilidade de votar, estudar, trabalhar, divorciar-se, entre outras coisas, única e exclusivamente porque são do sexo feminino.

O movimento radical, na opinião da estudiosa supracitada, defende que as mulheres cisgênero são o maior ponto de ataque por parte de padrões machistas desde o nascimento. Para Aline, não há uma guerra ou ódio gratuito por parte das feministas radicais às mulheres trans. No entanto, o feminismo radical entende que a luta trans não tem a ver com o movimento.

Contextualizados esses pontos de contato e conflito entre os homens *gays* cisgênero, os homens transgênero, as mulheres cisgênero feministas radicais e as mulheres transgênero, é válido pontuar como essa discussão, que é tão específica do ativismo de cada estrato social aqui citado, aparece de modo natural nos comentários do *post* 4, sem qualquer contextualização ou explicação. Isso muito provavelmente se deve ao fato de que o objetivo interacional da página, no geral, bem como o propósito comunicativo do *post* vão ao encontro do lugar socio-histórico e do posicionamento político-ideológico dos usuários que curtem/seguem a *Cartazes & Tirinhas LGBT*, a ponto de eles tratarem de questões complexas

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/03/28/por-que-as-feministas-radicaais-nao-reconhecem-mulheres-trans.htm>. Acesso em: 13 jul. 2021.

que envolvem os movimentos feminista e LGBTQIA+ de modo espontâneo, utilizando, inclusive, termos bastante característicos do ativismo, como “binarismo de gênero” e “radfem”.

Aqui (e em toda esta seção de análise de dados), vemos que os fios ideológicos, despreziosamente, retroalimentam práticas de linguagem, impulsionando a disseminação de ideologias já discutidas em sociedades ditas evoluídas, mas que, na verdade, ainda são questões complexas para a maior parte das pessoas. Se há lugar para que esses valores sejam debatidos entre interlocutores, viabilizando que discursos desse tipo sejam pautas entre eles, é indício de que essas ideologias ainda são populares no seio social. Isso ratifica a teoria bakhtiniana de que a metáfora do diálogo acontece a partir da (inter)ação que se dá de modo contínuo e que caracteriza as verdades sociais como manifestação e estandardização de grupos no horizonte ideológico de um lugar socio-histórico e político-ideológico. Assim, os signos não “tocam” as coisas por meio de uma conexão abstrata e objetiva, mas, sim, invadem e são invadidos na camada dos discursos que os reveste, e esse processo é quantitativo e acumulativo em uma determinada organização social, haja vista que ele caracteriza valores sociais que se qualificam — ou que se querem qualificar — como verdadeiros.

Considerando tudo isso, é compreensível que os usuários que interagiram com o *post* 4 façam críticas ao próprio movimento LGBTQIA+ e a outro grupo ativista, qual seja, o Feminismo Radical, pois, tendo em vista o teor da publicação, o posicionamento político-ideológico da página e o público ao qual ela se dirige, é relativamente confortável e seguro censurar questões relativas a esses movimentos sociais, sem, contudo, descredibilizá-los, principalmente perante quem é leigo no assunto. Esse ponto é ratificado pelo fato de esse tipo de crítica aparecer em um dos *posts* que analisamos da *Cartazes & Tirinhas LGBT*, página assumidamente ativista LGBTQIA+, mas não constar em nenhum dos *posts* da *Quebrando o Tabu* (página menos centrada no movimento LGBTQIA+) que figuraram nesta dissertação.

Diante do exposto, nossas análises mostraram que os *posts* de *Facebook* que se propõem a figurar no ativismo LGBTQIA+ utilizam diversos recursos para materializar seus discursos e atingir seus objetivos interacionais em ambiente digital. Isso pode ser visto no quadro a seguir, que apresenta um panorama das estratégias hipertextuais encontradas nos quatro *posts* que analisamos. Essas estratégias foram sistematizadas no referido quadro por meio de um recurso multimodal: a *policromia*¹⁰⁸. Vejamos.

¹⁰⁸ Funciona da seguinte forma: cada estratégia é marcada por uma cor; assim, as que se repetem podem ser facilmente identificadas.

Quadro 3 — Estratégias hipertextuais encontradas nos *posts* 1, 2, 3 e 4

<i>POSTS DE FACEBOOK</i>	ESTRATÉGIAS HIPERTEXTUAIS
<i>POST 1</i>	1- uso da língua escrita para expressar ponto de vista a favor da militância LGBTQIA+; 2- sumarização de todo o conteúdo do <i>post</i> por meio de uma de suas partes; 3- criação de um enunciado que precisa de outros enunciados para fazer sentido; 4- apresentação de textos divididos em blocos; 5- utilização de cores de fundo relacionadas ao movimento LGBTQIA+; 6- destaque de enunciados por meio da sua disposição visual (tamanho da fonte, cor da fonte etc.); 7- interligação de todas as partes do texto — sejam elas imagens, textos verbais, cores e afins —, tornando-as dependentes umas das outras; 8- uso de não ditos.
<i>POST 2</i>	1- uso da língua escrita para expressar ponto de vista a favor da militância LGBTQIA+; 2- trabalho com elementos que conferem ao usuário do <i>Facebook</i> a possibilidade de buscar a publicação original; 3- uso de citações; 4- destaque de enunciados por meio da sua disposição visual (tamanho da fonte, cor da fonte etc.); 5- apresentação de textos divididos em blocos; 6- transcrição de falas com base no padrão de legenda de conteúdos audiovisuais adotado por serviços de <i>streaming</i>, cinemas e programas de televisão; 7- emprego de capturas de tela na construção do <i>post</i>.
<i>POST 3</i>	1- uso da língua escrita para expressar ponto de vista a favor da militância LGBTQIA+; 2- trabalho com elementos que conferem ao usuário do <i>Facebook</i> a possibilidade de buscar a publicação original; 3- destaque de enunciados por meio da sua disposição visual (tamanho da fonte, cor da fonte etc.); 4- emprego de capturas de tela na construção do <i>post</i>; 5- uso de citações.
<i>POST 4</i>	1- uso da língua para expressar ponto de vista a favor da militância LGBTQIA+; 2- escrita de legenda mais extensa em tamanho e que dialoga de modo mais complexo com a figura presente na postagem; 3- utilização de cores de fundo relacionadas ao movimento LGBTQIA+; 4- uso de uma imagem como estratégia de representatividade.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Com base no quadro 3, podemos concluir que, além de todos os *posts* de temática LGBTQIA+ que figuram em nossa amostra utilizarem várias estratégias hipertextuais para atingir seus objetivos interacionais, essas estratégias (frequente ou esporadicamente) se repetem entre eles, sendo o uso da língua escrita para expressar ponto de vista a favor da militância LGBTQIA+ a única que figura em 100% do *corpus* analisado nesta dissertação. Já o destaque de enunciados a partir da sua disposição visual (tamanho da fonte, cor da fonte

etc.) é a segunda estratégia mais utilizada dentro desse contexto, ocorrendo em 75% do *corpus*. Outras táticas que aparecem, em 50% do *corpus*, são *uso de citações; emprego de capturas de tela na construção do post; trabalho com elementos que conferem ao usuário do Facebook a possibilidade de buscar a publicação original; e utilização de cores de fundo relacionadas ao movimento LGBTQIA+*. Todas as outras listadas no quadro acima só figuram em 25% do *corpus*, o que pode indicar uma pontualidade de cada *post* e marcar o estilo individual de seus criadores.

Apresentamos, também, o quadro 4, que se refere à manifestação do dialogismo nas caixas de comentário dos *posts* 1, 2, 3 e 4. Tentamos, aqui, assim como anteriormente, utilizar a técnica da policromia na sistematização dos dados, mas, diferentemente do quadro anterior, nesse, as informações não se repetiram (muito provavelmente por causa das temáticas dos *posts*, que eram sortidas). Assim sendo, apenas listamos, de forma bastante resumida, alguns dos diálogos encontrados em nossa amostra de comentários (que inclui, também, réplicas e tréplicas). Dito isso, vejamos, então, o quadro.

Quadro 4 — Diálogos encontrados nas caixas de comentário dos *posts* 1, 2, 3 e 4

POSTS DE FACEBOOK	COMENTÁRIOS, RÉPLICAS E TRÉPLICAS
<i>POST 1</i>	1- apoio em dogmas religiosos para exposição de ponto de vista; 2- estratégia de descridibilização do comentário original por meio da utilização de uma mesma base argumentativa para marcar um posicionamento ideológico e uma atitude valorativa totalmente contrária ao que foi enunciado por seu opositor, com o auxílio de uma forte carga humorística para isso. 3- confronto de argumentos situados em diferentes lugares sociais, a exemplo de religião, ciência e história; 4- uso de metáfora para didatizar o assunto do <i>post</i>; 5- troca de experiências e conhecimentos, inerentes ao diálogo, no compromisso e na sensatez da ação-reflexão, objetivando a humanização da realidade que está posta.
<i>POST 2</i>	1- relatos de pessoas LGBTQIA+ sobre suas experiências no que se refere à temática abordada pelo <i>post</i>; 2- pequenas resenhas/avaliações sobre o filme retratado no <i>post</i>.
<i>POST 3</i>	1- comentários sobre a não compreensão do <i>post</i>; 2- reformulação do conteúdo do <i>post</i>, destacando algumas partes mais complexas da discussão proposta pela página naquela publicação; 3- retextualização do <i>tweet</i> que compunha o <i>post</i>;
<i>POST 4</i>	1- questionamentos sobre argumentos do discurso LGBTQIA+(fóbico) baseados nas ciências biológicas; 2- reflexões sobre o movimento LGBTQIA+ e o movimento feminista.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

A partir desse levantamento, percebemos que, nos comentários de *posts* de *Facebook* de temática LGBTQIA+, muitas áreas do conhecimento e diferentes campos de atividade

humana se entrecruzam. Nesse espaço, *ouvinte* faz-se *falante* e, por sua vez, aguarda um *feedback* de sua réplica, além de dialogar com os demais participantes da cena enunciativa — os outros comentadores — e não só com eles, mas também com a temática em sua dimensão social, acompanhada dos já-ditos e das muitas vozes sociais que circulam no ambiente digital no qual estão situadas as publicações. O quadro nos revela, também, que, no ato de dialogizar, o ser humano, de forma alguma, se mostra submetido de modo completo aos discursos sociais. A singularidade de cada pessoa no “simpósio universal”, portanto, se dá na interação viva das vozes sociais. Nesse “simpósio universal”, cada ser humano é social e individual, o que gera apreciações valorativas e atitudes responsivas múltiplas sobre uma mesma temática.

Posto isso, diante da análise, da discussão e da comparação dos dados investigados nesta dissertação, discorreremos, na seção a seguir, acerca de algumas possibilidades e expectativas de investigações futuras, assentadas nas (in)conclusões sobre respostas que encontramos para nossas perguntas de pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Esta dissertação se propôs investigar o dialogismo e as estratégias de hipertextualização de enunciados/discursos utilizadas em *posts* de *Facebook* para materializar a escrita de militância LGBTQIA+(fóbica) e (des)cumprir vontades/intenções discursivas. Para tanto, estabelecemos dois objetivos específicos, a saber: (i) descrever os signos e os recursos hipertextuais que integram as formas interativas do *post* de *Facebook*; e (ii) analisar a interação — isto é, o encontro/diálogo de várias vozes — entre os sujeitos envolvidos no discurso LGBTQIA+(fóbico) enunciado no gênero *post* de *Facebook*. Visando cumpri-los, estabelecemos duas perguntas de pesquisa, que foram respondidas gradativamente, a cada passo de nossa análise.

Isso posto, esta seção compreende as considerações (não) finais — concluídas a partir do que foi possível investigar dentro das limitações espaço-temporais de um trabalho de Mestrado Acadêmico — acerca de nossos questionamentos iniciais (destrinchados a seguir). Para além disso, salientamos, também, algumas — dentre muitas — questões que são passíveis de serem pormenorizadas em futuros trabalhos. Esses *insights* são expostos aqui tanto para evidenciarmos frentes de pesquisa que pretendemos seguir a partir da base que construímos ao longo desta dissertação, quanto para apresentarmos caminhos que podem ser desbravados por outros pesquisadores que se interessem por esse objeto de estudo.

Em relação à primeira pergunta de pesquisa — quais estratégias de hipertextualização de enunciados/discursos são utilizadas em *posts* de *Facebook* para materializar a escrita de militância LGBTQIA+? —, confirmamos a nossa hipótese inicial de que os gêneros discursivos apresentam uma plasticidade para se harmonizar às práticas sociais, funcionais e dialógicas do sistema ao qual estão filiados. Isso posto, cada gênero discursivo é, de certo modo, acomodatório a mecanismos multimodais do meio digital, e o *Facebook*, por oferecer vários desses recursos aos seus usuários, faz-se, assim, um meio de comunicação/interação virtual que engendra, manipula e compila as mais variadas estratégias de hipertextualização de discursos em seus conhecidos *posts*.

Nesse sentido, percebemos que publicações de *Facebook* que tematizam a militância LGBTQIA+ apostam em táticas que se subdividem em dois grupos, quais sejam:

- 1) *tentativa de chamar a atenção do leitor*: destaque de enunciados por meio da sua disposição visual (tamanho da fonte, cor da fonte etc.); apresentação de textos

divididos em blocos; uso de uma imagem como estratégia de representatividade; criação de um enunciado que precisa de outros enunciados para fazer sentido;

- 2) *tentativa de facilitar a compreensão do discurso*: uso da língua escrita para expressar pontos de vista a favor da militância LGBTQIA+; sumarização de todo o conteúdo do *post* por meio de uma de suas partes; interligação de todas as partes do texto — sejam elas imagens, textos verbais, cores e afins —, tornando-as dependentes umas das outras; uso de citações; escrita de legenda mais extensa em tamanho e que dialoga de modo mais complexo com a imagem presente na postagem; utilização de cores de fundo relacionadas ao movimento LGBTQIA+; uso de não ditos; emprego de capturas de tela na construção do *post*.

Vale ressaltar, no entanto, que uma especificidade de nossa hipótese inicial não foi totalmente confirmada: pensamos que os usuários do *Facebook* utilizariam estratégias hipertextuais para tornar o enunciado rico em conteúdo, tais como *links* para textos, vídeos, páginas e afins que se aprofundam na temática LGBTQIA+. O que concluímos, a partir da análise dos dados, foi que há, sim, um trabalho com elementos de *linkagem*, mas estes são utilizados majoritariamente para conferir ao usuário do *Facebook* a possibilidade de buscar a publicação original, quando esta não é uma criação própria dos moderadores/administradores de uma página. Os *links* funcionam, então, como uma tentativa de marcar os direitos autorais de uma postagem (algo importante dentro de um ambiente tão complexo como o ciberespaço), mas não como uma extensão dela para um conteúdo mais detalhado sobre o assunto tratado.

Julgamos que, possivelmente, isso se deva ao fato de o *Facebook* ser um suporte de rede social que oferta bastante espaço (em se tratando de caracteres escritos) e recursos para que seus usuários concretizem suas vontades discursivas, algo que talvez seja diferente em outros suportes semelhantes a ele, como o *Instagram* — que prioriza fotos e vídeos curtos, — e o *Twitter* — que possui uma limitação de 240 caracteres escritos para cada *post*. Isso pode ser comprovado ou refutado em trabalhos futuros que comparem esses e outros *sites* de rede social a partir de publicações que hipertextualizem uma mesma temática. Essa comparação provavelmente descortinará muito mais detalhes sobre o processo de materialização de enunciados em ambiente digital, estejam eles inseridos no tópico LGBTQIA+(fóbico) ou em quaisquer outros campos político-ideológicos.

Para além disso, a partir do *corpus* analisado, vimos que no processo de materialização do discurso LGBTQIA+ em um *post* de *Facebook*, a compilação de estratégias hipertextuais interfere positivamente na recepção do enunciado, pois, juntas, elas servem a um único

objetivo interacional, mesmo que cada uma delas corresponda a um elemento do todo significativo da postagem. Posto isso, muitas dessas estratégias se repetem frequentemente em grande parte dos *posts* que tematizam a diversidade sexual e de gênero, o que, aparentemente, indicia a produtividade delas no que diz respeito ao cumprimento das vontades discursivas dos usuários do *Facebook*.

Tendo isso em vista, em pesquisas futuras, uma questão que pode ser observada é o efeito da utilização dessas (e de outras) estratégias de hipertextualização do discurso de militância LGBTQIA+ em *posts* de *Facebook* no que diz respeito ao (não) alcance de objetivos interacionais e ao (não) angariamento de capital social. Para isso, o engajamento do público (os usuários da rede social *Facebook*) com as postagens seria investigado. A ideia é mostrar quais estratégias (não) funcionam (mais ou menos) na discussão e consequente efetivação de vontades discursivas, e como isso se revela no capital social, isto é, nos “números” (curtidas, comentários e compartilhamentos) angariados por cada *post*. Assim, a análise dos dados se torna não apenas qualitativa, mas também quantitativa, abarcando variáveis extralinguísticas.

Ademais, as observações feitas neste trabalho, ao que parece, revelam uma ligação entre as estratégias hipertextuais que se fazem presentes em nosso *corpus* e a categoria que elegemos para análise — questões de (auto)aceitação e de assunção/*coming out* do sujeito LGBTQIA+ —, a qual, de certo modo, limita os dados ao campo cotidiano da atividade humana. Isso posto, há que se considerar, também, que, no Brasil e no mundo, as lutas políticas acerca do asseguramento de direitos civis para lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis/transsexuais e outros grupos ainda está bastante distante do fim. Como salientam Mello *et al.* (2012), não existe, no planeta, um acordo social minimamente pactuado que garanta os direitos civis de membros desses segmentos sociais. A LGBTfobia de Estado, institucionalizada legalmente por meio da desproteção jurídica em diversos campos da vida social para pessoas pertencentes a essa comunidade, não encontra nenhum correspondente quando equiparada a outras fontes de opressão, mesmo nos ditos países democráticos na contemporaneidade.

Em vista disso, um dos grandes desafios da atualidade é eliminar a diversidade sexual e de gênero do rol dos ascos sociais, dado que essas heterogeneidades são motivo de uma intolerância disseminada e alimentada por discursos e práticas fundamentalistas, associando-se, como asseveram Mello *et al.* (2012, p. 159), a um machismo estrutural, resultado de um patriarcado que considera a não cisheterossexualidade como algo monstruoso, doentio ou antinatural. Considerando essa discussão, uma outra categoria de análise pode ser definida,

qual seja, *questões institucionais (governamentais e sociais) que envolvem o público LGBTQIA+*. Com isso, é possível verificar se as estratégias hipertextuais utilizadas pelos usuários do *Facebook* para materializar a militância LGBTQIA+ são as mesmas dentro dos campos cotidiano e institucional da atividade humana, o que amplia substancialmente as possibilidades de discussão.

Outrossim, confirmamos, ao longo da análise, que as comunicações globais instantâneas permitidas e alavancadas pela internet viabilizam a troca de informações, de qualquer tipo, irrestritamente. A popularização das redes sociais on-line fez com que trivialidades, discussões, declarações, inconfidências e afins alcançassem escala mundial. Mas, ao passo em que esse fato gera benefícios à sociedade, como a hipertextualização da militância LGBTQIA+, que promove discussões esclarecedoras e humanizadoras, proporcionalmente, as *fake news* também ganharam espaço no ambiente virtual. Lutamos, atualmente, contra um maremoto de desinformação presente nas mais diversas frentes, incluindo a da diversidade sexual e de gênero. Isso posto, pesquisas que abordem o funcionamento das *fake news* (dentro de qualquer campo político-ideológico, incluindo o LGBTQIA+), sobretudo sob a ótica da Linguística de Texto, destrinchando seus prováveis processos de hipertextualização, ainda são escassas, fato que merece atenção em trabalhos futuros.

Já no que se refere à segunda pergunta de pesquisa — como se dá o dialogismo ao longo dessa enunciação? —, ratificamos, também, a nossa hipótese inicial de que o dialogismo se revela em *posts* de *Facebook* que discutem a militância LGBTQIA+ a partir, principalmente, de comentários de pessoas que fazem parte dessa comunidade ou que a apoiam, e por meio de enunciados produzidos por sujeitos LGBTQIA+fóbicos. Nas caixas de comentário, podemos encontrar argumentos concordantes ou discordantes das postagens, que se embasam em posicionamentos político-ideológicos de indivíduos que acompanham as páginas que tratam do tema, ou que simplesmente se deparam com as publicações. Esses comentários se agregam aos *posts* de modo que se tornam parte daqueles textos e acrescem às discussões calorosas réplicas e tréplicas, as quais trazem (des)conhecimentos científicos, religiosos, históricos etc. e costumam aprofundar os assuntos e (des)humanizar o público que se engaja com eles.

Ao longo da análise, constatamos que bagagens socioculturais, demandas socio-identitárias, construções socioafetivas, atravessamentos sócio-políticos e diversas outras idiosincrasias que integram o *ser sujeito* se materializam nas arguições dos usuários do *Facebook*, pois, como salientamos em diversos momentos ao longo deste trabalho, a

língua(gem) não é neutra, mas, sim, essencialmente ideológica. Cada comentário feito pelos sujeitos que se engajaram com os quatro *posts* pormenorizados nesta dissertação manifestou enunciados construídos socio-historicamente. Nesse sentido, algumas questões se destacaram, como: relatos de pessoas LGBTQIA+ sobre suas experiências no que se refere à temática abordada pelo *post*; questionamentos sobre argumentos do discurso LGBTQIA+(fóbico) baseados nas ciências biológicas; reflexões sobre o movimento LGBTQIA+ e o movimento feminista; e apoio em dogmas religiosos para exposição de ponto de vista. Todos esses tópicos suscitaram discursos e sentidos heterogêneos no ato enunciativo proporcionado por essa ferramenta hipertextual.

Para além disso, outra questão que se sobressaiu na análise dos dados foi o fato de os usuários do *Facebook* utilizarem a caixa de comentários como uma ferramenta para tentar, de alguma forma, didatizar o conteúdo dos *posts*. Exemplos disso são: uso de metáfora para explicar o *post*; troca de experiências e conhecimentos, inerentes ao diálogo, no compromisso e na sensatez da ação-reflexão, objetivando a humanização da realidade que está posta; reformulação do conteúdo do *post*, destacando algumas partes mais complexas da discussão proposta pela página naquela publicação; e retextualização de enunciados que compunham o *post*.

Diante do exposto, é possível considerarmos os comentários de uma publicação, conforme afirmamos na análise dos dados, como uma das partes que compõem um hipertexto *facebookiano*. Por meio deles, os usuários de *Facebook* mostram quem são: pelos elos dialógicos que firmam com situações que se constituem por meio de relações de contraste, distinção, diferença. Como as interações sociais no ciberespaço abarcam milhões de indivíduos nos mais variados lugares do mundo e com ideologias dessemelhantes, a tensão entre sortidas vozes gera, com bastante frequência, discursos polêmicos, como mostram Oliveira e Cunha (2021). Esse tipo de discurso tem dominado os sites de redes sociais e, como todo usuário possui a prerrogativa de explicitar sua opinião, de qualquer forma, acerca de qualquer assunto, isso ocasiona tensões e, em alguns casos, até mesmo violência verbal entre as vozes dos diferentes campos ideológicos.

Tendo em vista que os discursos polêmicos são tipicamente dialógicos — uma vez que se constituem a partir de uma relação conflituosa (CUNHA, 2013, p. 242) — e que neles ocorre um confronto de pontos de vista, e, conseqüentemente, de vozes sociais que soam e ressoam o lugar sócio-histórico e político-ideológico de certa situação comunicativa, há que se investigar essa polaridade de opiniões que se revela na discussão de assuntos que ainda são tabus na/para a sociedade brasileira, como é o caso da agenda LGBTQIA+. Dito isso,

considerando que os usuários que discutem postagens por meio da caixa de comentários parecem exercer a função de coautores do *post* — haja vista que os debates propostos por eles integram as publicações não de modo acessório, mas, sim, elementar —, uma possível frente de pesquisa para trabalhos futuros é analisar como a refração, a plurivocidade e o heterodiscurso trabalham na dinâmica da polêmica discursiva, seja ela, nos termos de Bakhtin (2018), aberta ou velada.

Para concluir, frisamos que mesmo em um trabalho extenso, como é uma dissertação de Mestrado, não é possível responder a todas as perguntas que envolvem um gênero discursivo digital tão multifacetado quanto o *post* de *Facebook*, bem como sua materialização em hipertextos que discutem a pauta LGBTQIA+ e seus enfrentamentos. Assim sendo, investigações futuras podem deslindar inúmeros outros pontos sobre esse gênero tão popular e tão útil à sociedade. O *post* de *Facebook* pode oportunizar e fomentar o diálogo entre sujeitos que almejam a construção um mundo mais justo, equânime e esperançoso, no qual a LGBTQIA+fobia é combatida e não impulsionada por regimes arregimentadores. Essa é, inclusive, de acordo com a BNCC (2018), uma demanda das próprias escolas: abarcar criticamente as “novas” práticas de linguagem e produções, não apenas visando atender às diversas necessidades sociais no que se refere ao uso responsável e competente das TDICs, mas também utilizando essas interfaces para promover o debate sobre as mais variadas temáticas (e problemáticas) que circundam o seio social, reconhecendo os discursos de ódio e a linha tênue entre liberdade de expressão e abuso de direitos. Muito já foi dito, mas, definitivamente, ainda há muito a ser feito.

REFERÊNCIAS

- ABREU, V. S. **A abordagem de gêneros discursivos em livros didáticos de português nos anos finais do Ensino Fundamental: o desafio da didatização dos gêneros discursivos digitais**. 2018. 400f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29431>. Acesso em: 3 ago. 2020.
- ALBERNAZ, R. O.; KAUSS, B. S. Reconhecimento, Igualdade Complexa e Luta por Direitos à População LGBT Através das Decisões dos Tribunais Superiores no Brasil. **Psicologia Política**, Florianópolis, v. 34, n. 15, p. 547-561, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000300007. Acesso em: 22 out. 2021.
- ANGONESE, M. **Pornocultura e feminismo: as SuicideGirls ao vivo no Facebook**. 2018. 218f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180117>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- ARAUJO, A. C. M. A. Intertextualidade Imagética: análise das relações imagético-cognitivas mantidas com Pietá de Michelângelo. **Littera**, Pedro Leopoldo, v. 5, p. 1-21, 2014. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/2667/2932>. Acesso em: 13 set. 2021.
- ARAÚJO, J. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 49-64.
- AVELAR, F. T. **A Pragmática dos Emojis na Comunicação Digital**. 2018. 107f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B37NBT>. Acesso em: 17 set. 2020.
- AZEVEDO, A. C. O.; PEREIRA, M. H. M.; GUERRA, F. S. Estratégias de adequação estrutural no Twitter: ajustes hipertextuais ao limite de 280 caracteres. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE, 14., 2020, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2020. p. 1-8. Sigla do evento: CILTEC. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/17713/1125613670. Acesso em: 8 jan. 2021.
- AZEVEDO, A. C. O.; PEREIRA, M. H. M.; AYRES, D. J. O tweet como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 27, n. 79, supl., jan./abr. 2021. Disponível em: <http://revistaphilologu1.hospedagemdesites.ws/index.php/rph/article/view/111/128>. Acesso em: 24 jun. 2021.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BERNARDO, J. C. O. Hipertexto, diversidade e gênero textual no *Facebook*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 4., 2014, Uberlândia. **Anais** [...]. Uberlândia: EDUFU, 2014. p. 1-9. Sigla do evento: SIELP. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/99.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

BERTE, O.; MARTINS, R. Vogue! Strike a Pose! Se posicione! Dançando (com) Afetos e Imagens. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 7., 2014, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: UFG, FAV, 2014. p. 867-877. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2014-eixo3_vogue_strike_a_pose.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.

BERTO, M; GONCALVEZ, E. Diálogos online: intersemioses do gênero Facebook. **C-Legenda**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p. 100-110, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36887>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BEZERRA, Paulo. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 7-13.

BEZERRA, Paulo. Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 243-249.

BONINI, A. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-63982011000300005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 19 jul. 2020.

BORGES, R.; COSTA, M.; MENEZES, B. Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é o país que mais assassina transexuais. **Metrópoles**, Distrito Federal, 29 jan. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-o-pais-que-mais-assassina-transexuais>. Acesso em: 3 jun. 2021.

BOURDIEU, P. Le capital social: notes provisoires. **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, n. 31, p. 2-3, 1980. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069. Acesso em: 10 abr. 2020.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbovisualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568/12909>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 79-102.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Primeira Versão. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Segunda Versão Revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira Versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 2 abr. 2020.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

BUFFARDI, L.; CAMPBELL, W. K. Narcissism and Social Networking Web Sites. **Personality and Social Psychology Bulletin**, Califórnia, v. 34, p. 1303-1314, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0146167208320061>. Acesso em: 1 dez. 2020.

CAPISTRANO JUNIOR, R.; ELIAS, V. M. S. Práticas de escrita no contexto digital: elementos multimodais e coerência textual. In: GUALBERTO, C. L.; PIMENTA, S. M. O.; SANTOS, Z. B. (org.). **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 157-182. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332207001_Multimodalidade_e_ensino_multiplas_perspectivas. Acesso em: 8 jan. 2021.

CARAVACA-MORERA, J. A.; PADILHA, M. I. Representações sociais do sexo e gênero entre pessoas trans. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 6, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Kv57myfLRJKgHCMGytwVSxF/?lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2022.

CARUZO, M. S. Devassos no Paraíso. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 75-77, 2020. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/450. Acesso em: 13 jun. 2021.

CASTELLS, M. Communication, Power and Counter-power in the Network Society. **International Journal of Communication**, Califórnia, v. 1, p. 238-266, 2007. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46/35>. Acesso em: 21 fev. 2021.

CORINO, L. C. P. Homoerotismo na grécia antiga – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. **BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 19, p. 19-24, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23836>. Acesso em: 7 jul. 2021.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. **ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 168-187, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2020.

COSTA, R. R. **A TV na Web: percurso da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia**. 2010. 173f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8852>. Acesso em: 17 fev. 2021.

COSTA, S. M. **Tweet: reelaboração de gêneros em 140 caracteres**. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8258>. Acesso em: 27 jan. 2021.

COSTA VAL, M. G. F. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA JUNIOR, J. **Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa**. São Paulo: UNESP, 2004. p. 1-22. Disponível em: https://www.academia.edu/19607981/TEXTO_TEXTUALIDADE_E_TEXTUALIZA%C3%87%C3%83O. Acesso em: 11 mar. 2021.

COSTA VAL, M. G. F. **Redação e Textualidade**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

COSTA-HÜBES, T. C. Reflexões teórico-metodológicas para o trabalho com os gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5., 2009, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2009. p. 1-17. Sigla do evento: SIGET. Tema: O ensino em foco. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/reflexoes_teorico-metodologicas_para_o_trabalho_com_os_generos_textuais_nas_aulas.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DIOGUARDI, G. **Argumentação e Redes Sociais: o tweet como gênero e a emergência de novas práticas comunicativas**. 2014. 231f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28112014-192311/publico/2014_GabrielaDioguardi_VCorr.pdf. Acesso em: 19 nov. 2020.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

EVANS, V. **The emoji code**. New York: Picador, 2017. Disponível em: <https://rk1bukz.cf/book.php?id=aCy2DQAAQBAJ>. Acesso em: 6 fev. 2021.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 79-123, 2003. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20788_arquivo.pdf. Acesso em: 4 jan. 2022.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERRAZ, D. M. Multiletramentos: Epistemologias, ontologias ou pedagogias? Ou tudo isso ao mesmo tempo? In: GUALBERTO, C. L.; PIMENTA, S. M. O.; SANTOS, Z. B. (org.). **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018, p. 62-87.

FERRAZ, T. Movimento LGBT: a importância da sua história e do seu dia. **Politize!**, Florianópolis, 28 jun. 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>. Acesso em: 17 fev. 2021.

FILHA, T. M. S. P. **Em busca do “Match Perfeito”**: Pedagogias do encontro no *tinder* e *facebook*: uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação. 2018. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188525/001086981.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 ago. 2020.

FLORES, N. M.; CERVO, L. M. *Textão* nas redes sociais: o dizer online. **Linguagens & Cidadania**, Santa Maria, v. 19, p. 1-21, jan./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/h/pdf>. Acesso em: 5 abr. 2020.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.

FOUCAULT, M. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo**. São Paulo: Landy Editora, 2005.

FRANCO, C. H. P. Beije um garoto. Eu sou gay? Caminhos para pensar Adolescência e Homossexualidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 1, p. 128-142, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/13741>. Acesso em: 21 dez. 2020.

GATTI, B. Quais são as bandeiras LGBTQIA+ e o que elas significam? **Revista Galileu**, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/06/quais-sao-bandeiras-lgbtqia-e-o-que-elas-significam.html>. Acesso em: 06 dez. 2021.

GONÇALVES, A. V. O fazer significar por escrito. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE LINGUAGEM E SIGNIFICAÇÃO E V SIMPÓSIO DE LEITURA DA UEL, 4., 2004, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2004. p. 01-06. Tema: Fronteiras da Linguagem.

GRILLO, S. V. C. Enunciados verbo-visuais na divulgação científica. **Revista da Anpoll**, [s. l.], v. 2, n. 27, p. 215-243, 2009. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/149/159>. Acesso em: 5 jan. 2021.

GRILLO, S. V. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais. Tradução de Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Salemm Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grando. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 101-145, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>. Acesso em: 16 ago. 2020.

GUERRA, F. S.; PEREIRA, M. H. M. A materialização do enunciado em mídias digitais: o(s) feminismo(s) hipertextualizado(s) em posts de Facebook. **Caminhos em Linguística Aplicada** Taubaté, SP, v. 25, n. 2, p. 123-143, 2021. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/3282/2045>. Acesso em: 13 fev. 2022.

GUERRA, F. S.; PEREIRA, M. H. M. Dialogicidades em Diálogo: um *post* de *facebook* à luz de Valentin Volóchinov e Paulo Freire. In: DI CAMARGO JR., I.; PEREIRA, M. H. M. (org.). **Educação e Linguagem no Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Mentis Abertas, 2021.

GUERRA, F. S.; PEREIRA, M. H. M.; PRADO, A. C. D. R. Nuances da enunciação em ambiente digital: o hipertexto revelado em *posts* de militância LGBTQIA+ no *Facebook*. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 27, n. 79, supl. p. 909-917, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://revistaphilologu1.hospedagemdesites.ws/index.php/rph/article/view/95/106>. Acesso em: 28 jun. 2021.

HELMS, Monica. The Veteran Who Created The Trans Pride Flag Reacts To Trump's Trans Military Ban. [Entrevista cedida a] Branson LB. **BuzzFeed News**, Nova York, 26 jul. 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/bransonlb/the-veteran-who-created-the-trans-pride-flag-reacts-to>. Acesso em: 6 jun. 2021.

JAEGER, M. B.; LONGHINI, G. N.; OLIVEIRA, J. M.; TONELI, M. J. F. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 2, n. 11, p. 1-16, maio/out. 2019. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/20150/1/28011-124365-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

KESSLER, C. S. Novas formas de relacionamento: Fim do amor romântico ou um novo amor-consumo? **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 363-374, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70332866012.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2021.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e Coerência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Oxford University Press, 2001.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (org.). **A new literacies sampler**. Nova York: Peter Lang, 2007.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 22 abr. 2020.

LEVY, P. **Becoming virtual: reality in the digital age**. Nova York: Plenum, 2007.

LIMA, S. C. **Hipergênero: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado**. 2013. 273f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13377>. Acesso em: 6 jun. 2020.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005. p. 13-67.

MARTINEZ, F. J. Militantes e radicais da quarta onda: o feminismo na era digital. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2021, p. 1-14. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/jTjDvt7MK4h4vjnjPwchhZR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2021.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2. sem. 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12453>. Acesso em: 12 nov. 2020.

MELO, R. Gêneros do discurso e multiletramentos: uma discussão dialógica. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 895-908, 2014. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/489/368>. Acesso em: 1 jun. 2020.

MENDES, R. S.; VAZ, B. J. O.; CARVALHO, A. F. O Movimento Feminista e a Luta pelo Empoderamento da Mulher. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero & Direito**. João Pessoa, v. 1, p. 88-99, 2015.

MODOLO, A. D. R. **Formas responsivas no Facebook: curtir, compartilhar e comentar a divulgação científica em rede social**. 2018. 448f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22082018-115352/publico/2018_ArturDanielRamosModolo_VCorr.pdf. Acesso em: 6 abr. 2021.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

MOURA, I. H. F. S. Ousando teimar por liberdade: trajetória e lutas do movimento lgbt no Brasil. **Revista Includere**, Mossoró, v. 2, n. 1, p. 236-239, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/6030>. Acesso em: 29 maio 2020.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. **Trends in Psychology/Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1543-1556, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/M7ckhVvTmWTxRDQcFN9YYmK/?lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2021.

OLIVEIRA, M.; MAIO, E. R. Você tentou fechar as pernas? A cultura machista impregnada nas práticas sociais. **Revista Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1-18, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25199/18018>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PEREIRA, D. R. M. **Semiótica e ensino**: ajustamentos sensíveis em gêneros digitais da esfera educacional. 2013. 277f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-27012014-102546/publico/2013_DaniervelinRenataMarquesPereira_VCorr.pdf. Acesso em: 8 jul. 2020.

PRADO, A. C. D. R.; PEREIRA, M. H. M. Escrita acadêmica: a resenha como produto de retextualização. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 14, n. 2, p. 255-273, 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/7992/114114272>. Acesso em: 2 jul. 2021.

PRADO, A. C. D. R. **Participação, negociação e escolhas**: como acontece a escrita conjunta no processo de construção de uma resenha? 2019. 154f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Disponível em: <https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/163/142>. Acesso em: 07 jun. 2020.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e Democracia**: a experiência da Itália moderna. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, T. (org.) **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

RIBEIRO, P. B. Funcionamento do gênero do discurso. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 1. sem. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3370>. Acesso em: 08 ago. 2020.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. H. R. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas do professor? In: KLEIMAN, A. B. (org.). **A formação do professor**: perspectivas da linguística aplicada. Campinas: Mercado das Letras, 2001. p. 313-335.

ROJO, R. H. R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: Rede do Saber/CENP SEE-SP, 2004.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R. H. R. Apresentação: Protótipos didáticos para os multiletramentos. *In*: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012a. p. 7-10.

ROJO, R. H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. *In*: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012b. p. 11-31.

ROJO, R. H. R. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. *In*: ROJO, R. H. R. (org.). **Multiletramentos e as TICs: escol@ conect@d@**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 9-32.

ROJO, R. H. R., MELO, R. Letramentos contemporâneos e a arquitetônica Bakhtiniana. **DELTA**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 271-289, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v33n4/1678-460X-delta-33-04-1271.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

RUSKOWSKI, B. O. **Ativismo Tecnicamente Mediado**: transformações do ativismo em plataformas de mídias sociais. 2018. 194f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/194640>. Acesso em: 14 set. 2020.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 206-216, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19516/15611>. Acesso em: 8 mar. 2021.

SANTOS, S. P.; SILVA, E. P. Q. Ensino de Biologia e transsexualidade. **Ensino em re-vista**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 147-172, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/48831>. Acesso em: 6 jul. 2021.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 19-54, 2007.

SILVA, K. R. S.; TIBÚRCIO, M. M. V. R. **Reflexões sobre masculinidades e suas repercussões no contexto escolar**. Recife: Faculdade Pernambucana de Saúde, 2020.

SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de Religião**, São Bernardo do

Campo, v. 30, p. 129-154, 2016. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6309/5485>. Acesso em: 03 ago. 2020.

SILVEIRA, E. Apocalipse bíblico: fúria divina sobre a terra. **Superinteressante**, [s.l.], 26 maio 2012. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/apocalipse-biblico-furia-divina-sobre-a-terra/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris: do homossexual ao movimento LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SPERANDIO, N. E. Multimodalidade e processamento metafórico em um texto digital: abordando o sentido a partir da interação entre o verbal e o imagético. **Hipertextus**, Recife, v. 8, p. 3, jun. 2012. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume8/06-Hipertextus-Vol8-Natalia-Elvira-Sperandio.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TUFEKCI, Z. Grooming, Gossip, Facebook and Myspace: What Can We Learn About These Sites From Those Who Won't Assimilate? **Information, Communication & Society**, York, v. 11, p. 544-564, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13691180801999050>. Acesso em: 1 maio 2020.

VAN LEEUWEN, T. Multimodality. In: SIMPSON, J. **The routledge handbook of applied linguistics**. London; New York: Routledge, 2011. p. 668-682.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia** – ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

XAVIER, A. C. S. Hipertexto: novo paradigma textual? In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE SÃO PAULO, 17., 1999, Bauru. **Resumos** [...]. Bauru: GEL, 1999. p. 177-192.

XAVIER, A. C. S. Hipertexto: mais um gênero do discurso? In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DE SÃO PAULO, 48., 2000. **Resumos** [...]. Assis: GEL, 2000. p. 1-8. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL_XXX/ART206-2.pdf. Acesso em: 29 mar. 2020.

XAVIER, A. C. S. **Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269080#:~:text=Carlos%20dos%20Santos,-,O%20hipertexto%20na%20sociedade%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%3A%20a%20>

0constitui%C3%A7%C3%A3o%20do%20modo,da%20Linguagem%2C%20Campinas%2C%20SP. Acesso em: 29 jul. 2020.

XAVIER, A. C. S. Leitura, texto e hipertexto. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas e construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2009. p. 207-220.

XAVIER, A. C. S. **A Era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Pipa Comunicação, 2013.

XAVIER, A. C. S. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 73-90, dez. 2015. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1302>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ZIMMERMAN, L.; DARNELL, D. A.; RHEW, I. C.; LEE, C. M.; KAYSEN, D. Resilience in community: A social ecological development model for young adult sexual minority women. **American Journal of Community Psychology**, Champaign, v. 55, p. 179-190, 2015. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1007/s10464-015-9702-6>. Acesso em: 6 jul. 2021.